



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

JOZIMAR FARIAS DE SOUZA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE:
uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky

Rio Branco/AC

2025

JOZIMAR FARIAS DE SOUZA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE:

uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Acre como requisito de avaliação para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Práticas de Ensino de Filosofia
Linha de Pesquisa: Práticas Dialógicas para o Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. João Francisco Lopes de Lima

Rio Branco/AC

2025

Ficha Catalográfica
Biblioteca Central da UFAC

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S729e Souza, Jozimar Farias de, 1988 -
O ensino de filosofia no contexto da hipermodernidade: uma
leitura a partir de Gilles Lipovetsky / Jozimar Farias de Souza;
orientador: Prof. Dr. João Francisco Lopes de Lima. – 2025.
181 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre,
Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em
Filosofia. Rio Branco, 2025.
Inclui referências bibliográficas e anexo.

1. Ensino de filosofia. 2. Lipovetsky, Giles, 1944-. 3. Educação.
I. Lima, João Francisco Lopes de (orientador). II. Título.

CDD: 107

Bibliotecária: Alanna Santos Figueiredo – CRB 119/1003.

Jozimar Farias de Souza

O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE:

uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky

A presente Dissertação de Mestrado, realizada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia foi avaliada em 28 de abril de 2025 e foi considerada APROVADA por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. João Francisco Lopes de Lima
Orientador – Presidente da Banca - Universidade Federal do Acre

Prof. Dr. Manoel Coracy Saboia Dias
Examinador Interno - Universidade Federal do Acre

Prof^a Dr^a Márcia Eliane Leindcker da Paixão
Examinadora Externa – Universidade Federal de Santa Maria

Rio Branco/AC

2025

À minha mãe;
à minha irmã Clecilene e sobrinha Ana Júlia;
ao meu amigo João Francisco;
ao meu amigo Lucas Muniz.

AGRADECIMENTOS

Ao querido amigo e mestre, Prof. Dr. João Francisco Lopes de Lima, que, com paciência e empatia, foi muito mais do que um orientador, foi um verdadeiro farol nesta jornada. Desde o início, acolheu-me com generosidade e esteve sempre pronto a estender a mão nos momentos mais desafiadores, ajudando-me a encontrar caminhos quando tudo parecia nebuloso. Sua orientação foi como um “GPS” acadêmico e existencial: guiou-me com precisão, mas também me deu liberdade para errar o caminho e aprender com os desvios.

Foi João Francisco quem me apresentou ao universo hipermoderno de Gilles Lipovetsky. E que descoberta fascinante! Rapidamente, mergulhei nas leituras e me vi absorvido pelos conceitos e características da hipermodernidade — um mundo de relações efêmeras, superficialidade e narcisismo exacerbado. Mas eis que, no meio deste cenário, João Francisco surgiu como uma exceção à regra: um ser humano que transcendeu a lógica da hipermodernidade, revelando-se um parceiro, um amigo, um verdadeiro irmão de caminhada. Sua postura solidária foi o melhor antídoto contra o individualismo e a liquidez das relações contemporâneas.

O caminho até aqui, do ponto de vista pessoal, foi árduo, pesado em muitos momentos, mas João Francisco esteve sempre presente, ajudando a aliviar o fardo e garantindo que eu não desistisse do meu objetivo. Como um sábio, certa vez me disse: "O ser humano precisa aprender as vantagens de ser bom. As de ser mau já são itens de série". E foi com essa visão lúcida da condição humana que ele me inspirou, dia após dia, a seguir adiante.

E se há um momento que jamais esquecerei, foi sua visita ao hospital, quando estive internado. Entre a fragilidade do corpo e os desafios que a mente me impunha na ocasião, ali estava João Francisco, mais uma vez, demonstrando que a filosofia não se faz apenas nos livros, mas no ato humano de cuidar, acolher e estar presente. Como dizia Aristóteles, "a amizade é uma alma que habita dois corpos", e naquele instante compreendi, de forma ainda mais profunda, o verdadeiro significado da fraternidade.

Agora, um parêntese necessário: espero, em breve, conseguir tomar café sem açúcar, mas caso essa façanha permaneça inalcançável, nos reencontraremos para brindar — cada um com seu café, claro! O meu, inevitavelmente, adoçado. Afinal, certas tradições são difíceis de romper, e algumas teimosias merecem ser preservadas!

Por fim, professor, amigo e grande mestre, se esta dissertação é um marco em minha trajetória, saiba que sua presença foi uma das grandes forças propulsoras para que eu chegasse

até aqui. Se a vida acadêmica muitas vezes se assemelha a uma batalha, você foi um dos aliados mais valiosos que encontrei no *front*. E como todo guerreiro que sobrevive à jornada, encerro este ciclo com um sentimento de imensa gratidão e a certeza de que, sem sua amizade e orientação, este momento não teria o mesmo brilho.

À minha amada mãe, Dona Maria de Fátima, a primeira e maior filósofa da minha vida. Foi ela quem me ensinou a arte de viver, guiando-me com seus saberes empíricos, sua intuição aguçada e seu coração generoso. Com mãos habilidosas e conhecimento ancestral, curava minhas doenças com alquimias de ervas e plantas medicinais, cujo propósito só ela compreendia. Como uma verdadeira guardiã do saber popular, transmitia seus ensinamentos sem jamais precisar recorrer a tratados ou teorias; sua escola é a vida, e sua sabedoria, uma herança valiosa que carrego comigo.

Foi ela quem me ensinou os princípios éticos e morais que norteiam minha caminhada, sempre repetindo com firmeza e ternura: “Meu filho, honre seu nome, evite sujá-lo, é preferível ter um nome limpo do que dinheiro no bolso”. Com essa máxima, aprendi que caráter e integridade são riquezas inestimáveis, mais valiosas do que qualquer bem material.

Minha mãe, que sozinha criou sete filhos, foi mãe, pai e, acima de tudo, amiga. Com ela, aprendi a ouvir conselhos, a reconhecer a força do cuidado e da palavra dita no momento certo. Uma Sócrates moderna, ela sempre me advertia: “Meu filho, quem não ouve conselho, escuta pancadas”. E quantas vezes suas palavras me salvaram de escolhas erradas, evitando quedas desnecessárias!

Ao Coordenador do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Acre, Professor Dr. João Silva Lima, sempre cuidadoso e acolhedor comigo. Esteve presente durante esse percurso, por vezes turbulento, de um modo que vai além das atribuições do coordenador de um programa de pós-graduação. Minha gratidão!

Ao amigo e Professor Dr. Manoel Coracy Saboia Dias, que desde a graduação me incentivou e ajudou a crescer academicamente, do PIBID ao mestrado e que se faz presente na minha banca examinadora, contribuindo com sugestões oportunas para esse trabalho.

À Professora Dra. Márcia Eliane Leindcker da Paixão, que generosamente aceitou participar da banca examinadora e trouxe contribuições importantes para a finalização deste trabalho.

Aos professores e professoras que ministraram aulas durante o Mestrado Profissional em Filosofia, pelo conhecimento compartilhado e reflexões oportunizadas.

À querida amiga da turma do mestrado, Alana Acsa, sempre preocupada e acolhedora, e aos demais colegas da turma que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista.

À comunidade docente do mestrado profissional em Filosofia que contribuíram com seus ensinamentos e sabedoria durante as aulas do mestrado.

Ao meu grande amigo, irmão de outra mãe, Lucas Muniz. Não há palavras suficientes para expressar a gratidão que sinto por ter você ao meu lado nesta jornada. Você sempre será *singular* na minha vida, uma peça essencial no grande quebra-cabeça da minha existência.

À minha família, minha base, minha fortaleza. À minha irmã Clecilene Farias e à minha sobrinha, Ana Julia Farias, por serem parte fundamental da minha vida e sempre acreditarem no meu potencial. A todos os familiares que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista, seja com palavras de incentivo, gestos de amor ou simplesmente com a certeza de que eu não estava sozinho.

À minha amiga Valcilene, cuja presença iluminou minha jornada acadêmica. Seu carinho, cuidado e zelo foram fundamentais para que eu chegasse a este momento tão significativo. A cada desafio enfrentado, esteve ao meu lado, oferecendo não apenas apoio emocional, mas compartilhando seu conhecimento profissional na área da saúde em vários momentos.

Ao meu amigo Jonathan Magalhães, cuja ajuda na transcrição do resumo da minha dissertação do português para o inglês foi inestimável. Agradeço profundamente pelo carinho e cuidado que demonstrou durante todo o processo. Além disso, suas orações e apoio constante me deram forças nos momentos mais desafiadores. Saber que você estava ao meu lado fez toda a diferença. Sou grato por sua amizade e por tudo o que fez por mim.

À minha querida amiga Ester Mukay, que soube acolher minhas angústias e minhas alegrias ao longo dessa trajetória.

À Geny Mukay, um ser de luz, que ilumina o dia de qualquer pessoa só pelo fato de existir.

À minha amiga Valena, cuja presença é um sopro de alegria e sabedoria.

À minha querida gestora e amiga, Juliana Marinho, da escola onde aprendi não apenas a ensinar, mas a ser e a conviver.

Ao meu grande amigo Januário Bonfim, que, com a sabedoria de um verdadeiro filósofo, esteve ao meu lado quando a exaustão e a dúvida quase me fizeram desistir.

Aos amigos e amigas da área de Ciências Humanas da Escola Humberto Soares, que tornaram os dias mais leves e a caminhada mais rica.

A todos os amigos e colegas da Escola Humberto Soares da Costa que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade, meu mais sincero "obrigado".

Finalizo este agradecimento com o coração repleto de gratidão. Se hoje concluo esta etapa, é porque tive ao meu lado pessoas incríveis, que me inspiraram, me acolheram e acreditaram em mim. A caminhada continua, mas levo comigo a certeza de que nenhum sonho se realiza sozinho — e o meu foi construído com a força, o amor e a amizade de vocês.

"Na era hipermoderna, marcada pelo consumismo, pelo efêmero e pela aceleração do tempo, o ensino de filosofia enfrenta o desafio de resistir à lógica da superficialidade, estimulando a reflexão crítica e a autonomia do pensamento"

— Gilles Lipovetsky, 2004, p. 45.

No ensino de Filosofia diante da hipermodernidade, a resistência se dá pela reflexão: educar para além da velocidade, para além da superficialidade.

RESUMO

A dissertação "O ensino de Filosofia no contexto da Hipermodernidade: uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky" analisa o descompasso entre o atual currículo de Filosofia e as exigências da hipermodernidade, conforme conceituada por Gilles Lipovetsky. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se nas obras do autor para demonstrar como o ensino filosófico permanece ancorado em uma visão moderna, enquanto a sociedade contemporânea se caracteriza pelo consumismo, individualismo exacerbado e aceleração tecnológica. Nesse cenário, também dialoga com autores como Anthony Giddens, Jean-François Lyotard, Michel Maffesoli e Zygmunt Bauman, cujas reflexões ajudam a compreender os contornos líquidos, os processos de reflexividade, a crise dos grandes relatos e o surgimento de novas formas de sociabilidade na contemporaneidade. Esse desajuste curricular se manifesta na dificuldade de estabelecer conexões significativas entre os conteúdos filosóficos e as vivências de estudantes, tornando o ensino pouco envolvente e distante das realidades emergentes. Além disso, a rápida transformação dos paradigmas contemporâneos intensifica a defasagem entre o pensamento filosófico tradicional e as novas subjetividades que emergem na hipermodernidade. Diante desse cenário, a dissertação propõe a necessidade de uma problematização curricular que contemple essas novas dinâmicas, possibilitando um ensino de Filosofia mais alinhado às demandas da hipermodernidade. Como produto educacional, foi desenvolvido um *e-book* intitulado "O ensino de Filosofia no contexto da Hipermodernidade: uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky", cujo objetivo é tornar os conceitos filosóficos mais acessíveis e conectados à realidade dos/as estudantes. A proposta visa não apenas aproximar a Filosofia do universo juvenil, mas também incentivar uma aprendizagem mais dinâmica e significativa, contribuindo para que os/as estudantes compreendam criticamente a sociedade hipermoderna em que estão inseridos. A análise evidencia que o currículo da disciplina de Filosofia, estruturado a partir de bases modernas, não acompanha as transformações sociais, culturais e tecnológicas, o que compromete sua relevância no contexto educacional atual. A permanência de abordagens clássicas e a ausência de reflexões mais próximas da realidade hipermoderna resultam em um ensino que, muitas vezes, não dialoga com as expectativas e necessidades dos/as estudantes nascidos/as na era digital.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Hipermodernidade. Gilles Lipovetsky. Educação.

ABSTRACT

The dissertation "*Philosophy Teaching in the Context of Hypermodernity: a Reading Based on Gilles Lipovetsky*" analyzes the mismatch between the current Philosophy curriculum and the demands of hypermodernity, as conceptualized by Gilles Lipovetsky. This bibliographic research is grounded in the author's works to demonstrate how philosophical education remains anchored in a modern worldview, while contemporary society is marked by consumerism, heightened individualism, and technological acceleration. In this context, the study also draws on thinkers such as Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Jean-François Lyotard, and Michel Maffesoli, whose reflections contribute to the understanding of fluidity, reflexivity, the crisis of grand narratives, and the emergence of new forms of sociability in contemporary times. This curricular mismatch is reflected in the difficulty of establishing meaningful connections between philosophical content and students' experiences, rendering the teaching process less engaging and distant from emerging realities. Furthermore, the rapid transformation of contemporary paradigms intensifies the gap between traditional philosophical thought and the new subjectivities arising in hypermodernity. Given this scenario, the dissertation advocates the need for a problematization of the curriculum that considers these new dynamics, enabling Philosophy teaching to better align with the demands of hypermodernity. As an educational product, an e-book entitled "*Philosophy Teaching in the Context of Hypermodernity: a Reading Based on Gilles Lipovetsky*" will be developed, aiming to make philosophical concepts more accessible and connected to students' realities. The proposal seeks not only to bring Philosophy closer to youth culture but also to promote a more dynamic and meaningful learning experience, helping students critically understand the hypermodern society in which they are immersed. The analysis shows that the Philosophy curriculum, structured on modern foundations, fails to keep pace with social, cultural, and technological transformations, which compromises its relevance in the current educational context. The persistence of classical approaches and the lack of reflections closer to hypermodern reality result in a type of teaching that often does not meet the expectations and needs of students born in the digital age.

Keywords: Philosophy Teaching. Hypermodernity. Gilles Lipovetsky. Education.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2 MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE E HIPERMODERNIDADE..... | 18 |
| 2.1 A MODERNIDADE EM TRANSFORMAÇÃO | 24 |
| 2.2 PÓS-MODERNIDADE: DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES | 28 |
| 2.3 A HIPERMODERNIDADE COMO EXACERBAÇÃO DA MODERNIDADE..... | 33 |
| 3 GILLES LIPOVETSKY E SUA LEITURA DA CONTEMPORANEIDADE | 39 |
| 3.1 A HIPERMODERNIDADE EM QUESTÃO | 41 |
| 3.2 A HIPERMODERNIDADE COMO ERA DO VAZIO | 51 |
| 3.3 HIPERMODERNIDADE, MODA E CONSUMISMO: A ÉTICA INDOLOR NUMA ERA DE PRAZER SEM CULPA | 55 |
| 4 A HIPERMODERNIDADE E O ENSINO DE FILOSOFIA | 62 |
| 4.1 4.1 DAS RELAÇÕES ENTRE HIPERMODERNIDADE, EDUCAÇÃO E ENSINO DE FILOSOFIA | 64 |
| 4.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENSINO DE FILOSOFIA | 73 |
| 4.3 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA COLONIZAÇÃO E A REDUÇÃO COMO HERANÇA DESSE MOMENTO | 80 |
| 5 PRODUTO EDUCACIONAL: EBOOK "O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE: UMA LEITURA A PARTIR DE GILLES LIPOVETSKY"..... | 87 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 89 |
| REFERÊNCIAS..... | 92 |

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória acadêmica sempre esteve marcada por um profundo interesse na Filosofia e na sua relação com o mundo contemporâneo. Desde meus primeiros contatos com a disciplina, percebi que ela tinha um potencial transformador, capaz de questionar certezas e abrir novas perspectivas sobre a realidade. No entanto, ao longo da minha formação e experiência com o ensino de Filosofia, comecei a notar um descompasso: os conteúdos ensinados nem sempre dialogavam com a vivência dos/as estudantes, especialmente em um contexto marcado por constantes transformações tecnológicas, culturais e sociais.

Formado em Filosofia pela Universidade Federal do Acre (UFAC) no ano de 2019, sempre fui apaixonado pelas tecnologias e busquei me especializar no assunto para adaptá-las ao ensino de Filosofia. Assim, em 2023, realizei uma pós-graduação em nível de especialização em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Minha experiência como professor da rede estadual de ensino no Estado do Acre, onde atuo desde 2019, permitiu-me vivenciar de perto os desafios e resistências ao uso de tecnologias como ferramentas pedagógicas em sala de aula.

Busquei o processo seletivo da primeira turma Mestrado Profissional em Filosofia da UFAC, no ano de 2023. Inicialmente, minha proposta, apresentada no processo seletivo ao Mestrado Profissional em Filosofia, era investigar o uso das tecnologias em sala de aula como ferramenta de apoio ao ensino da Filosofia. No entanto, ao aprofundar-me nas discussões sobre a contemporaneidade, percebi que o ensino de Filosofia estava em descompasso com as demandas e características de estudantes nativos/as digitais, nascidos/as em uma era permeada por inovações tecnológicas. Este trabalho, agora apresentado, surge a partir de uma reflexão conjunta com minha orientação, como um amadurecimento das discussões e do estudo exploratório acerca da sociedade contemporânea. A partir dele, alinhamos uma parceria intelectual com o pensamento de Gilles Lipovetsky, que compreende o atual cenário não como “pós-moderno”, mas sim como um moderno amplificado em suas próprias questões, portanto, hipermoderno.

Essa inquietação levou-me, já no Mestrado Profissional em Filosofia, a aprofundar meus estudos sobre a hipermodernidade, conceito amplamente trabalhado por Gilles Lipovetsky. Suas reflexões sobre consumismo, individualismo exacerbado e aceleração do tempo ajudaram-me a compreender melhor os desafios que a Filosofia enfrenta na educação escolar atual. Como seria possível pensar que uma disciplina tão essencial não se torne

distante ou irrelevante para os/as jovens que vivem nesse novo cenário? Como tornar o ensino de Filosofia mais próximo das realidades e questionamentos dessa geração?

Essa dissertação nasce desse desejo de compreender e propor caminhos para esse fim. Mais do que um estudo teórico, este trabalho reflete uma preocupação prática: a necessidade de adaptar o ensino de Filosofia às novas dinâmicas da hipermodernidade, sem perder sua essência crítica e reflexiva. Espero que essa pesquisa contribua para o debate sobre a renovação curricular e inspire novas formas de ensinar Filosofia de maneira significativa e envolvente.

Neste contexto, percebe-se que o ensino de Filosofia no Brasil enfrenta desafios significativos, em um contexto marcado pela hipermodernidade. A partir dessa constatação, decidi explorar o tema como um prisma para analisar o ensino de Filosofia, reconhecendo que as obras literárias e didáticas passam por uma releitura necessária para se adequar às novas formas de consumo de conhecimento. Nesse cenário, o trabalho pretende refletir sobre o ensino de Filosofia no contexto da hipermodernidade, emergindo a ideia de produzir um recurso pedagógico inovador e acessível, capaz de dialogar com professores/as que trabalham com o ensino de Filosofia tendo em vista ressignificar o ensino aos/às estudantes contemporâneos de maneira mais efetiva. Assim, optei por desenvolver um *e-book* como produto educacional, uma escolha que reflete meu crescente interesse por essa forma de mídia durante as aulas do Mestrado. Originalmente havia pensado em desenvolver histórias em quadrinhos (HQ) como recurso didático para o atendimento do “produto educacional.” Refletindo sobre o alcance, concluí que seria necessário, antes, que professores/as pudessem considerar aspectos críticos deste novo cenário para melhor compreendê-lo. Sendo assim, optei por transformar o próprio conteúdo da pesquisa realizada como elemento de base, com adaptações e ilustrações, para a elaboração de um *e-book* que possa ser distribuído com livre acesso a professores/as que ensinam Filosofia. As reflexões sobre a hipermodernidade poderão ser úteis também a colegas de outras áreas do conhecimento.

Dessa maneira, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade urgente de adaptação do ensino de Filosofia ao contexto da hipermodernidade, conforme delineado pelo suporte teórico oferecido por Lipovetsky. Este fenômeno contemporâneo é caracterizado por profundas transformações culturais e sociais que afetam a maneira como estudantes interagem com o conhecimento. A Filosofia, como disciplina fundamental para a formação do pensamento crítico e ético, pode encontrar formas eficazes de se conectar com as experiências e expectativas de nativos/as digitais. Estes/as jovens, que cresceram em um ambiente saturado por tecnologias

digitais, consomem informações de maneiras que muitas vezes divergem das metodologias tradicionais de ensino.

O conceito de hipermodernidade, segundo Lipovetsky, refere-se a uma nova fase na evolução da modernidade, marcada por um individualismo exacerbado, uma busca incessante por novidades e um consumismo que permeia todas as esferas da vida. Nesse contexto, jovens enfrentam um excesso de informações e estímulos que podem dificultar a formação de um pensamento crítico e reflexivo. A Filosofia, que tradicionalmente tem abordado questões universais e atemporais, pode ser reinterpretada e adaptada, de modo a dialogar com as realidades contemporâneas de estudantes. Essa adaptação é essencial para que ela não se torne uma disciplina obsoleta, mas sim uma área de aprendizado que fomente a reflexão crítica sobre a sociedade atual.

Além disso, a desatualização dos currículos de Filosofia tem gerado um desinteresse significativo entre estudantes, especialmente no Ensino Médio. Muitas vezes, as discussões em sala de aula não refletem as preocupações e dilemas cotidianos enfrentados, resultando em um afastamento da disciplina. A falta de conexão entre o conteúdo abordado e a realidade de estudantes é um desafio que deve ser enfrentado para revitalizar o ensino filosófico. A ausência de uma abordagem mais prática e interativa na Filosofia pode contribuir para a percepção de que essa área do conhecimento é irrelevante ou distante das experiências de vida de jovens.

Esse trabalho se organiza a partir da seguinte proposição:

Como o ensino de Filosofia pode ser ressignificado a partir das contribuições teóricas de Gilles Lipovetsky sobre as características da hipermodernidade?

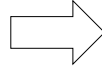
Tendo em vista essa questão organizadora do estudo, destaca-se o seguinte objetivo geral:

Analisar como o ensino de Filosofia, no contexto educacional contemporâneo, pode ser ressignificado a partir da contribuição teórica de Gilles Lipovetsky sobre a hipermodernidade?

de estudo, que organizam a composição deste trabalho.

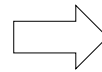
jetivos

Quais as características principais do que se tem denominado como modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade e como essas compreensões afetam o processo educacional?



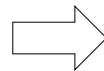
Caracterizar os conceitos de modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade e seus desdobramentos sobre o processo educacional.

Qual a contribuição filosófica de Gilles Lipovetsky para a leitura social da contemporaneidade e como se reflete na educação e na construção das subjetividades?



Caracterizar a contribuição filosófica de Gilles Lipovetsky para a leitura social da contemporaneidade, destacando seus reflexos na educação e na construção das subjetividades?

De que modo o conceito de hipermodernidade estabelecido por Lipovetsky pode contribuir para a resignificação do ensino de Filosofia?



Descrever possíveis contribuições do conceito de hipermodernidade estabelecido por Lipovetsky para a resignificação do ensino de Filosofia.

Elaborar um e-book sobre o conceito de hipermodernidade estabelecido por Lipovetsky como recurso teórico para a resignificação do ensino de Filosofia.

O presente trabalho está organizado em quatro seções, em acordo com a sequência de apresentação dos objetivos desta investigação. Numa primeira exposição, destaca-se a caracterização teórica dos conceitos de modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade e sua relação com o processo educacional. Não há consenso sobre essas categorizações e busca-se estabelecer suas múltiplas leituras e o motivo de Lipovetsky renunciar ao termo pós-modernidade em favor da ideia de hipermodernidade.

Em seguida, parte-se para a exposição teórica das características do pensamento filosófico de Gilles Lipovetsky e sua interpretação da realidade social na contemporaneidade. Por fim, parte-se para analisar as relações entre o pensamento de Lipovetsky e o ensino de Filosofia, seguida da apresentação do produto educacional aqui proposto.

2 MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE E HIPERMODERNIDADE

A discussão em torno dos conceitos de modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade tem sido objeto de análise e reflexão em diversas áreas do conhecimento. Esses termos representam diferentes momentos históricos e transformações culturais que moldaram a sociedade contemporânea. Nesta seção, explorarei algumas bases conceituais dessas categorias, destacando suas nuances e influências.

Lipovetsky (2024) é um filósofo francês que se destaca por sua análise da sociedade moderna e suas transformações. Ele cunhou o termo ‘hipermodernidade’ para descrever o estágio atual da sociedade, que ele vê como uma exacerbação dos valores da modernidade. A partir da visão do filósofo, explorarei os conceitos de modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade.

A modernidade é marcada pelo intenso avanço técnico-científico, pela ampla valorização da racionalidade humana e pelo individualismo, como síntese de um novo modo de compreender e agir no mundo, afastado das premissas demarcadas pela tradição ou pela religiosidade. Lipovetsky (2021) destaca que:

“O ponto de partida do saber moderno, o Homem¹ é concebido como *sujeito ativo, autor de seu próprio ser, seja destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza*. É no interior de um projeto em que seu ser deve se realizar que o Homem se revela como sujeito, construindo-se a si próprio” (Lipovetsky, 2021, p. 17 – grifo meu).

Essa perspectiva de Lipovetsky destaca o surgimento de um ideal de autonomia individual que caracteriza a modernidade, em que o homem não é apenas parte de uma estrutura social, mas o próprio arquiteto de sua existência. Essa visão é relevante para o tema central, pois revela um dos pilares do pensamento moderno: a crença de que o ser humano é capaz de determinar seu próprio destino. Essa crença se traduz na valorização da liberdade e da autodeterminação, elementos que fundamentam o individualismo moderno.

Comparativamente, essa ideia também dialoga com a concepção de "sujeito moderno" de Kant, para quem o ser racional é autônomo e age segundo a própria razão, desvinculado de imposições externas. Ao colocar o "saber moderno" como um saber em construção de modo

¹ O emprego do léxico “homem” para designar o ser humano, independente de gênero, será preservado somente quando a fonte consultada assim o empregar. Do mesmo modo, a ausência de flexão de gênero será mantida para outros termos quando a fonte consultada assim proceder.

ativo, Lipovetsky complementa essa visão ao apontar o papel transformador de cada pessoa sobre a própria vida e sobre a sociedade em que se insere.

Por sua vez, “o desenvolvimento das sociedades democráticas avançadas, na pós-modernidade, se estabelece a partir de um processo de personalização, cujo valor preponderante resplandece perante, dentre outras ideias, na fixação pela realização pessoal”, destaca Lucena (2017, p. 96). Essa afirmação traz uma perspectiva sobre a pós-modernidade em que a personalização e a realização pessoal são colocadas como valores supremos, revelando uma transformação no modo como o indivíduo se vê em relação à sociedade.

No contexto do individualismo e da liberdade enaltecidos na modernidade, a pós-modernidade leva essa ideia a um nível ainda mais pessoal, em que o valor de cada pessoa se estabelece pela busca de uma identidade única e diferenciada. Embora a sociedade pós-moderna valorize a "realização pessoal", esse ideal pode facilmente se transformar em uma ferramenta de consumo e alienação, em que essa "personalização" é frequentemente moldada pelas demandas de mercado e consumo. A ideia de Lucena, então, levanta questionamentos sobre a autenticidade desse processo, sugerindo que, na busca pela individualidade, a pessoa pode acabar submetida a novas formas de conformidade.

Conforme Lessing (2010, p. 45), “no limiar da era moderna fomos emancipados da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna. Com essas crenças fora do caminho, nós humanos, nos encontramos por nossa própria conta”. A superação dos setores tradicionais pela lógica dos setores modernos, foi impulsionada pela industrialização e pelo progresso técnico. A modernidade é uma era de valorização individual, da autonomia pessoal e da liberdade, vistas como ideais supremos.

Lessing identifica a transição para a modernidade como um rompimento com estruturas religiosas e metafísicas que anteriormente definiam o ser humano e forneciam os padrões de organização social. Ao abandonar as "crenças no ato da criação", cada pessoa assume a responsabilidade por sua própria vida e ações. Esse rompimento é central para a valorização individual na modernidade, pois abre espaço para uma visão laica e racional da existência, na qual cada um/a é o único/a responsável por si.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a ideia de autonomia em Kant (2003) e complementa a análise de Lipovetsky sobre o sujeito² ativo. Por outro lado, pode-se argumentar

² O emprego do termo “sujeito”, no masculino, será preservado quando integrar uma citação direta ou quando não for viável substituí-lo por “pessoa”. Nestes casos, manter-se-á a escrita no masculino.

que essa emancipação também traz uma carga de incertezas e uma sensação de isolamento, uma vez que cada pessoa, agora por "sua própria conta", carece de um referencial externo estável.

As análises de Lipovetsky se dão na escalada deste indivíduo no percurso histórico. Podemos pensá-lo em uma articulação com a vida material e suas transformações. O autor, em entrevista à Sébastien Charles, destaca:

Minha problemática se inscreve na compreensão dos problemas através da história e não em uma perspectiva metafísica, ou ao contrário, em uma vontade de desconstrução da metafísica. *Procuro compreender a articulação de grandes problemas filosóficos – o humanismo, a democracia, a autonomia – que se encarnam no devir da história e, mais particularmente, da modernidade* (Lipovetsky, apud Charles, 2006, p. 147 – grifos meus).

Os apontamentos feitos pelo autor põem a modernidade como processo de individualização, no qual a pessoa começa a se destacar como a figura central da sociedade e não sob um aspecto metafísico ou teológico. Ela se edifica sobre as bases da ideia de revolução, da transformação, do advento do novo, como motor que impulsiona o surgimento de uma nova concepção da vida humana (Pelogia, 2017). Lipovetsky chega a dizer que essa modernidade apresenta-se “obcecada pela revolução” como fator de evidente fator de progresso social (Lipovetsky, 2005, p. 22).

A modernidade também é caracterizada pela busca de eficiência técnica. A tecnologia desempenha um papel crucial na superação de obstáculos naturais e na renovação dos padrões de vida. O objeto ou instrumento de outrora passa a ter outro significado, o que era *útil* passa a ter como base o *estilo*, o conforto, traz mais atenção do que utilidade; os valores se invertem. A modernidade é um período de transição e de construção de uma nova ordem social, na qual as pessoas e a tecnologia assumem papéis centrais, e se observa uma transformação dos valores e das estruturas sociais tradicionais.

Ao analisar o indivíduo como astro principal da modernidade, podemos perceber que todas muitas barreiras, morais e técnicas são derrubadas. A questão científica se aprofunda e as áreas do conhecimento ultrapassam suas próprias fronteiras. Do ponto de vista social, temos uma mudança importante: a passagem da ideia de sociedade de estamentos (nobreza, servos, por exemplo) ou de “rebanho” religioso, para uma centralidade da noção de “indivíduo”. Produz-se a ideia de “sujeito histórico”, com demandas, necessidades e possibilidades de autodesenvolvimento, ser de direitos, civil, cidadão.

Não se pode cercear os limites do individualismo, nada pode detê-lo nem o impedir de estabelecer seu reinado e, de certo modo, a tirania de sua própria subjetividade. Essa perspectiva se desenvolve e se aprofunda ao longo do século XX, com a consolidação do sistema capitalista e da sociedade de consumo. Atualmente teríamos rompido com essa modernidade?

A perspectiva que aqui apresentamos considera que vivemos o aprofundamento dessas características, mas não estamos vivendo um “depois”, por isso a não aderência ao “pós”-moderno. Nesta direção, Bauman considera que:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX, o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou mesmo há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano (Bauman, 2001, p. 40 – grifo meu).

Sendo assim, a sociedade do século XXI trás narrativas já debatidas, como o próprio consumismo que é o núcleo central tanto do que se considera como moderno como do dito pós-moderno. Para definir indivíduos modernos, não há referência mais importante do que o consumismo. A revolução consumista atingiu seu ápice após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, aparentemente reposicionando a própria ideia de hedonismo. A modernidade caracteriza-se por mudanças profundas em diversos campos.

No contexto da modernidade, Lipovetsky (2005) destaca a relação entre otimismo e racionalização. A busca pela eficiência, organização e controle racional molda as estruturas sociais, econômicas e políticas. Instala-se um novo modo de viver que se alinha com a aspiração financeira, a vida íntima, o bem-estar, a propriedade e a segurança, subvertendo, desta forma, a antiga e tradicional forma de organização da sociedade. Temos, ainda, numa dimensão social, o “otimismo no progresso.” A ciência, a tecnologia e a razão vistas como forças capazes de impulsionar a humanidade rumo a um futuro melhor. No plano individual e social, a capacidade da razão humana de superar a ignorância e a superstição. Porém, a “racionalização da sociedade” trouxe consigo a racionalização e a burocratização das instituições sociais. A burocracia, os sistemas legais e a organização governamental foram moldadas por princípios racionais. A lógica e a eficiência passaram a ser valorizadas como formas de governança.

A “ênfase na ciência e na industrialização” trouxe consigo a Revolução Científica e a Revolução Industrial. A ciência ganhou destaque como método confiável para adquirir conhecimento, e a industrialização transformou a produção, a economia e a vida urbana. A

modernidade promoveu o individualismo e a autonomia do sujeito. Ideias como os direitos humanos, a liberdade de expressão e a busca pela felicidade pessoal ganharam relevância. A modernidade viu o surgimento de uma sociedade mais secularizada.

No cenário contemporâneo, as metanarrativas, os grandes discursos em forma de promessas para o futuro, gerados na modernidade, vão se diluindo. Muitas dessas promessas não se cumpriram e o ideal de progresso contínuo nelas contido não resultou, necessariamente, em vida comum melhor. O aumento de conhecimento não garantiu emancipação ou mais autonomia. O progresso técnico e material não resultou em condições gerais de vida melhores. O capitalismo e suas práticas predatórias gera um contexto social e ambiental degradado. A promessa de superação social do sistema explorador capitalista parece ter redundado em organizações políticas burocráticas e autoritárias.

A separação entre passado e presente se acentua, e a sociedade se torna profundamente individualista. Sobre a modernidade, podemos refletir a respeito do otimismo inicial e da racionalização que moldaram nossa história, bem como compreender as transformações que resultaram em sua exacerbação, que Lipovetsky denominou como hipermodernidade.

Brito (2015) destaca que, na atualidade, as pessoas estão se individualizando cada vez mais, trazendo objetos como interesse imediato e não a sua relação com o outro. Ocorre o reforço do advento do pessoal e não do social.

Não queremos a ilusão do futuro nem a coerção do passado. Postulamos a intensidade do *aquí e do agora como necessidades vitais*. Não aceitamos viver de promessas nem de patrimônio acumulado. Exigimos fazer por nós mesmos o que somos e o que seremos, sem garantias de redenção nem obrigações inquestionáveis. (Lipovetsky, 2005, p. XIII – grifo meu).

Nos encontramos num tempo de imprecisões e muitas dúvidas e quase nenhuma esperança plausível sobre o futuro, ao contrário do que previa a tradição e a narrativa moderna da crença otimista no continuado progresso humano e social do mundo. Atualmente, desembaraçados de expectativas confiáveis, nos encontramos como que prisioneiros de um presente. Não há passado a retomar, nem futuro pelo qual esperar.

O indivíduo, que era visto como agente ativo na construção da sociedade, tornou-se quase um ser absoluto, totalitário e “sagrado”. Sobre isso Lipovetsky (2005) continua:

[...] como já foi sugerido, é a revolução individualista, pela qual, pela primeira vez na história, *o ser individual, que é igual a qualquer outro, é percebido e percebe a si*

mesmo como fim último, concebe-se isoladamente e conquista o direito da livre disposição de si mesmo, que constitui o fermento do modernismo (Lipovetsky, 2005, p. 72 – grifo meu).

Esse individualismo exacerbado aponta para a ideia narcisista de pessoas centradas em seus próprios desejos e vontades, sem disposição ou condições internas de enfrentá-los racionalmente. Reféns de sua própria intimidade, buscam abastecer a si com objetos de consumo e meios de obtenção de prazer imediato.

No contexto da sociedade hipermoderna, os seres humanos já não podem contar com um modelo de religião capaz de servir como bálsamo ou alento “[...] de todas as penas e amarguras a que estão sujeitos”, destaca Santos (2020, p. 100). Tampouco a ciência ou a lógica lhe atendem neste quesito. No enfrentamento das dificuldades e contrariedades da vida comum,

[...] as sociedades de matriz tradicional tinham à sua disposição instrumentos diversos de consolação religiosa; já *as sociedades hipermodernas, numa espécie de contrafluxo, valorizam o incitamento contínuo ao consumo, à fruição, à mudança*. Desse modo, as “técnicas” reguladas de forma comunitária pelo mundo da religião deram lugar a “fórmulas paliativas”, diversificadas e desreguladas, do universo individualista da livre opção” (Lipovetsky, 2007, p. 7 – grifo meu)

Trata-se de uma transformação significativa na forma como as sociedades contemporâneas lidam com as dificuldades da vida, refletindo um deslocamento do coletivo para o individual que se enclausura em si mesmo. Essa mudança é emblemática da hipermodernidade, na qual as expectativas de realização pessoal e satisfação imediata se tornaram centrais nas experiências cotidianas.

Nas sociedades tradicionais, as comunidades encontravam consolo nas práticas religiosas que ofereciam não apenas respostas às angústias existenciais, mas também um sentido de pertencimento e solidariedade. A religião, nesse contexto, funcionava como um repositório de significados coletivos, proporcionando uma estrutura que ajudava os indivíduos a enfrentarem as adversidades da vida. Em contraste, a hipermodernidade, como Lipovetsky aponta, promove uma abordagem radicalmente diferente: o que antes era regulado por normas sociais e religiosas agora se transforma em um esforço contínuo que busca satisfazer as necessidades individuais e imediatas. Essa mudança traz à tona uma observação crítica à superficialidade da cultura contemporânea. O individualismo exacerbado pode levar ao isolamento, já que as relações e experiências se tornam cada vez mais fragmentadas e centradas em preferências pessoais, que dispensam qualquer conexão com o social.

Destaca-se uma falta de diretrizes éticas que antes eram fornecidas pelas tradições religiosas. O resultado é um vazio de significado, em que as opções se multiplicam, mas a profundidade ou o sentido da experiência humana podem se perder. A busca incessante pela satisfação dos próprios desejos pode resultar em um ciclo de frustração, uma vez que a felicidade se torna efêmera, porque igualada ao prazer imediato, e os indivíduos se veem constantemente insatisfeitos, buscando alternativas inalcançáveis para preencher um vazio existencial.

Esse panorama convida à reflexão sobre a natureza da felicidade e a busca por um sentido mais profundo em um mundo que valoriza a instantaneidade. O desafio que emerge é como recuperar a dimensão comunitária das experiências humanas, mesmo em um contexto que tende a valorizar o individualismo. A Filosofia, nesse sentido, pode oferecer ferramentas críticas para questionar as premissas do consumo e da fruição absoluta centrada no próprio indivíduo. O processo de reflexão filosófica pode ajudar a explorar alternativas que busquem um equilíbrio entre o individual e o coletivo, entre a busca por prazer e a construção de um sentido duradouro na vida.

2.1 A MODERNIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

A discussão sobre a modernidade tem sido um campo fértil para reflexões filosóficas e sociológicas ao longo do tempo. Desde os ideais iluministas até as transformações sociais do século XX, a modernidade moldou o mundo ocidental e influenciou profundamente nossa compreensão da vida em sociedade. O projeto moderno, iniciado pelos pensadores do Iluminismo, como Immanuel Kant (1724-1804), com seu célebre imperativo *Sapere aude* (Ouse saber), fundamentou-se na convicção de que a razão humana seria a principal ferramenta de progresso e emancipação. Para Kant (1985), a ideia de Esclarecimento significa a construção da autonomia racional, obtida pela combinação de instrução intelectual, ou seja, apropriação da cultura, e da prática da disciplina enquanto condição para definir o domínio da vontade e a possibilidade de alcançar a virtude. Nos diz o autor:

Esclarecimento (*Aufklärung*) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. *A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro.* É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de

outro. *Sapere aude!* Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é, portanto, a divisa do Esclarecimento (Kant, 1985, p. 100 – grifos meus)

O século XVIII foi, portanto, o berço de um otimismo intelectual que acreditava na possibilidade de emancipação humana e de reorganizar as sociedades humanas por meio da ciência, da racionalidade e do humanismo. O advento da modernidade trouxe consigo a valorização da autonomia individual, da liberdade e dos direitos fundamentais, tornando-se um divisor em relação às eras anteriores, marcadas pelo domínio do poder religioso e pela obediência às tradições.

A racionalização da sociedade, ao substituir o domínio religioso e as tradições pelo pensamento crítico e científico, criou as condições para a universalização dos direitos humanos. A racionalização, portanto, não apenas reorganizou as estruturas sociais, mas também legitimou a ideia de que as pessoas são portadoras de direitos universais, que devem ser garantidos por meio de instituições políticas e jurídicas.

Neste contexto, o século XVIII como um momento de transição em que a racionalização da sociedade, impulsionada pelo Iluminismo, abriu caminho para a valorização dos direitos humanos. A razão e a ciência foram vistas como instrumentos para superar as limitações do passado e construir uma sociedade mais justa e igualitária, fundamentada na autonomia e na liberdade individuais. Esse processo histórico continua a influenciar as discussões contemporâneas sobre direitos humanos e justiça social.

No entanto, o próprio conceito de modernidade passou por profundas metamorfoses ao longo dos séculos seguintes. A modernidade, que outrora parecia representar uma promessa de redenção pela razão, foi progressivamente sendo questionada, não só em sua eficácia, mas em sua própria essência. A "primeira modernidade" traz consigo um conjunto de valores que inclui o culto ao progresso, a confiança no poder da ciência e da técnica e na capacidade humana de alcançar autonomia intelectual e moral. Segundo Jürgen Habermas, filósofo alemão contemporâneo, a modernidade seria um "projeto inacabado", na medida em que as promessas de emancipação e racionalidade propostas pelos filósofos iluministas ainda não foram plenamente realizadas, exigindo um contínuo esforço reflexivo por parte da humanidade no resgate dessas pretensões (Habermas, 1987).

No entanto, é importante ressaltar que essa visão iluminista de progresso e racionalidade não foi recebida de forma homogênea em todas as partes do mundo. Os países europeus e suas colônias começaram a experimentar os impactos diretos da modernidade. Já

outras regiões do globo foram gradualmente incluídas no projeto moderno por meio de processos de colonização, dominação e globalização. Esse processo trouxe implicações profundas para as questões identitárias e culturais dessas sociedades (Mignolo, 2000).

À medida que avançamos no tempo, a modernidade se transformou e se adaptou aos novos desafios trazidos pelas mudanças sociais, políticas e tecnológicas do século XX. O surgimento de novas ideologias políticas, o embate entre capitalismo e socialismo durante a Guerra Fria, assim como os avanços científicos, como a teoria da relatividade e a mecânica quântica, começaram a desestabilizar as certezas da modernidade clássica. Adicionalmente, os horrores das guerras mundiais, o genocídio e as crises econômicas profundas abalaram a confiança inabalável no progresso humano, criando um espaço para reflexões mais críticas sobre o futuro da modernidade.

Filósofos como Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947, argumentam que a modernidade trouxe consigo não apenas a emancipação, mas também o potencial de opressão, à medida que a racionalidade instrumental passou a ser usada para fins de dominação e controle social, evidenciado nas estruturas autoritárias do século XX (Adorno; Horkheimer, 1985), como foi o caso dos regimes opressores liderados por Adolph Hitler na Alemanha, por Benito Mussolini na Itália, ou mesmo por António Salazar em Portugal ou Francisco Franco, na Espanha.

Nesse contexto de transformações, Lipovetsky argumenta que a "segunda modernidade" introduz uma nova fase nesse processo de individualização, que é caracterizada pelo que ele chama de "hipermodernidade" (Lipovetsky, 2005). Nesta fase, o individualismo, que já estava presente na primeira modernidade, alcança um novo nível, transformando-se em hiperindividualismo, ou narcisismo exacerbado. A pessoa não busca apenas a autonomia, mas a satisfação de seus desejos pessoais de maneira quase ilimitada. O conceito de narcisismo utilizado por Lipovetsky remete à figura mitológica de Narciso, que, ao contemplar sua própria imagem refletida na água, encanta-se com a própria imagem e perde a conexão com o mundo ao seu redor. Esse fenômeno é ilustrativo do "hiperindivíduo" da segunda modernidade, que coloca sua própria identidade e realização pessoal acima de qualquer laço social ou compromisso coletivo (Lipovetsky, 2005). A pessoa na sociedade hipermoderna consome a si, precisa ser vista, para que a vida faça sentido. Ao contrário do cogito cartesiano, "*penso, logo existo*", passamos ao "*sou visto, logo existo*".

Enquanto na primeira modernidade o ser humano aparece no processo de individualização, Lipovetsky aponta que na segunda modernidade se configura um "hiperindivíduo", imerso em um contexto social que exalta o consumo, o prazer imediato e a autoexpressão constante. Dessa forma, o ser humano contemporâneo, de acordo com o autor, passa a ser definido não apenas por sua relação com a produção, como acontecia nas sociedades industriais, mas sobretudo por sua inserção no mundo do consumo e pelas formas simbólicas que esse consumo assume. O consumo, neste sentido, não é apenas uma necessidade material, mas também uma prática cultural e existencial, por meio da qual a pessoa busca sua identidade, seu *status* social e sua realização pessoal (Bauman, 2008).

Lipovetsky testemunhou as contestações estudantis de Paris em 1968, um momento de efervescência política e cultural que serviu de catalisador para suas reflexões filosóficas. Esse período, marcado por intensas críticas ao capitalismo, à burocracia estatal e aos valores conservadores, impulsionou o autor a questionar os rumos da sociedade moderna. As manifestações de 1968, longe de serem um evento isolado, são vistas por muitos estudiosos como um marco da transição entre a modernidade e o que se tem chamado de pós-modernidade, em que a fé nas grandes narrativas e ideologias começa a se dissipar, dando lugar a uma fragmentação das identidades e a uma crescente complexidade nas relações sociais (Jameson, 1991).

A sociedade contemporânea, para Lipovetsky, vai além do rótulo de pós-moderna. Ele propõe a noção de hipermodernidade, que não representa, necessariamente, uma ruptura com a modernidade, mas uma intensificação de suas características centrais. Se a modernidade era marcada pela confiança no progresso e na razão, a hipermodernidade é caracterizada pela aceleração do tempo, pela multiplicação das tecnologias e pelo consumismo desenfreado.

Dessa forma, a hipermodernidade, tal como descrita por Lipovetsky, é uma era marcada pela "tirania do presente". A aceleração do tempo social e a tecnificação da vida cotidiana impõem novos desafios tanto ao indivíduo quanto à sociedade. O hiperindivíduo, este novo Narciso da contemporaneidade, se encontra em um paradoxo constante: por um lado, desfruta de uma liberdade sem precedentes para moldar sua própria vida e identidade; por outro, é constantemente pressionado pelo imediatismo e pelas demandas de um mercado globalizado e hipertecnológico, que parece subordinar todas as esferas da existência humana ao consumo e à eficiência (Lipovetsky, 2005).

2.2 PÓS-MODERNIDADE: DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

A pós-modernidade é um conceito complexo e multifacetado que emerge como uma resposta crítica à modernidade. Um traço comum entre os pensadores contemporâneos é a reflexão acerca da sociedade em sua complexidade. Diversos pontos de vista, como o antropológico, o científico, o sociológico e o filosófico, são mobilizados para compreender o presente, com o intuito de elaborar um conceito unificado que abranja os fenômenos sociais e suas implicações. Neste sentido, tratarei essa temática na perspectiva da desconstrução e diversidade, conforme abordada por Lipovetsky.

A modernidade, caracterizada por valores como racionalidade, progresso e universalismo, foi questionada pela pós-modernidade. Segundo essa visão, as identidades não são essências naturais, mas sim construções sociais e históricas. Jean-François Lyotard (1924-1998) faz uma análise das condições do saber a partir do conceito de pós-modernidade, quando afirma: “Nossa hipótese de trabalho é a de que *o saber muda de estatuto* ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-moderna” (Lyotard, 1984, p. 3 – grifo meu). O conhecimento passa por transformações significativas conforme as sociedades transitam para o que considera pós-modernidade quanto aos fatores de legitimidade. As mudanças sociais, culturais e tecnológicas influenciam a forma como entendemos e valorizamos o saber. Na era pós-moderna, marcada pela fragmentação de narrativas e pela multiplicidade de vozes, se percebe que o saber pode deixar de ser visto como um conjunto fixo e universal, tornando-se mais plural e subjetivo.

Esse novo estatuto do conhecimento pode resultar em uma maior valorização de saberes locais, experiências individuais e saberes interdisciplinares, desafiando paradigmas tradicionais e incentivando um diálogo mais aberto entre diferentes áreas do conhecimento. Assim, ao refletir sobre essa hipótese, torna-se relevante considerar como as transformações sociais impactam não apenas o que se sabe, mas também como sabe e quem tem a autoridade para afirmar o que é válido ou não.

Essa perspectiva nos leva a questionar como as pessoas se movimentam ou “navegam” por essas mudanças, buscando significado e segurança em um contexto no qual as referências tradicionais já não são tão confiáveis, nem estáveis. A modernidade líquida, como refere Bauman, também sugere uma maior interconexão entre indivíduos e culturas, refletindo um mundo em que as ideias e as influências se espalham rapidamente, desafiando fronteiras

geográficas e sociais. Portanto, a reflexão sobre a modernidade “líquida” ou “hipermoderna” nos convida a considerar não apenas as dificuldades de adaptação a essa nova realidade, mas também as oportunidades de inovação e criatividade, outras formas de pensar, desamarradas de categorias herméticas, que surgem nesse cenário de constante mudança.

Geralmente a modernidade é conceituada como oposição e superação da tradição, dando lugar a uma sociedade baseada na ideia de progresso científico, técnico e industrial e de valorização do novo, do indivíduo e da razão como critério de validade e de certeza. É frequentemente entendida como uma oposição e superação da tradição, estabelecendo uma sociedade fundamentada na noção de progresso científico, técnico e industrial, além da valorização do novo, do indivíduo e da razão como critérios de validade e certeza. Em contraste, a pós-modernidade não pode ser simplesmente interpretada como a destruição do que foi instituído no passado; ela não significa o fim da modernidade, mas sim uma versão intensificada de algumas de suas características, como o avanço técnico e a valorização do individualismo. A pós-modernidade pode ser terreno fértil para a reflexão sobre a desconstrução das normas e a celebração da diversidade e um convite à retomada do diálogo como recurso para construir novos entendimentos.

A pós-modernidade emergiu como uma crítica à modernidade. Surgiu no século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, e reuniu diversas tendências estéticas, filosóficas e culturais. Ela desconfiou das promessas da modernidade, especialmente em relação ao progresso científico e tecnológico. Embora a modernidade desafie suas próprias convenções, também está profundamente engajada em transformar o mundo ao seu redor, promovendo uma revolução estética e conceitual que impacta a sociedade como um todo. Essa dupla dimensão, a crítica interna e a transformação externa, é o que torna a modernidade um movimento complexo e inovador.

Uma das diferenças fundamentais entre essas perspectivas é a postura em relação ao “progresso”. Enquanto a modernidade o perseguia como uma meta a ser alcançada, a pós-modernidade o olha com desconfiança. Isto posto, a transição da modernidade para a pós-modernidade envolve um convite a mudanças profundas na forma como pensamos, nos valores que defendemos e nas nossas visões de mundo. A nova diretriz está ancorada no individualismo e na glorificação excessiva do prazer. A existência pós-moderna é "amenizada" pela ideia de que é essencial aproveitar intensamente cada momento.

Lipovetsky (2005) destaca a essência revolucionária da modernidade, especialmente no que diz respeito à sua crítica ao espírito burguês e às convenções sociais estabelecidas. Ao partir do "nada" e culminar no surrealismo, os artistas modernistas rejeitam os valores burgueses como o culto ao dinheiro, o trabalho e o ascetismo, promovendo uma libertação dos sentidos e uma vivência intensa. O impulso criativo e a imaginação se tornam guias para uma vida que valoriza a liberdade individual acima de tudo.

O "*desregramento de todos os sentidos*" (Lipovetsky, 2005, p. 63) sugere uma rejeição das normas racionais e moralistas em favor de uma exploração desenfreada da subjetividade e das experiências humanas. Ele ressalta que a cultura modernista é, essencialmente, uma "cultura da personalidade", que acaba radicalizada atualmente, na qual o "eu" ocupa uma posição central. Isso reflete o foco no individualismo radical, em que a busca por autenticidade, prazer e expressão pessoal é priorizada sobre as obrigações sociais.

Eagleton (1996) resume alguns dos atributos distintivos dos períodos moderno e pós-moderno de forma bastante eficaz quando diz:

“Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. (...) vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades” (Eagleton, 1996, p.7 – grifos meus).

Eagleton encapsula de forma incisiva a ideia da pós-modernidade como um movimento crítico que desafia as premissas estabelecidas na modernidade. A ênfase nas noções de verdade, razão, identidade e objetividade revela um profundo questionamento das fundações que sustentaram o pensamento ocidental por séculos. Este questionamento não é meramente acadêmico, mas reflete uma mudança na forma como compreendemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Portanto, a análise proposta por Eagleton destaca a relevância da crítica pós-moderna em um mundo em constante mudança. Ao desafiar as certezas e as narrativas fixas, essa linha de pensamento não apenas amplia nossa compreensão da experiência humana, mas também nos convida a considerar a responsabilidade ética que vem com a aceitação da complexidade e da pluralidade. Em última instância, a pós-modernidade propõe um convite à humildade intelectual, lembrando-nos de que a busca por significado e verdade é um empreendimento

coletivo e dinâmico, que requer abertura e diálogo entre as diversas vozes que compõem o tecido da experiência humana.

A transição da modernidade para a pós-modernidade é profundamente influenciada pelas mudanças culturais e filosóficas promovidas pelo modernismo como movimento artístico e cultural. A crítica do modernismo ao espírito burguês e às convenções sociais não apenas estabelece um novo paradigma artístico, mas também propicia um ambiente fértil para a reflexão e o questionamento na era pós-moderna (Calinescu, 1999). O modernismo, mais do que ser definido por suas afirmações ou manifestos, caracteriza-se por um processo contínuo de negação, em que tudo é questionado, inclusive a si mesmo. Essa autocritica constante é uma das marcas centrais do movimento, que se fundamenta na rejeição das tradições e convenções estabelecidas, buscando sempre o novo e o experimental. No entanto, ao se envolver em um ciclo de negação sem limites, o modernismo acaba se tornando, paradoxalmente, vulnerável à sua própria crítica. Ao não poupar a si mesmo, o movimento reflete uma tensão interna, na qual o desejo de renovação total pode também levar a uma fragmentação ou desconstrução de seus próprios princípios.

Ao rejeitar os valores burgueses e priorizar a liberdade individual, o modernismo estabelece as bases para uma reavaliação das normas sociais e culturais na pós-modernidade. A ideia do "*desregramento de todos os sentidos*" e a centralidade do "*eu*" no modernismo preparam o terreno para a multiplicidade de vozes e a fragmentação que caracterizam a pós-modernidade. Assim, as mudanças culturais e filosóficas da transição da modernidade para a pós-modernidade podem ser vistas como um desdobramento das inovações e revoluções introduzidas pelos modernistas, refletindo um contínuo diálogo entre essas duas eras.

Desse modo, para entender melhor os fatos, apresentarei algumas mudanças culturais e filosóficas que a transição da modernidade para a pós-modernidade trouxe consigo. As ideias citadas sobre “desconstrução das metanarrativas”, “fragmentação e diversidade cultural” e “relativismo e hibridismo” estão associadas à filosofia da pós-modernidade, fortemente influenciada por pensadores como Jean-François Lyotard, Jacques Derrida (1930-2004) e Fredric Jameson (1934-2024), este um filósofo marxista que analisou a pós-modernidade como a lógica cultural do capitalismo tardio.

Jean-François Lyotard é amplamente reconhecido pelo conceito de “desconstrução das metanarrativas” em sua obra *A Condição Pós-Moderna*, publicada em 1979. Ele argumenta que a pós-modernidade se caracteriza por um verdadeiro estado de incredulidade em relação às

grandes narrativas (metanarrativas) que outrora sustentavam a ciência, a política e a cultura (Lyotard, 1989).

Fragmentação e diversidade cultural são aspectos explorados por Fredric Jameson em suas análises culturais sobre o pós-modernismo. Em *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, ele descreve a fragmentação cultural e a perda de uma narrativa central, destacando que a diversidade de vozes é uma característica essencial do pós-moderno (Jameson, 1996).

Relativismo e hibridismo são conceitos desenvolvidos principalmente por Jacques Derrida e outros teóricos pós-estruturalistas. Derrida, como visto na obra *A Escritura e a Diferença*, ao explorar a desconstrução, questiona a objetividade e enfatiza a multiplicidade de interpretações e o hibridismo cultural (Derrida, 1995).

Cada tendência ou inovação traz consigo uma sensação de libertação, mesmo que efêmera, em relação aos costumes anteriores. A cada novidade, existe uma ruptura que provoca um frescor, um novo ar que favorece a descoberta e a reavaliação do eu. Assim, a atração pelo novo acompanha a condição humana e não é apenas uma busca estética, mas uma busca existencial, na qual o novo é percebido como uma oportunidade para a auto-exploração e a afirmação da individualidade.

Deleuze e Guattari (1997) propõem uma série de metáforas, imagens e definições que elucidam as transformações ocorridas na transição da modernidade para a pós-modernidade. Eles introduzem a ideia do “rizoma” como uma representação da nova organização do saber e das relações sociais, em oposição à estrutura hierárquica e linear que caracterizava a modernidade. O rizoma, com suas ramificações que se espalham de maneira não linear e interconectada, simbolizaria um modo de pensar e viver que valoriza a diversidade, a multiplicidade e a interdependência, em contraste com as narrativas totalizadoras e sistêmicas da modernidade clássica que ancoram as metanarrativas.

Além disso, Deleuze e Guattari descrevem a pós-modernidade como um espaço de “fluxo” e “intensidade”, em que as identidades são fluidas e dinâmicas, e as experiências individuais não se subordinam a um único sistema de valores ou a verdades absolutas. Essa visão propõe uma nova maneira de conceber cada pessoa, ressignificando, portanto a ideia de “sujeito” moderno. Na perspectiva dos autores, o que constitui cada pessoa deixa de ser um ente fixo e unitário para se tornar uma entidade em constante transformação, moldada pelas interações sociais e pelas condições culturais em que está inserido.

Deleuze e Guattari (1997) deixam claro, no entanto, que esses dois espaços podem interpenetrar-se e transformar-se um no outro. Dessa forma, os autores não apenas diagnosticam a crise das estruturas modernas, mas também oferecem um novo vocabulário para compreender o mundo contemporâneo. Suas metáforas e definições nos convidam a repensar as relações entre o indivíduo, a sociedade e o conhecimento, abrindo espaço para a criatividade, a inovação e a colaboração em um mundo que, embora caracterizado pela incerteza e pela fragmentação, também é rico em possibilidades e oportunidades para novas formas de expressão e de coexistência.

A crescente "porosidade" das fronteiras no cenário contemporâneo reflete a intensificação da globalização, que possibilita a circulação de ideias, culturas, capitais e pessoas de maneira mais fluida. Essa abertura das fronteiras pode ser vista como uma oportunidade para o enriquecimento cultural e a promoção do diálogo intercultural. No entanto, ela pode gerar tensões, desavenças e sentimento de insegurança à medida que as identidades se tornam mais fragmentadas.

A pós-modernidade emergiu como uma resposta crítica à desilusão causada pelo não cumprimento das expectativas de progresso social e humano, destacando a fragmentação da identidade e a relativização dos valores, o que marcou uma ruptura com as narrativas totalizadoras da modernidade. Como apontado por Eagleton (1996), essa transição para uma era de incertezas resultou em um forte ceticismo em relação à verdade, à história e às normas sociais, culminando naquilo que se tem denominado como fluidez das identidades contemporâneas.

No entanto, é na hipermodernidade que vemos essas características atingirem um nível ainda mais elevado de complexidade. A velocidade das transformações sociais e tecnológicas, aliada à constante busca por autoafirmação e consumo, cria uma tensão existencial no sujeito hipermoderno, que precisa equilibrar a demanda por eficiência com a busca por prazer e autenticidade. A crise da razão, portanto, se amplia na hipermodernidade. As emoções e as relações interpessoais tornam-se ainda mais fundamentais para a construção de uma identidade em um mundo em constante mutação.

2.3 A HIPERMODERNIDADE COMO EXACERBAÇÃO DA MODERNIDADE

A partir deste ponto, analisarei como Lipovetsky articula a interpretação do debate entre modernidade e pós-modernidade, não apenas como uma transição, mas como uma nova configuração cultural que traz à tona questões éticas, estéticas e políticas. A partir de uma análise de suas principais obras, buscarei compreender como o autor delinea uma crítica ao hedonismo contemporâneo e propõe a construção de uma sociedade mais reflexiva e engajada. Ao examinar essa superação, investigarei também as implicações que suas ideias podem ter para o entendimento da cultura do efêmero e das relações sociais no século XXI. A pós-modernidade como discorrido até o momento, é um período marcado por mudanças profundas na forma como vivemos, pensamos e nos relacionamos. Surgiu como uma reação à modernidade, questionando suas certezas e narrativas universais.

Touraine (1994) alerta sobre a grande dificuldade de definição da modernidade, porém garante ser característica dela estar livre da antiga organização baseada no ser divino e tutelado pela lógica religiosa para uma compreensão do ser livre, racional, capaz de formulações morais autônomas e de obter e conhecer o saber científico. O “sujeito moderno” não é mais o súdito diante do poder do Estado Absolutista. Passa a se configurar como um ser civil, um ser de direitos, o cidadão do Estado Moderno.

Marcondes (2004) e Touraine (1994) revelam tensões intrínsecas à modernidade, que se manifestam tanto na valorização do indivíduo e da subjetividade quanto na busca por um saber científico desvinculado de tradições divinas. Marcondes destaca o progresso como um traço distintivo, em que o novo é constantemente exaltado em detrimento de saberes estabelecidos, evidenciando uma ruptura com a autoridade externa. Já Touraine reconhece a complexidade de definir a modernidade, enfatizando sua emancipação da organização teológica e a liberdade para explorar a razão científica. Juntas, essas reflexões oferecem um panorama da modernidade, que, embora centrada na ideia de “sujeito” e na racionalidade, também enfrenta a precariedade de suas certezas e a necessidade de um novo fundamento ético e epistemológico.

A reflexão de Lipovetsky sobre a modernidade complementa e expande as ideias apresentadas por Marcondes e Touraine, ao enfatizar a transformação da pessoa em um agente ativo na construção de sua própria identidade e valores em um contexto de consumismo e efemeridade. Lipovetsky (2005) argumenta que, embora a modernidade tenha possibilitado às pessoas se libertar das amarras da tradição e da autoridade externa, essa liberdade resulta acompanhada por uma nova forma de alienação, na qual a busca por significado e autenticidade se dispersa e se esvazia numa associação com imperativo de satisfação consumista.

Assim, enquanto Marcondes aponta para a valorização do novo e da subjetividade, e Touraine destaca a ruptura com a ordem divina, Lipovetsky insere a discussão em um cenário contemporâneo em que o indivíduo é constantemente bombardeado por ofertas de identidades pré-fabricadas, questionando a profundidade e a sustentabilidade de sua liberdade. Essa intersecção revela não apenas os desafios da modernidade, mas também a necessidade de uma crítica mais profunda sobre os fundamentos éticos e sociais que sustentam a experiência individual na atualidade.

Embora a modernidade promova a razão como critério de certeza e a autonomia, Lipovetsky (2005) alerta para o paradoxo dessa liberdade: em um mundo no qual o individualismo é exaltado, a identidade da pessoa se torna vulnerável às influências mercadológicas e à efemeridade das escolhas. Para ele, essa centralidade na construção de significados e valores está intrinsecamente ligada à cultura do consumo e à busca por autenticidade. Lipovetsky nos convida a refletir sobre a busca dessa autonomia em um contexto consumista, pois podem obscurecer o sentido mais profundo e existencial da vida.

Lipovetsky é conhecido por sua atenção aos aspectos culturais e sociais pouco explorados pela filosofia tradicional. Sua análise se baseia em uma arqueologia descritiva, explorando as múltiplas faces do fenômeno do “individualismo” ao longo da história. Segundo o filósofo, o hiperindividualismo contemporâneo tem raízes na modernidade, mas se atualiza e atinge seu ápice no que ele denomina como hipermodernidade.

Entretanto, o ideal moderno de racionalidade, fundamentado na razão, enfrentou uma profunda crise, resultando em uma série de ações destrutivas, como a fabricação de bombas atômicas, regimes totalitários e guerras mundiais. Os ideais iluministas, que prometiam libertação e progresso por meio do uso da razão, que resultaria no “sujeito esclarecido” a que se referiu Kant, revelaram-se insuficientes para garantir uma sociedade verdadeiramente ética e justa. Se, por um lado, a razão foi exaltada como o caminho para a verdade e a liberdade, por outro, a experiência das atrocidades do século XX expõe suas limitações. Essas tragédias históricas culminaram na erosão da confiança do sujeito na razão, levando-o a mergulhar, de maneira descontrolada, no domínio das emoções.

Esse desvio emocional, por sua vez, suscita importantes questões filosóficas importantes sobre a natureza do ser humano e sobre a relação entre razão e emoção. A redescoberta da emoção, embora inicialmente vista como uma resposta negativa à crise da razão, pode também ser interpretada como uma oportunidade para repensar a condição humana.

Nos acostumamos a ver um antagonismo entre a razão e a emoção. A razão seria produtora da verdade e do bom senso e a emoção seria produtora de enganos pois deturparia a capacidade humana de tomar boas decisões. No entanto, podemos considerar que "As emoções [...] nos conectam ao que consideramos importante no mundo, sendo, portanto, parte essencial da cognição moral. O cultivo da emoção, longe de ser contrário à razão, é fundamental para a formação de um ser humano completo e para o engajamento ético," nos alerta Nussbaum (2001, p. 3).

Assim, é necessário explorar um novo paradigma que integre a racionalidade com a dimensão emocional, permitindo uma outra compreensão da experiência humana e uma possível reconstrução dos fundamentos éticos que guiam nossas ações. A reflexão contemporânea pode, portanto, considerar não apenas os excessos da razão, mas também a importância das emoções na formação de um sentido coletivo que promova a paz e a solidariedade entre os indivíduos.

Lipovetsky opta por não usar o termo "pós-modernidade" porque ele considera que o prefixo "pós" sugere uma superação ou um movimento além da modernidade, o que ele não acredita ser o caso. Portanto, enquanto a pós-modernidade é frequentemente associada a uma era de incerteza, fragmentação e pluralidade, Lipovetsky vê a hipermodernidade como uma era de excesso e de aceleração das tendências modernas, sem uma ruptura clara com o passado.

O termo "pós-moderno", desde as suas primeiras formulações por autores como Lyotard, em sua obra *A Condição Pós-Moderna* (1979), tornou-se um conceito amplamente debatido e, com o passar das décadas, ganhou múltiplos significados que nem sempre são coerentes entre si. O pós-moderno, portanto, é um período marcado pela fragmentação, pelo pluralismo e pela dissolução dessas grandes narrativas unificadoras. Entretanto, o próprio termo "pós-moderno" tornou-se vago e insuficiente para exprimir a complexidade dessa nova era, especialmente no contexto das mudanças tecnológicas e culturais do final do século XX e início do XXI.

O pensamento de Gilles Lipovetsky nos convida a transcender os limites da pós-modernidade e a explorar a hipermodernidade como uma fase desafiadora. O autor argumenta que, se a pós-modernidade marcou o descrédito da crença nas metanarrativas e a fragmentação das identidades e dos valores, a hipermodernidade se caracteriza pela aceleração do tempo social, pela intensificação do individualismo e pelo domínio do consumismo e da tecnologia

(Lipovetsky, 2004b). Segundo o autor, a hipermodernidade, assim, é uma era de excessos, em que a racionalidade e a técnica não foram abandonadas, mas hipertrofiadas.

Essa transição conceitual entre o pós-moderno e o hipermoderno é marcada pela aceleração da vida cotidiana, um fenômeno que Lipovetsky descreve como a tirania do presente. Diferente da pós-modernidade, que enfatizava a fragmentação e o pluralismo, na hipermodernidade esses aspectos são radicalizados. Na sociedade hipermoderna, o indivíduo está cada vez mais envolvido em um ritmo frenético de consumo, trabalho e lazer, buscando continuamente gratificação e reconhecimento (Lipovetsky, 2005a). O “hiperindivíduo”, ou o “Narciso” contemporâneo, como o autor o chama, está imerso em uma cultura de excesso, em que a satisfação de desejos pessoais e a busca por autenticidade e singularidade se tornam os objetivos primordiais.

Além disso, como já apontado, o contexto tecnológico desempenha um papel central na hipermodernidade. A *internet*, as redes sociais e a constante disponibilidade de informações criaram uma sociedade em que a conexão e a desconexão ocorrem simultaneamente. Como observa Zygmunt Bauman (2001), outro importante teórico da modernidade tardia, a “modernidade líquida” é caracterizada por relações fluídas e efêmeras. As conexões humanas são cada vez mais frágeis e mediadas pela tecnologia. Isso ressoa com o conceito de Lipovetsky, que vê a hipermodernidade como uma fase em que a tecnologia não apenas molda, mas define a vida cotidiana, acelerando os processos consumo e de interação, cada vez mais efêmeros.

A hipermodernidade não se limita à esfera do consumo ou da tecnologia. Ela traz uma nova forma de relação com o tempo e com o espaço. Segundo Lipovetsky (2005), a sociedade hipermoderna vive sob a constante pressão de um *presente absoluto*, em que o futuro é incerto e o passado parece não oferecer recursos para viver o presente. Essa aceleração temporal é uma característica central da hipermodernidade, que impõe uma necessidade quase compulsiva de inovação e mudança. O sociólogo Hartmut Rosa, em seu trabalho sobre aceleração social, também destaca essa dimensão, argumentando que vivemos em um mundo em que o tempo parece sempre escasso, e a experiência de viver em “alta velocidade” afeta profundamente nossa percepção de vida, trabalho e lazer (Rosa, 2013).

Outro ponto da hipermodernidade é a relação com o risco e a insegurança. Se na ideia de pós-modernidade havia uma crítica às estruturas tradicionais e às grandes narrativas, na hipermodernidade essa crítica persiste e é acompanhada por um sentimento de vulnerabilidade crescente. Como Lipovetsky aponta, na condição de “hiperindivíduo”, a pessoa vive em uma

constante tensão entre a busca por segurança e o reconhecimento de que a própria estrutura social é volátil e incerta. Isso é amplificado pelo avanço das biotecnologias, pela crise climática e pela instabilidade econômica global, que intensificam a sensação de que o futuro é imprevisível e, muitas vezes, ameaçador (Lipovetsky, 2005).

Lipovetsky prefere empregar o termo “*hipermodernidade*” para descrever esse processo. O prefixo “hiper” indica uma exacerbação dos valores modernos, caracterizando uma cultura de excessos, marcada pela efemeridade, em que cada pessoa, em um ritmo frenético, busca a satisfação plena de seus desejos. A diversidade é central nesse contexto. A desconstrução das certezas modernas abre espaço para a valorização da diversidade cultural, sexual, étnica e de gênero.

3 GILLES LIPOVETSKY E SUA LEITURA DA CONTEMPORANEIDADE

Gilles Lipovetsky desenvolveu uma obra marcada pela análise crítica das transformações socioculturais e econômicas que definem a contemporaneidade. Ao longo de sua trajetória, Lipovetsky tem se destacado por examinar a condição pós-moderna e hipermoderna, explorando temas como o individualismo, o consumismo, o hedonismo e a aceleração da vida cotidiana. Suas reflexões oferecem recursos importantes para compreender as contradições e os paradoxos que moldam a sociedade em seus traços atuais, especialmente no que se refere à relação entre as pessoas e o sistema capitalista globalizado.

Ao cunhar o conceito de “hipermodernidade”, Lipovetsky vai além das análises tradicionais da modernidade e da pós-modernidade, propondo uma visão que enfatiza a intensificação das dinâmicas sociais que dominam o presente, como já destacado. A era hipermoderna é caracterizada pela aceleração tecnológica, pela centralidade do consumo, pela volatilidade das identidades e pela coexistência entre o hedonismo e a angústia do sujeito em face do futuro incerto. O pensamento de Lipovetsky investiga como o desejo de liberdade, prazer e realização pessoal convive com o medo, a incerteza e a fragilidade emocional que emergem em uma sociedade hiperconectada e saturada de informações (Lipovetsky , 2004).

Mais do que um crítico da modernidade, Lipovetsky se posiciona como um intérprete atento das nuances que permeiam a vida contemporânea, questionando a superficialidade das relações e o impacto do hiperconsumo sobre a subjetividade. Ao mesmo tempo, ele sugere que, apesar das crises e das contradições do presente, há espaços para resistência e reconstrução ética, apontando a importância dos direitos humanos e da integridade intelectual como exemplos de valores que podem desafiar a lógica dominante do espetáculo e do mercado (Lipovetsky 2005).

Portanto, ao longo desta análise, será explorado como a obra de Gilles Lipovetsky nos permite entender melhor os dilemas e desafios da contemporaneidade, oferecendo uma visão crítica sobre as dinâmicas sociais e os caminhos possíveis para a construção de uma sociedade mais equilibrada e reflexiva, que não perca a condição reflexiva, tão cara desde a modernidade. O autor não apenas diagnostica a condição hipermoderna, mas nos convida a refletir sobre os rumos que podemos tomar enquanto navegamos em um mundo de excessos e incertezas.

Lipovetsky nasceu em 1944, na França. Ele é graduado em Filosofia pela Universidade de Grenoble, onde passou a dar aulas. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* de

universidades do Canadá, Bulgária, Portugal, México, Colômbia e Brasil. Como teórico da hipermodernidade e da pós-modernidade, é considerado um intelectual de referência para os temas da moda e do consumo. Autor de vasta publicação, entre quais se destacam obras como a *Era do Vazio*, *O Império do Efêmero*, *O Crepúsculo do Dever*, *A Estetização do Mundo e Da Leveza: para uma civilização do ligeiro*, *Sociedade Pós-Moralista*, *Tempos Hipermodernos*, *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*, entre outras, além de inúmeras publicações em artigos e entrevistas em diferentes países.

Boa parte de sua obra está disponível em língua portuguesa. Suas obras foram traduzidas para cerca de dezoito idiomas, alcançando leitores em todo o mundo. Gilles Lipovetsky é um pensador que nos convida a refletir sobre as complexidades da vida contemporânea, suas contradições e desafios. Sua abordagem crítica e perspicaz continua a inspirar estudiosos e leitores interessados em compreender o mundo em que vivemos. Sua formação inicial foi influenciada pelo pensamento marxista, como muitos intelectuais de sua época. No entanto, para o autor, essa perspectiva pretendia mais estabelecer domínio e “engolir” sociedade do que propriamente transformá-la. Chegou mesmo a dizer que o capitalismo seria o único sistema plausível na atualidade, passando a interpretar as suas nuances, equívocos e acertos (Brandão, 2020).

O autor já esteve algumas vezes no Brasil participando de eventos e, em 2015, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Na ocasião, participou do 13º Seminário Internacional de Comunicação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. A notícia destacada no portal da Instituição trouxe o seguinte destaque:

“Sou um filósofo sem sê-lo. Um sociólogo sem sê-lo. Sou um híbrido. Aprendo todos os dias lendo especialistas. Assim Gilles Lipovetsky, filósofo francês recém integrado à PUCRS como Doutor Honoris Causa, descreveu a si mesmo, como um “aglutinador de pensamentos modernos” (PUCRS, 2015, s. p, grifo meu).³

Lipovetsky (2005) é um pensador multifacetado cujas ideias têm impactado profundamente nossa compreensão da sociedade hipermoderna. Ele analisa uma sociedade caracterizada pelo desinvestimento público, perda de sentido das grandes instituições morais,

³ PUCRS. Institucional. **Gilles Lipovetsky é Doutor Honoris Causa pela PUCRS**, 19 nov. 2015. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/noticias/institucional/gilles-lipovetsky-e-doutor-honoris-causa-pela-pucrs/> Acesso em: 10 jun 2024.

sociais e políticas, e uma cultura aberta que valoriza a tolerância, o hedonismo e a personalização dos processos de socialização.

3.1 A HIPERMODERNIDADE EM QUESTÃO

Como já exposto, ele cunhou o termo “hipermodernidade” para descrever a fase atual da sociedade, marcada pelo consumismo, tecnologia e individualismo. Suas reflexões são fundamentais para entender as mudanças socioculturais que moldam a subjetividade do indivíduo no mundo atual. Ao abordar esses temas, Lipovetsky não apenas descreve fenômenos, mas também investiga suas implicações éticas, psicológicas e existenciais, oferecendo uma crítica profunda e articulada sobre a condição humana na era hipermoderna (Lipovetsky, 2007).

Não por acaso, a hipermodernidade encontra na figura de Narciso seu arquétipo simbólico. Narciso, na mitologia grega, é o jovem que se encanta por sua própria imagem refletida na água, incapaz de desviar o olhar de si mesmo. Essa imagem ressoa profundamente com os valores centrais da era hipermoderna, o culto ao “eu”, a necessidade da pessoa “ser vista,” e o investimento na aparência atingem novos níveis de intensidade. O “sujeito hipermoderno”, faz com que cada pessoa, assim como Narciso, seja absorvida pela busca incessante por autoafirmação, dada pela visibilidade que é tomada como reconhecimento, fortemente mediada pelas tecnologias de imagem, redes sociais e pela lógica do consumo. Segundo Charles (2004), a pessoa na era hipermoderna exibe uma dualidade: ele busca procedimentos de rejuvenescimento e valoriza a estética, mas também demonstra responsabilidade e, por vezes, atitudes inconsequentes. Esse paradoxo caracteriza a individualidade como uma forma de exaltação e, ao mesmo tempo, um fardo.

O narcisismo contemporâneo se manifesta através da valorização extrema da individualidade, da autossatisfação e da projeção de uma identidade cuidadosamente pensada para ser apreciada pelo olhar dos outros. O eu hipermoderno é construído, promovido e exibido como um produto a ser consumido, exatamente como as mercadorias que compõem a lógica do consumo desenfreado. No contexto hipermoderno, o objeto é valorizado mais pelos seus atributos do que pela sua função. A proliferação das redes sociais exemplifica isso claramente: a pessoa se torna simultaneamente criadora e o consumidora de sua própria imagem, alimentando uma cultura de *likes*, seguidores e validação externa que espelha a obsessão de Narciso com seu reflexo (Lipovetsky, 2004).

No entanto, essa busca por autoafirmação e visibilidade é acompanhada de uma fragilidade existencial. Assim como Narciso se perde, encantado com a sua imagem, a pessoa hipermoderna corre o risco de se perder em uma superficialidade narcísica, em que a profundidade das relações humanas e o sentido de comunidade são sacrificados em favor de um individualismo exacerbado e da necessidade de aprovação externa constante. Conforme Lipovetsky (2005), na hipermodernidade, o desejo de autenticidade transforma-se em uma constante atuação para satisfazer um público invisível, que dita a relevância da pessoa. Dessa forma, a autenticidade passa a ser guiada por expectativas externas, e a pessoa acaba presa a uma lógica que ela mesmo contribuiu para estabelecer.

A partir desse ponto, entramos em um espaço de intersecção, conhecido como pós-modernidade, na qual o “individualismo paradoxal” emerge como uma de suas características mais marcantes, talvez a mais aguda. Na modernidade, os ideais de “liberdade” e “igualdade” foram centrais para a formação da pessoa autônoma, servindo como ferramentas para romper com as tradições e as hierarquias que predominavam em períodos anteriores. No entanto, ao chegar na pós-modernidade, esse individualismo, antes enraizado em projetos emancipatórios, começa a revelar suas contradições internas. Com a fragmentação das grandes narrativas e pelo avanço da individualização, o que era visto como uma promessa de liberdade e emancipação transforma-se, em um percurso solitário e incerto, no qual a pessoa precisa adaptar-se continuamente a expectativas instáveis e a um contexto social em permanente mudança.

O conceito de "individualismo paradoxal" se refere a uma dinâmica em que ao mesmo tempo em que a pessoa é exaltada como um agente livre e autônomo, encontra-se mais fragmentada e vulnerável do que nunca em sua integridade existencial. Na modernidade, a ênfase na autonomia era parte de um projeto coletivo que buscava libertar o sujeito das amarras de dogmas religiosos, do controle social rígido e das tradições impositivas. A promessa de uma sociedade baseada na razão e nos direitos individuais fornecia uma base para o progresso social e para a realização pessoal.

Ao longo do século XX, porém, esse projeto se complica. A pessoa, em vez de se afirmar em uma comunidade baseada em valores compartilhados, encontra-se cada vez mais isolada e pressionada a gerir sozinha sua identidade e suas escolhas em um mundo fragmentado. A promessa de liberdade se transforma em uma exigência de autossuficiência, enquanto a igualdade se esvai diante de uma crescente competitividade e desigualdade, exacerbadas pela lógica do mercado globalizado e pelo consumismo.

Esse individualismo pós-moderno é paradoxal porque, ao mesmo tempo que exalta a liberdade, submete a pessoa a novas formas de dependência, como a necessidade constante de validação externa, o consumo desenfreado como forma de autoexpressão e a incapacidade de criar vínculos duradouros em um contexto no qual tudo é efêmero. A busca pela autenticidade e pela realização pessoal, características centrais da modernidade, se convertem, na pós-modernidade, em uma performance incessante na qual o sujeito se vê aprisionado em uma necessidade de se reinventar e se adaptar às demandas do mercado e da imagem.

O “individualismo” aparece como um dos pilares centrais de suas análises. Lipovetsky (2007) examina como a autonomia e a liberdade pessoal, valores exaltados na modernidade, se intensificam na contemporaneidade a ponto de se tornarem paradoxais. O autor argumenta que no contexto hipermoderno, ao mesmo tempo em que a pessoa conquista uma liberdade ampliada, se torna também mais vulnerável, imersa em um mundo em que as estruturas coletivas tradicionais, como a família, a comunidade e as instituições, perdem seu poder. Essa liberdade, embora desejada, gera um sentimento de insegurança, já que a pessoa hipermoderna precisa construir sua identidade em um contexto marcado pela fluidez e pela incerteza.

A individualização extrema é uma marca da hipermodernidade. O “sujeito” contemporâneo é, em muitos sentidos, mais livre do que nunca, mas essa liberdade é acompanhada por uma responsabilidade esmagadora que encontram pessoas cada vez mais desprovidas de recursos para enfrentá-la. Na ausência de estruturas coletivas e normas fixas que orientem suas escolhas, a pessoa se encontra sozinha na tarefa de construir sua identidade, de gerir suas emoções e de definir seu próprio sentido de vida. A autonomia, que na modernidade foi vista como uma conquista, se torna, na hipermodernidade, uma fonte de angústia, uma vez que a pessoa é constantemente pressionada a se adaptar, a inovar e a performar em um cenário de constante mudança.

O “consumo” é outro tema importante em sua obra. Lipovetsky reflete sobre o papel central que o consumo assume na definição da identidade e das relações sociais. Na sociedade pós-industrial, o consumo deixa de ser um simples meio de suprir necessidades materiais e passa a ser um vetor de realização pessoal e de expressão de identidade. A busca por *status*, prazer e satisfação instantânea, transforma o ato de consumir em uma prática cultural e existencial, o que reforça a superficialidade das relações e a efemeridade dos valores (Lipovetsky, 2009). No entanto, ao mesmo tempo que critica o consumismo, Lipovetsky

reconhece sua inevitabilidade no mundo contemporâneo, destacando a necessidade de repensar essa dinâmica para enfrentar suas consequências negativas.

A “globalização” também é uma questão relevante no pensamento de Lipovetsky. Ele examina como o processo de globalização afeta as culturas locais e a identidade individual. A globalização cria um paradoxo: ela promove a conectividade global e a homogeneização de práticas culturais, ao mesmo tempo em que exacerba as desigualdades e a fragmentação social. Traz consigo a promessa de progresso e inovação, mas também gera alienação, ao desarraigar o indivíduo de contextos sociais e culturais que antes conferiam sentido e coesão (Lipovetsky, 2010).

Por fim, na “sociedade pós-industrial”, Lipovetsky examina a transição de uma economia centrada na produção industrial para uma economia baseada em serviços, tecnologia e consumo. Nesse novo cenário, o trabalho, o lazer e o consumo tornam-se elementos centrais na vida do indivíduo, redefinindo suas prioridades e seus objetivos de vida. A identidade passa a ser construída não mais em torno do trabalho produtivo ou da classe social, mas em torno das escolhas de consumo, da performance individual e do estilo de vida (Lipovetsky, 2004).

Lipovetsky explora como essas grandes transformações, o individualismo exacerbado, consumismo desenfreado, globalização, fluidez das instituições e a transição para uma sociedade pós-industrial afetam profundamente a forma como a pessoa constrói sua identidade, interage com o mundo e encontra (ou perde) sentido em sua existência. Seu trabalho nos convida a uma reflexão crítica sobre as condições que definem a vida contemporânea, apontando para os desafios éticos e existenciais que emergem nesse contexto.

Além de Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman e Jean Baudrillard também se destacam na exploração das dinâmicas da hipermodernidade. Esses três pensadores, embora com abordagens distintas, convergem na análise das complexidades e paradoxos que definem a contemporaneidade. Suas reflexões conjuntas oferecem um panorama rico e multifacetado das transformações sociais, culturais e econômicas que moldam a vida no presente.

Zygmunt Bauman, com seu conceito de “modernidade líquida”, complementa a visão de Lipovetsky ao enfatizar a fluidez das relações sociais, políticas e econômicas na era hipermoderna. Para Bauman (2001), a liquidez contemporânea reflete a transitoriedade e a fragilidade das instituições e identidades, em contraste com a solidez que caracterizou a modernidade. A pessoa, diante dessa liquidez, vive em um estado de constante adaptação, o que gera insegurança e precariedade. Sua análise foca na dissolução de estruturas tradicionais, como

família, comunidade e trabalho, revelando como cada um/a é forçado/a a navegar em um mundo no qual as certezas são efêmeras e as responsabilidades pessoais crescentes

Jean Baudrillard, por sua vez, contribui com uma crítica à sociedade do espetáculo e à “hiper-realidade”, conceitos que exploram a simulação e a superficialidade que dominam a cultura contemporânea. Para Baudrillard (1981), vivemos a substituição da realidade pelas simulações. Neste caso, os signos e as imagens têm mais poder do que a própria realidade. Em uma era de consumo massivo de imagens e símbolos, os indivíduos se encontram em um mundo de aparências, no qual a distinção entre o real e o imaginário se torna cada vez mais tênue. Sua análise do consumo e da cultura midiática está em sintonia com a crítica de Lipovetsky ao consumismo, ao mesmo tempo em que aprofunda a compreensão das consequências psicológicas e sociais de viver em uma era saturada por simulações

Juntos, Lipovetsky, Bauman e Baudrillard formam um trio de pensadores que nos ajudam a decifrar os paradoxos e desafios da hipermodernidade. Eles revelam que, embora vivamos em uma era de liberdade individual sem precedentes, essa liberdade é acompanhada por uma fragilidade existencial e por um vazio de sentido. O sujeito hipermoderno, ao buscar sua identidade através do consumo e da imagem, é ao mesmo tempo livre e prisioneiro de uma sociedade que oferece infinitas escolhas, mas poucas direções.

Ao explorar o impacto da cultura do consumo e do espetáculo (Lipovetsky), a fluidez das relações (Bauman) e a prevalência da simulação sobre a realidade (Baudrillard), esses pensadores nos convidam a refletir criticamente sobre as implicações éticas, sociais e políticas da vida contemporânea. A contribuição deles não é apenas diagnóstica; eles também nos incitam a questionar as normas e valores que orientam nossa existência na hipermodernidade, desafiando-nos a encontrar novas formas de resistência e de significado em um mundo dominado pelo efêmero e pelo superficial.

A hipermodernidade é um conceito que emerge como resposta às profundas transformações sociais, culturais e econômicas que caracterizam o final do século XX e início do século XXI. Situada em continuidade com as análises da modernidade e da pós-modernidade, a hipermodernidade descreve uma era marcada pela intensificação dos fenômenos que já se anunciavam nessas fases anteriores, como o consumismo, a individualização, a globalização e a aceleração tecnológica. Gilles Lipovetsky, um dos principais expoentes dessa corrente, aponta que a hipermodernidade não representa uma ruptura

radical com a modernidade, mas sim um aprofundamento de suas dinâmicas, elevadas a novos extremos.

Deste modo, pode-se compreender que a hipermodernidade, conforme interpretada por Lipovetsky, é mais do que uma simples continuidade da modernidade; é uma intensificação dos valores consumistas e individualistas, cujas implicações vão muito além da esfera econômica. Em síntese, a hipermodernidade, longe de ser um desenvolvimento pacífico, traz consigo as marcas de uma sociedade em transformação, moldada por forças econômicas e culturais que simultaneamente libertam o indivíduo e o aprisionam em uma lógica de consumo incessante e superficialidade. Essa fase histórica, portanto, exige uma reflexão filosófica crítica sobre os valores que sustentam a vida contemporânea e as possíveis alternativas para superar suas contradições.

Para Lipovetsky (2004; 2007), a passagem da modernidade para a pós-modernidade se dá a partir da segunda metade do século XX. Para ilustrar como esse processo se desenrolou, o filósofo francês divide o capitalismo de consumo em três fases distintas. Cada uma dessas fases representa um momento específico na história do capitalismo, marcando mudanças profundas na relação entre produção, consumo e cultura.

A primeira fase é o capitalismo “industrial” clássico, que emergiu no século XIX e se consolidou no início do século XX. Essa fase é caracterizada pela produção em massa e pela ênfase no trabalho como base da identidade social e da prosperidade econômica. O consumo, nesse período, era basicamente uma consequência da produção e limitado por padrões de renda relativamente estáveis. Cantuário (2022) destaca que essa fase representa uma modificação significativa na maneira de consumir porque é quando as “marcas” passam a estampar os produtos, carregando a ideia de qualidade e cobrando fidelidade. Inserem-se também nessa fase os grandes Magazines, que para Baudrillard se corporificam não no *shopping center*, mas na *drugstore*; o *shopping* é mais um lugar de apreciação que de consumo. Por exemplo, “na França, o *Printemps* é fundado em 1865 e *Le Bon Marché*, em 1869; nos Estados Unidos, a *Macy's* e o *Bloomingdale's* tornam-se grandes magazines [...]” (Lipovetsky, 2007, p. 30). Ao se referir às grandes lojas de departamento (magazines) como o *Printemps* e *Le Bon Marché*, na França, e *Macy's* e *Bloomingdale's* nos Estados Unidos, destaca a importância dessas instituições na consolidação da cultura de consumo desde o final do século XIX.

Os grandes magazines são marcos históricos na transformação da economia e da cultura, pois introduzem o consumo em massa em um ambiente projetado para despertar o

desejo e o fascínio. Eles são mais do que meros pontos de venda: são lugares nos quais o consumidor é seduzido pela abundância de produtos e pela experiência de comprar, sendo pioneiros naquilo que mais tarde se tornaria o ambiente hipermoderno do *shopping center*, que enfatiza o consumo como lazer e também espetáculo, um lugar não só de consumo mas de apreciação da cultura do consumo.

A segunda fase teria início na década de 1950, estendendo-se por aproximadamente três décadas, marcada pela produção e pelo consumo em massa. Portanto, em larga escala, deixando o consumo de ser um privilégio restrito a uma única classe social. Nela, diz Lipovetsky (2007), o foco muda para o consumidor. A partir da metade do século XX, especialmente no período após Segunda Guerra Mundial, o consumo se torna o motor da economia. Produtos são fabricados não apenas para atender às necessidades básicas, mas para satisfazer desejos, promover estilos de vida e criar identidades. As empresas começam a se concentrar mais no *marketing* e na criação de demandas, estimulando o desejo de novidade e a gratificação imediata. O autor usa a expressão “sociedade da abundância” (Lipovetsky, 2007, p. 32) para caracterizar essa fase, entendendo-a como a expressão própria da sociedade do consumo de massa. Lipovetsky (2004) afirma que a emergência da sociedade de massa deriva da ampliação da produtividade da indústria, graças aos modelos racionais de produção em série, como o taylorismo e o fordismo para ampliar as condições de oferta de mercadorias e atender as “necessidades” de consumo.

As palavras-chave nas organizações industriais passam a ser: especialização, padronização, repetitividade, elevação dos volumes de produção. Trata-se, graças à automatização e às linhas de montagem, de fabricar produtos padronizados em enorme quantidade. A “lógica da quantidade” domina a fase II (Lipovetsky, 2007, p. 33).

Dessa maneira observa-se a importância do modelo taylorista-fordista na formação da sociedade de consumo de massa durante a segunda fase do capitalismo. Esse modelo, caracterizado pela especialização do trabalho, padronização dos produtos e automatização dos processos produtivos, permitiu um aumento expressivo na produtividade e nos salários, especialmente no período de 1950 a 1973. A “lógica da quantidade” tornou-se o princípio dominante nas indústrias. A produção em larga escala de bens padronizados atendia à crescente demanda de consumo de uma sociedade em transformação. Esse processo possibilitou o acesso ao consumo para grandes parcelas da população como motor do crescimento econômico.

Por fim é chegada a terceira fase, que corresponde à “hipermodernidade”, que se expressa na intensificação dessas dinâmicas. O consumo deixa de ser apenas uma prática econômica ou social, configura-se como uma ideologia cultural dominante. O capitalismo hipermoderno é caracterizado pela saturação do mercado com uma quantidade infinita de bens e serviços, pela busca incessante por inovação e pela mercantilização de todas as esferas da vida, desde a saúde até as relações pessoais. Nesse contexto, o consumo não é mais apenas uma questão de *status* ou de identidade, mas uma exigência existencial. O “sujeito hipermoderno” é, em grande medida, moldado pelo desejo de consumir, em que a satisfação pessoal é mediada pelo acesso a bens e experiências.

A terceira fase do consumismo tem início na década de 1980 e se estende até os dias atuais. Nessa fase, conhecida como a era do “hiper”, todas as dinâmicas sociais e culturais são intensificadas a níveis extremos. O “narcisismo” transforma-se em hipernarcisismo, situação em que o foco no *eu* e na autoimagem se torna obsessivo, amplificado pelas mídias sociais e pela cultura da performance. O “consumo” deixa de ser apenas um ato econômico para se tornar hiperconsumo, uma prática incessante e desmedida, que atravessa todas as esferas da vida e promove a mercantilização até de experiências e emoções. Diluem-se as fronteiras entre a esfera pública e esfera privada com a crescente espetacularização da intimidade como uma nova forma de reconhecimento da externo da subjetividade.

O tempo, na hipermodernidade, é acelerado; o imediatismo e a busca por gratificação instantânea dominam o comportamento individual e coletivo. O hiperindividualismo e a hiperconectividade coexistem com uma sensação de incerteza e ansiedade, resultando em uma sociedade em que os limites tradicionais entre o público e o privado, o real e o virtual, são constantemente desafiados e redefinidos.

Essa fase reflete um momento histórico em que os excessos e a exacerbação das tendências modernas se tornam centrais, criando complexidades e paradoxos que definem o mundo contemporâneo. O “sujeito hipermoderno” é ao mesmo tempo mais livre e mais vulnerável, mais conectado e mais isolado, vivendo em uma realidade saturada de opções, mas frequentemente marcada por um vazio existencial.

Essa divisão proposta pelo filósofo francês nos permite entender como o capitalismo evoluiu de uma economia focada na produção para uma cultura centrada no consumo. Ela revela como o consumismo não apenas transforma a economia, mas também molda profundamente a subjetividade e as relações sociais, criando formas de alienação e satisfação na busca do prazer

imediatos. Além disso, Lipovetsky observa que a hipermodernidade não é apenas uma fase cultural, mas também uma condição existencial que impacta profundamente a subjetividade contemporânea. Essa hipermodernidade, é “uma sociedade liberal caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, desvinculada como nunca dos grandes princípios estruturantes da modernidade”, destaca Charles (2004, p. 26).

Lipovetsky vê que, “apesar de a pós-modernidade anunciar a ideia do depois de, esse pós- ainda olha para trás, para aquilo que já está ultrapassado, morto desde as origens. Para o autor, “[...] o rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia” (Lipovetsky; Charles, 2004, p. 52). Por sua vez, o *hiper* aponta para a frente, uma modernidade elevada ao superlativo, sinalizada pelo excesso” (Lipovetsky, 2004, p. 51). Na era do hiperconsumo, a mercadoria perde sua função simbólica tradicional, como uma ferramenta de distinção social e passa a servir principalmente à satisfação de desejos individuais e efêmeros. O foco se desloca para o prazer pessoal e a gratificação imediata, criando uma "civilização do hiperconsumo" na qual o individualismo extremo reina soberano e o ciclo de consumo nunca cessa, refletindo um modo de vida centrado no excesso e na acumulação.

O filósofo conclui dizendo: “não há mais escolha, nenhuma outra alternativa senão evoluir, acelerar a mobilidade para não ser ultrapassado pela ‘evolução” (Lipovetsky, 2004, p. 55). Em síntese, a hipermodernidade, conforme delineada por Lipovetsky, é um conceito que sintetiza a complexidade do mundo contemporâneo, refletindo uma continuidade e uma ruptura em relação à modernidade e à pós-modernidade.

Ao abordar as dinâmicas da sociedade de consumo, a efemeridade das relações e a precariedade das identidades, Lipovetsky convida à reflexão sobre as implicações éticas e existenciais dessa nova era. O desafio consiste em entender como, em meio a essa aceleração e fragmentação, é possível buscar sentido, construção de comunidades e formas de vida que resgatem a profundidade da experiência humana. Assim, a hipermodernidade se apresenta não apenas como um diagnóstico, mas como um convite a uma nova maneira de pensar e viver, na qual a reflexão crítica se torna essencial para navegar nas complexidades do presente.

A afirmação de que o rótulo pós-moderno "ganhou rugas" sugere que ele se tornou obsoleto diante da necessidade de um novo paradigma, que Lipovetsky chama de hipermodernidade. Essa nova fase busca captar as complexidades da era contemporânea, na

qual a tecnologia, a globalização e a ética se entrelaçam de maneiras que desafiam a compreensão tradicional da sociedade.

Em última instância, o hiperconsumo reflete uma tentativa de substituir o que foi proporcionado por narrativas estruturantes da modernidade. No entanto, à medida que a promessa de plenitude existencial através do consumo se revela ilusória, o “sujeito hipermoderno” se vê diante de um abismo: sem os grandes ideais do passado, a vida se organiza em torno de satisfações fugazes que, paradoxalmente, reforçam o sentimento de vazio. Essa parece ser a grande questão do presente, ou seja, a complexidade e a abundância coexistem com a perda de um sentido profundo. O consumo se tornou uma prática cultural que ultrapassa o mero ato de compra: é uma maneira de viver e se relacionar com o mundo.

Um dos grandes paradoxos da hipermodernidade reside na coexistência, aparentemente contraditória, entre o hedonismo e a responsabilidade individual. Por um lado, o modo de viver típico da hipermodernidade promove a busca incessante pelo prazer e pela satisfação pessoal, com um foco exacerbado no consumo, nas experiências sensoriais e na realização imediata dos desejos. Por outro lado, essa mesma sociedade exige uma crescente responsabilidade individual. No contexto hipermoderno, a pessoa é chamada não apenas a desfrutar de suas escolhas, mas também a responder por elas.

Essa responsabilização vai além da esfera ética ou moral, abrangendo aspectos como a saúde, a carreira, o bem-estar psicológico e até a sustentabilidade ambiental. Em meio ao culto ao prazer, a pessoa é confrontada com a necessidade de gerir sua própria vida de forma consciente e calculada, equilibrando as demandas do consumo com as exigências de autocontrole, planejamento e responsabilidade social.

Até os comportamentos individuais são pegos na engrenagem do extremo, do que são prova o frenesi consumista, o *doping*, os esportes radicais, os assassinos em série, as bulimias e anorexias, a obesidade, as compulsões e vícios. Delineiam-se duas tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo, a anarquia comportamental. O hiperindividualismo, regulador de si mesmo, é ora prudente e calculista, ora desregrado, ao mesmo tempo desequilibrado e caótico (Lipovetsky; Charles, 2004).

No campo da estrutura social, a aceleração implica uma reconfiguração das relações e das instituições. A sociedade torna-se mais flexível, fluida e fragmentada, o que muitas vezes

resulta em instabilidade e precariedade. As instituições tradicionais, como a família, o trabalho e o Estado, passam a ser reestruturadas em função de uma dinâmica acelerada, que exige adaptação constante e imediata às mudanças. Esse processo gera, ao mesmo tempo, novas oportunidades e novos desafios, como o aumento da ansiedade e da insegurança social.

Por fim, a vida humana é diretamente afetada por essa aceleração. A experiência subjetiva do tempo se transforma, com o “sujeito hipermoderno” vivendo sob a constante pressão de otimizar o tempo e maximizar a produtividade. A aceleração, longe de ser neutra, impõe novas demandas à subjetividade, criando um sentimento de esgotamento, fragmentação e alienação. A vida se torna um constante jogo de adaptação às novas velocidades, o que compromete o espaço para a reflexão, a pausa e a contemplação. Lipovetsky (2004) aponta que, ao contrário da modernidade, que se expressava de forma assertiva por meio de processos de negação e exclusão, a hipermodernidade se destaca por sua capacidade de ser integradora, simbiótica e capaz de unir diferentes elementos, formando um todo amalgamado.

3.2 A HIPERMODERNIDADE COMO ERA DO VAZIO

A hipermodernidade, como já exposto, emerge no final do século XX e se consolida no início do XXI, é uma intensificação radical dos processos de modernização. Ela não apenas dá continuidade às dinâmicas da modernidade, como também acelera e exacerba suas principais características. Dentro deste cenário, Gilles Lipovetsky cunhou o termo "era do vazio" para descrever uma sociedade marcada pela superficialidade, pela dissolução dos valores coletivos e pelo esvaziamento das experiências humanas, em que o indivíduo é impulsionado a buscar sentido em um mundo que oferece, na maior parte das vezes, apenas simulacros de satisfação.

Este vazio existencial, portanto, é um reflexo direto da hipermodernidade. As promessas de liberdade e realização pessoal, que outrora pareciam uma conquista da modernidade, agora se desdobram em sentimentos de alienação, ansiedade e desorientação, à medida que a vida social se torna fragmentada e orientada pelo excesso de informação e de consumo. A era do vazio não é um estado de ausência de ação ou de movimento, mas uma era de excesso: excesso de opções, de estímulos, de demandas, que paradoxalmente resultam em um profundo sentimento de falta de propósito. Silva (2005) afirma que:

"[...] estamos menos carregados e mais livres, mais lúcidos e menos dependentes, mais exigentes e menos submissos, mais flexíveis e menos engessados por engrenagens de

poder em nome de verdades que se apresentavam como transcendentais ou universais, embora não passassem de formas locais de controle" (Silva, 2005, p. X).

Pensar a *hipermodernidade* em conjunção com a *era do vazio* nos convida a refletir sobre os paradoxos que permeiam a vida contemporânea. Por um lado, vivemos em uma época de extraordinária abundância material e tecnológica, em que o acesso ao conhecimento e aos bens de consumo é mais rápido e disseminado do que nunca. No entanto, essa abundância não se traduz em um aumento proporcional de bem-estar subjetivo ou de sentido existencial. Pelo contrário, quanto mais somos expostos a infinitas possibilidades de escolha e experiências, maior parece ser o sentimento de vazio e insatisfação. Essa é uma das grandes contradições da hipermodernidade: a promessa de felicidade e realização, ancorada no consumo e na tecnologia, parece produzir o efeito oposto uma busca incessante por algo que nunca se alcança plenamente.

O “sujeito hipermoderno”, ao se distanciar das estruturas tradicionais de significado como a religião, a comunidade ou os valores herdados, encontra-se em uma situação de constante construção e reconstrução de sua identidade. A liberdade de se reinventar, tão celebrada pelo discurso hipermoderno, frequentemente esconde a pressão avassaladora de corresponder a padrões sempre mutáveis e inatingíveis. Assim, a vida social hipermoderna é marcada por uma inquietude crônica: o vazio é sentido não pela falta de experiências, mas pela volatilidade e falta de profundidade delas.

Por outro lado, a era do vazio também pode ser vista como um terreno fértil para novas formas de resistência e de criação de sentido. A busca por autenticidade, ainda que fragmentada e fluida, pode ser um sinal de que os indivíduos não estão simplesmente cedendo às lógicas do consumo e da superficialidade, mas tentam, de formas inusitadas, recuperar algum tipo de profundidade nas relações e nas experiências. Seja por meio de práticas espirituais alternativas, do resgate de valores comunitários ou da revalorização de modos de vida mais lentos e conscientes, há indícios de que a hipermodernidade, com todo o seu vazio, também carrega o potencial para novas formas de sentido e conexão.

Na obra de Lipovetsky (2005) emergem dois conceitos centrais para a compreensão da pós-modernidade: o processo de personalização e o narcisismo. Em sua investigação, o autor argumenta que o processo de personalização constitui a dinâmica subjacente ao funcionamento das sociedades contemporâneas. Este conceito, vinculado à valorização da pessoa e à construção da identidade pessoal, reflete a transição de uma era marcada por estruturas coletivas e identidades fixas para um contexto em que a pessoa assume uma posição central e

fragmentada, buscando constantemente sua própria autodefinição. Lipovetsky define esse fenômeno como: “[...] um novo tipo de controle social desembaraçado dos pesados processos da massificação-reificação-repressão. A integração se realiza pela persuasão, invocando a saúde, a segurança e a racionalidade [...]” (Lipovetsky, 2005, p. 7- 8).

O processo de personalização também reflete uma mudança na maneira como as pessoas se relacionam com identidades e papéis sociais. Na modernidade, havia uma expectativa de que cada indivíduo se ajustasse a um papel bem definido, seja como trabalhador, pai, cidadão ou estudante. Na pós-modernidade, esses papéis se tornam mais flexíveis, permitindo que o indivíduo construa e reconstrua sua identidade ao longo do tempo, conforme suas próprias necessidades e desejos. A rigidez dá lugar à fluidez, e a uniformidade cede espaço à pluralidade.

Na sociedade pós-moderna o impulso para a mobilização coletiva se enfraquece à medida que o individualismo e, portanto, a dinâmica narcisista se fortalece. Na contemporaneidade, em vez da pessoa buscar a transformação social ou a participação em movimentos coletivos, volta-se para si, perseguindo sua realização pessoal e a construção de uma vida que reflita sua identidade única, peculiar, e seus desejos íntimos. A sedução da personalização, que Lipovetsky descreve, é justamente essa tentação de concentrar-se exclusivamente em si, em vez de olhar para o mundo externo e seus desafios coletivos.

O narcisismo, assim, torna-se um mecanismo de sedução que retira o indivíduo da esfera pública e o conduz para um espaço de auto absorção, em que o foco principal é o próprio bem-estar, equilíbrio e satisfação. O ideal de transformar o mundo é substituído pelo ideal de transformar a própria vida, de maneira que a pessoa encontre significado não em grandes causas sociais, mas na personalização de suas experiências, escolhas e estilos de vida.

Essa transformação gera uma sociedade em que a mobilização coletiva perde força, e as relações sociais são moldadas pelo desejo de autoexpressão e pela busca por reconhecimento pessoal. A política, as causas sociais e até mesmo a solidariedade parecem secundárias diante da primazia do projeto íntimo que cada indivíduo persegue.

Dessa forma, o narcisismo, para Lipovetsky, não é apenas uma questão de egoísmo ou vaidade. Trata-se de uma transformação radical no modo como as pessoas veem suas vidas e seus papéis no mundo. A pessoa narcisista encontra realização na personalização e na individualidade, o que enfraquece o impulso revolucionário e a mobilização em torno de questões coletivas. O equilíbrio buscado, portanto, não é social, mas estritamente pessoal, e o

espírito revolucionário cede à sedução de uma vida desenhada sob medida para as preferências individuais. Há, com o narcisismo, uma nova compreensão do corpo presente no imaginário social: este é percebido como corpo psicológico, ou seja, recebe destaque os aspectos psíquicos, a individualidade, a personalidade, os traços típicos, as características particulares etc (Lipovetsky, 2005).

O narcisismo, como motor do processo de personalização, revela uma dimensão profunda e complexa da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Molda o sujeito em sua relação com o próprio corpo, com os outros, com o tempo e com a realidade em que está inserido. A busca por originalidade, singularidade e destaque passa a ser um imperativo. O valor de cada pessoa é medido não pela admiração ou respeito genuíno que suscita, mas pela capacidade de ser visto/a e de provocar inveja no outro.

Esse funcionamento narcisíco reflete uma sociedade que valoriza as aparências, as competições silenciosas e a exibição de sucesso. A preocupação central não está na construção de vínculos autênticos, mas na manipulação da própria imagem, na criação de uma identidade que desperte no outro um sentimento de inadequação. Assim, cada indivíduo é levado a se perceber como um projeto inacabado, constantemente comparando-se com os demais em uma dinâmica de rivalidade contínua. O narcisismo é, por assim dizer, filho da escalada social desejosa do prazer, impulsionada pelos objetos e sinais. É resultante da psicologização da vida, operada, sobretudo, com enfoque psicopatológico (Lipovetsky, 2005).

Na *era do vazio*, conforme descrito por Gilles Lipovetsky, o sentido tradicional da vida, outrora sustentado por grandes narrativas coletivas, sejam elas religiosas, políticas ou morais, é gradualmente substituído por um foco quase exclusivo no “eu”. A pessoa é incentivada a buscar sua realização individual, sua felicidade e sucesso pessoal, mas sem o referencial de algo maior que o conecte a uma comunidade ou a uma ordem simbólica mais ampla. Essa transição evidencia uma contradição: embora haja uma ênfase na liberdade individual e na autonomia, esse individualismo extremo nos desconecta de fontes externas de sentido (Lipovetsky, 2005). O vazio ao qual Lipovetsky se refere não é material, mas existencial.

O vazio existencial, caracterizado pela falta de propósito, de perspectiva de futuro e pela busca incessante por satisfação pessoal, emerge como um dos maiores dilemas da contemporaneidade. Assim, Lipovetsky nos convida a refletir sobre a necessidade de repensar o lugar do indivíduo na sociedade e de resgatar uma forma de coletividade que possa oferecer

direções mais profundas e significativas em um mundo dominado pela superficialidade do consumo e do espetáculo.

3.3 HIPERMODERNIDADE, MODA E CONSUMISMO: A ÉTICA INDOLOR NUMA ERA DE PRAZER SEM CULPA

A moda, o consumismo e o hedonismo constituem fenômenos centrais na sociedade contemporânea, moldando não apenas as práticas cotidianas, mas também as subjetividades e os valores éticos que norteiam o comportamento humano. O cenário atual, marcado pela ênfase no prazer imediato e na satisfação individual, promove uma forma de ética peculiar, caracterizada pela busca de uma vida sem renúncias, sem sacrifícios. Essa "ética indolor" não se refere à ausência de sofrimento físico, mas à tentativa de evitar qualquer tipo de renúncia, sacrifício ou desconforto existencial, moral ou social, privilegiando o prazer superficial e o efêmero, típicos de uma cultura centrada no consumo e no hedonismo. A moral kantiana, ao contrário, aponta que aprender a conter os impulsos, desejos e paixões é necessário para adquirir o domínio da vontade. Nessa perspectiva não é livre a pessoa que só faz o que quer, mas aquela que alcança o autodomínio. Somente a autonomia, ou seja, o domínio da vontade, é capaz de assumir responsabilidades diante das escolhas da vida e do cálculo das suas consequências pessoais ou sociais. A pessoa livre, portanto, é aquela que não se torna escrava da sua própria vontade que expressa desejos, paixões e impulsos sem limites em suas exigências.

O campo da moda, nesse contexto, desempenha serve como um dos veículos primários para a expressão de identidades e desejos na cultura de consumo. Mais do que uma simples escolha estética, a moda se apresenta como um instrumento de comunicação simbólica e de construção do *self*, refletindo as tendências hedonistas que permeiam a sociedade. O vestir-se, o consumir e o buscar prazer se fundem em uma lógica em que o efêmero se torna permanente e o transitório adquire o estatuto de valor.

No entanto, essa celebração do prazer e da autorrealização por meio do consumo traz implicações éticas profundas. A ética "indolor" (Lipovetsky, 2007) se configura ao evitar o confronto com questões mais difíceis e profundas sobre o ser, a responsabilidade e o outro, coloca em evidência uma moralidade superficial, marcada pela fuga do desconforto moral ou das exigências de algum sacrifício ou não atendimento da vontade. Assim, a moda, o consumismo e o hedonismo não são apenas fenômenos isolados, mas elementos interligados

que conformam um modo de viver social, no qual a experiência individual é amplamente valorizada, enquanto os questionamentos éticos mais complexos são atenuados ou relegados ao segundo plano.

Lipovetsky destaca um aspecto central do capitalismo de consumo: sua natureza como uma construção cultural e social, e não apenas um sistema econômico. O autor observa:

"O capitalismo de consumo não poderia existir sem uma estrutura social que promova o *desejo de consumir como um caminho de realização pessoal*. A publicidade, os meios de comunicação e o sistema educacional desempenham papéis fundamentais nesse processo, *educando o consumidor para acreditar que a felicidade e o sucesso estão diretamente ligados à aquisição de bens materiais*" (Lipovetsky, 2007, p. 134 – grifos meus).

O autor aponta para a importância de ideias como do *empreendedorismo* e da *inovação* no desenvolvimento do *capitalismo de consumo*. O dito “mercado” não apenas produz e vende produtos, mas também cria formas de desejar, maneiras de consumir e novas relações com os bens materiais. O “espírito visionário” que ele menciona refere-se à capacidade de antecipar e moldar as necessidades dos/as consumidores/as, muitas vezes antes de estes estarem conscientes dessas necessidades (Lipovetsky, 2005).

Esse “espírito visionário” dos/as empresários/as está intimamente ligado à criação de marcas, estilos de vida e aspirações, transformando o consumo em uma experiência simbólica. Os objetos são consumidos pelo seu simbolismo e não somente pela funcionalidade. O consumidor ou consumidora é incentivado/a a consumir símbolos, identidades e experiências. Como Jean Baudrillard descreve:

"O consumo deixou de ser simplesmente um meio de atender a necessidades básicas. Ele se transformou em uma prática cultural e simbólica, onde os objetos são consumidos não por sua utilidade, mas por sua capacidade de representar *status*, identidade e pertencimento a um grupo social" (Baudrillard, 1981, p. 45).

Dessa forma, o capitalismo de consumo se expande além da simples troca de mercadorias, configurando uma estrutura cultural complexa na qual os valores e significados são muitas vezes definidos pelo ato de consumir em si.

As estratégias de *marketing*, o gerenciamento de marcas e a segmentação de mercados exemplificam como o consumo é planejado e conduzido pelos/as gestores/as. A estrutura de *marketing* são responsáveis por identificar tendências, analisar o comportamento de

consumidores/as e criar condições que facilitem e incentivem o consumo contínuo. Lipovetsky sublinha que o capitalismo de consumo não é uma realidade inevitável ou natural, mas o resultado de um longo processo de construção social e cultural, envolvendo tanto a educação das pessoas com, o consumidoras, quanto a gestão estratégica das empresas.

A "ética indolor", conceito que emerge nesse contexto, refere-se a uma moralidade baseada no hedonismo e na busca pelo prazer imediato, com pouca ou nenhuma consideração pelo desconforto moral. O capitalismo de consumo, ao promover o hedonismo como um valor central, transforma o prazer em um imperativo ético, em que a satisfação pessoal é buscada a qualquer custo, e o sofrimento ou sacrifício são evitados (Lipovetsky, 2007). Nesse sentido, a "ética indolor" não apenas reflete, mas também perpetua as dinâmicas de uma sociedade orientada pela lógica do consumo e do prazer imediato.

A moda, enquanto parte integrante desse sistema, exemplifica perfeitamente a relação entre consumismo e hedonismo. Através da moda, as pessoas constroem e expressam suas identidades, buscando constantemente a novidade e o prazer estético. A moda, nesse contexto, não é apenas um fenômeno superficial, mas uma manifestação cultural profunda, que articula o desejo de ser e parecer, ao mesmo tempo em que se insere nas dinâmicas do consumo. Como Lipovetsky observa:

"A moda, ao promover a constante busca pela novidade, reflete o ritmo acelerado do capitalismo de consumo, onde o *prazer e a satisfação são continuamente prometidos, mas raramente realizados de forma duradoura*. A cada estação, novos desejos são criados, novos produtos são oferecidos, e o ciclo de consumo se reinicia, perpetuando a lógica do prazer efêmero" (Lipovetsky, 1987, p. 78).

Essa nova modernidade, conforme Lipovetsky, redefine as prioridades sociais. A ideia de transformação social cede espaço à gratificação imediata, à individualização e à lógica do consumo. Os movimentos de massa e as lutas coletivas perdem força, sendo substituídos por uma cultura que valoriza o prazer pessoal e o entretenimento. Em vez de lutar por mudanças estruturais na sociedade, as pessoas são atraídas por promessas de bem-estar individual, que se manifestam principalmente no aumento das opções de consumo e no acesso ao lazer.

Esse fenômeno também aponta para a transformação do papel das ideologias. As grandes narrativas políticas que incentivavam a ação revolucionária começam a ser substituídas por uma espécie de apatia política. A busca por mudanças profundas na sociedade é vista como menos importante ou até secundária em comparação com o desejo de uma vida confortável e

prazerosa. A expectativa de revolução, que envolvia sacrifício e engajamento, é trocada pelo lazer, que oferece uma satisfação mais imediata e sem o mesmo custo emocional ou físico. Lipovestky (2005) entende que a perspectiva revolucionária foi de certo modo vencida pelo crédito que facilita o consumo, anulando os motivos para um desejo de superação de um sistema do qual a pessoa passa a poder participar.

Esse novo cenário levanta questões éticas e existenciais: a busca incessante pelo conforto e pelo lazer, em detrimento de valores coletivos e transformadores, pode gerar uma sociedade ainda mais alienada e individualista. O lazer, em si, é legítimo, mas a substituição do engajamento social por um foco exclusivo no prazer pessoal pode resultar em uma sociedade desprovida de projetos compartilhados, mais fragmentada e menos preocupada com questões de justiça social, igualdade ou solidariedade. Neste caso, a vida social passa a girar “[...] em torno do projeto de criar um cotidiano confortável e fácil, sinônimo de felicidade [...] há também todo um ambiente de estimulação dos desejos, a euforia publicitária, a imagem luxuriante de férias, a sexualização dos símbolos e dos corpos” (Lipovetsky, 2005; p. 30-31). Triunfa, portanto, a exaltação dos prazeres momentâneos.

A interseção entre moda, consumismo e hedonismo revela camadas intrincadas do comportamento humano, em que o efêmero e o estético convergem com profundas questões éticas e sociais. Na sociedade contemporânea, a moda transcende seu papel funcional e estético, transformando-se em um potente símbolo do consumismo, impulsionado pela busca incessante por prazer, autoafirmação e pertencimento social.

O hedonismo, enquanto filosofia moral que coloca o prazer como o fim último da vida, desempenha um papel central nesse contexto, conduzindo as escolhas e os comportamentos dos indivíduos na medida em que buscam satisfação sensorial e emocional por meio da moda e do consumo.

Contudo, essa busca desenfreada pelo prazer levanta uma importante questão ética: pode-se desfrutar da moda e do consumo sem se submeter aos seus efeitos nocivos? Neste cenário, o desafio filosófico é equilibrar a busca por prazer com a necessidade de evitar os impactos negativos que a cultura do consumo pode gerar. Se alcançamos a normalização de uma ética indolor, podemos apostar nas possibilidades de uma reflexão que convida-nos a repensar a relação entre o prazer individual e o bem-estar coletivo, sugerindo que o hedonismo e a responsabilidade ética não precisam ser mutuamente excludentes. Em vez disso, eles podem

coexistir, desde que o consumo se baseie em escolhas informadas, sustentáveis e moralmente conscientes.

Filosoficamente, essa análise de Lipovetsky abre espaço para uma crítica ao que poderia ser chamado de "alienação contemporânea". O desejo de melhoria contínua e a promessa de um "melhor-viver" tornam-se armadilhas sutis que perpetuam a insatisfação, uma vez que o prazer no consumo é efêmero e logo substituído pela necessidade de consumir novamente. O ciclo de desejar, consumir e desejar novamente é infinito e, muitas vezes, desprovido de um propósito maior.

A "sociedade de hiperconsumo" traz à tona questões sobre o significado de liberdade e de realização humana. Ao promover o consumo como o caminho para a realização, o capitalismo contemporâneo reconfigura as expectativas de felicidade, subjugando a autonomia individual a um mercado que constantemente cria e manipula desejos.

Um conceito que se aplica diretamente aqui é o "fetichismo da mercadoria", de Karl Marx (2013). No capitalismo moderno, os objetos ganham um "brilho mágico", no qual o valor social e emocional obscurece o processo produtivo real e as relações humanas por trás deles. O que consumimos não é apenas um objeto, mas uma imagem, um valor simbólico que nos é vendido, que ultrapassa longe o valor da mercadoria em si. Nesse sentido, as marcas tornam-se intermediárias que conferem "alma" aos produtos, reforçando a ilusão de que consumir é um caminho para a realização pessoal.

O conceito de fetiche aplicado aos objetos refere-se a uma visão mais profunda do valor que atribuímos a bens de consumo, indo além de sua utilidade prática. Quando dizemos que os objetos se tornam "objetos de fetiche", estamos falando sobre uma transformação simbólica que acontece no imaginário da pessoa que consome. O objeto, nesse caso, deixa de ser apenas algo funcional e se torna investido de significados emocionais, culturais ou sociais que o tornam mais desejável.

O fetiche dos objetos pode ser observado em como marcas e produtos são transformados em ícones de *status*, identidade ou pertencimento. Um exemplo claro disso são produtos de luxo, em que o valor não está necessariamente na qualidade material do objeto, mas no que ele representa como símbolo de sucesso, poder, ou ideia de exclusividade.

Esse fetichismo também se alimenta da narrativa criada ao redor dos produtos. A publicidade, o *design* e o *branding*, ou seja, a estética e a marca, são fundamentais para criar essa aura de desejo ao redor de certos objetos, levando o consumidor a buscar não apenas o

produto, mas o significado que ele carrega. Em outras palavras, “[...] os fetiches são o modo como uma sociedade (ou um indivíduo, no caso psicológico) investe de valor uma coisa, atribuindo-lhe uma síntese de princípios heterogêneos, por exemplo, princípios morais, espirituais, eróticos”, desataca Volli (2006, p. 178-179).

Lipovetsky salienta que “[...] por um lado, hiperconsumidor deseja cada vez mais espetáculos desmesurados, mais artefatos inauditos, mais estimulações hiper-reais; por outro lado, anseia por um mundo íntimo ou ‘verdadeiro’ que se identifique com ele” (Lipovetsky, 2007; p. 57). O filósofo francês reflete uma das contradições centrais da ideia de hiperconsumo contemporâneo. De um lado, busca experiências grandiosas e estimulantes, artefatos inovadores e um excesso de estímulos sensoriais, típicos de um mundo hiper-real, em que a realidade é amplificada e transformada em espetáculo. Esses "espetáculos desmesurados" falam da fascinação por tecnologias, entretenimento e consumo de massa que oferecem experiências intensas e imersivas, muitas vezes distantes da realidade cotidiana. Por outro lado, o/a hiperconsumidor/a anseia por algo mais íntimo, autêntico e verdadeiro.

Esse desejo por um "mundo íntimo" revela a busca por uma conexão emocional, por relações mais profundas e por produtos ou experiências que carreguem significados pessoais, em contraste com a superficialidade do consumo desenfreado. O culto da felicidade em massa veio generalizar a legitimidade dos prazeres e contribuir para a promoção da febre da autonomia individual (Lipovetsky, 2004; p. 60). Segundo o autor, a "civilização do bem-estar consumista" destruiu a ideologia focada no dever, substituindo-a pela busca incessante da felicidade e dos prazeres individuais. A cultura do consumo promoveu a legitimação dos prazeres e do hedonismo, enfraquecendo os antigos imperativos morais rígidos, como o sacrifício e a obrigação, vencidos, como já destacado, pela ideia de uma ética indolor.

Lipovetsky (2007) destaca, ainda, o papel da publicidade na sociedade de hiperconsumo. Ela erotiza os produtos e cria uma atmosfera festiva e de sonho, estimulando constantemente os desejos dos consumidores, gerando intermináveis novas “necessidades”. Esse fenômeno se estende para os pontos de venda, que são "teatralizados" e animados de diversas maneiras, promovendo o chamado *marketing* experiencial. O objetivo é transformar o ato de consumir em uma experiência prazerosa e envolvente, em que os espaços de compra não são apenas funcionais, mas ambientes de convivência e estímulo sensorial. Dessa forma, o consumo se torna uma atividade lúdica, mais ligada ao prazer e à vivência do que à necessidade. Deste modo: “Aquilo que designo por ‘consumo emocional’ não corresponde totalmente aos

produtos e ambientes [...]. Trata-se de uma expressão que designa, à margem dos efeitos de uma tendência de *marketing*, [...] baseada na procura de sensações e de um melhor-estar subjetivo” (Lipovetsky, 2007, p. 39)

O conceito de "consumo emocional", portanto, vai além dos produtos ou ambientes que apelam explicitamente aos cinco sentidos. Esse tipo de consumo reflete uma mudança no comportamento dos consumidores, que agora buscam, não mais a conformidade social, mas sensações e bem-estar subjetivo. Isso reflete o processo de individualização crescente, em que o consumo se torna uma forma de expressão pessoal e uma busca por prazer, mais íntima e desinstitucionalizada.

A "ética indolor", que permeia essa era de prazer sem culpa, reflete o distanciamento de valores tradicionais e a adoção de uma moralidade centrada no bem-estar individual e na negação do desconforto. Assim, o capitalismo de consumo e sua cultura de prazer contínuo nos convidam a refletir criticamente sobre as implicações éticas e existenciais desse sistema, que, ao mesmo tempo em que promete liberdade e satisfação, nos aprisiona em um ciclo interminável de desejos insaciáveis.

4 A HIPERMODERNIDADE E O ENSINO DE FILOSOFIA

Vivemos em uma era de paradoxos. A hipermodernidade, essa força invisível e avassaladora, nos empurra com uma velocidade vertiginosa, mas, ao mesmo tempo, nos arrasta para uma superficialidade inquietante. O ensino de Filosofia, uma prática que exige pausa, reflexão e um olhar crítico sobre o mundo, encontra-se em rota de colisão com essa sociedade do imediato. Como, então, fazer com que a Filosofia permaneça relevante, instigante e essencial para um público que se acostumou à fluidez e à efemeridade das redes sociais?

Se antes o saber filosófico era transmitido como um legado sólido, hoje ele precisa disputar atenção em um mar revolto de informações dispersas. O filósofo ou filósofa encontra-se, muitas vezes, na posição do viajante solitário, enfrentando o vendaval de notificações, manchetes e conteúdos efêmeros. Lipovetsky (2004) descreve essa era como um tempo de excesso, em que tudo se acumula, mas pouco se aprofunda. É um cenário no qual a escola, que deveria ser um espaço de reflexão, se vê pressionada a atender demandas de um mercado que valoriza a rapidez e a eficiência, e não a profundidade e a dúvida.

A Filosofia resiste. Como uma velha árvore cujas raízes estão fincadas no solo, mas cujos galhos se estendem ao vento, ela desafia os tempos acelerados. (Chauí, 2000, p. 45) nos lembra que a Filosofia não é um saber utilitário, mas um exercício de liberdade. A Filosofia não se mede pelo imediatismo de seus resultados, mas pela capacidade de formar sujeitos críticos. Afinal, como bem coloca Adorno (1995), a verdadeira educação não se trata apenas de transmitir conhecimento, mas de libertar os indivíduos das amarras do conformismo: “Ela não se contenta em transmitir conhecimentos, mas busca despertar nos alunos a capacidade de questionar e de transformar o mundo (Adorno, 1995, p. 78).

Ensinar Filosofia no tempo da hipermodernidade não é tarefa simples. Como capturar a atenção de estudantes imersos na lógica da rapidez? Como incentivá-los/as a enxergar a Filosofia não como um peso curricular, mas como um convite ao pensamento? Aqui, Byung-Chul Han (2015) nos oferece uma provocação fundamental: vivemos na era da hiperatenção, onde tudo brilha por um instante e logo se apaga. O ensino de Filosofia precisa, então, encontrar maneiras de iluminar o pensamento de forma duradoura.

Diante desse dilema, torna-se essencial repensar as metodologias de ensino. O professor ou professora de Filosofia deve ser alguém que não apenas expõe conceitos, mas que instiga o pensamento crítico. Jaspers (1959) reforça essa ideia ao afirmar que “a Filosofia não é um

conjunto de respostas, mas um conjunto de perguntas. Ela nos convida a questionar o mundo, a nós mesmos, e as relações que estabelecemos com os outros" (Jaspers, 1959, p. 23)

O ensino de Filosofia pode, portanto, ser um espaço em que as perguntas sejam valorizadas tanto quanto as respostas. Em tempos no qual o pensamento crítico se torna uma necessidade vital, essa disciplina emerge como um farol em meio à tempestade da informação desenfreada.

Outro aspecto essencial no ensino de Filosofia é o diálogo. Gadamer (1960) destaca que o diálogo é um encontro de horizontes, uma experiência de troca na qual diferentes visões de mundo se confrontam e se enriquecem mutuamente. Em tempos de polarização exacerbada, ensinar Filosofia é ensinar a arte da escuta, da argumentação fundamentada e da construção de pontes entre diferentes perspectivas.

Ao longo de sua trajetória, a Filosofia sempre esteve ligada à resistência. Desde Sócrates, que caminhava pelas ruas de Atenas questionando certezas, até a filosofia contemporânea se desafiam estruturas de poder. Essa disciplina tem sido uma força que inquieta e provoca. Em um mundo em que o pensamento crítico é frequentemente desestimulado, ensinar Filosofia é, por si só, um ato de coragem. Como bem expressa Lipovetsky (2004), vivemos em tempos de paradoxos, e talvez o maior deles seja este: justamente quando a Filosofia se torna mais necessária, ela se vê ameaçada pelo imediatismo e pela superficialidade. E, no entanto, ela resiste.

O ensino de Filosofia, portanto, deve ser pensado não apenas como um conteúdo curricular, mas como uma prática emancipatória. Ele precisa ir além da sala de aula e se transformar em um modo de olhar para o mundo. O desafio dos professores e professoras é grande, mas a necessidade de formar pensadores/as críticos nunca foi tão urgente. Como dizia Sócrates, uma vida não examinada não vale a pena ser vivida. E, diante do turbilhão da hipermodernidade, a Filosofia segue nos lembrando da importância desse exame.

A resistência filosófica à era da hipermodernidade não se dá apenas no campo teórico, mas também na prática pedagógica. A escola, ao invés de ser apenas um espaço de transmissão de informações, pode se tornar um ambiente de reflexão e crítica. O papel do professor e da professora não é mais o de transmissor/a de conhecimento, mas o de provocador/-a de questionamentos. Como argumenta Freire (1996): "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (Freire, 1996, p. 25).

Nota-se que o ensino da Filosofia pode se reinventar continuamente, buscando estratégias que promovam engajamento dos/as estudantes sem perder a essência do pensamento reflexivo. Seja por meio do diálogo, da problematização ou da articulação com a realidade contemporânea, a Filosofia pode ocupar seu espaço como um instrumento de libertação intelectual e resistência ao ritmo avassalador da hipermodernidade.

4.1 4.1 DAS RELAÇÕES ENTRE HIPERMODERNIDADE, EDUCAÇÃO E ENSINO DE FILOSOFIA

A hipermodernidade, em sua manifestação como "cultura do excesso", não apenas distrai, mas opera uma reconfiguração profunda dos valores que desafia a própria base do ensino de Filosofia. A lógica do consumo e da instantaneidade, que permeia as interações sociais e o acesso à informação, cultiva uma aversão à profundidade, à complexidade e ao tempo necessário para a maturação do pensamento (Lipovetsky, 2004). O conhecimento tende a ser valorizado pela sua aplicabilidade imediata ou pelo seu potencial de gerar gratificação rápida, como os "*likes*" nas redes sociais, em detrimento da compreensão conceitual robusta ou da reflexão sobre questões fundamentais e perenes. Essa pressão pela utilidade e pela rapidez transforma a Filosofia, inerentemente dedicada ao "passo lento" do questionamento e à construção de argumentos rigorosos, em um "adorno dispensável" no currículo, um resquício de um tempo menos acelerado.

Neste cenário, o ensino de Filosofia confronta a tarefa hercúlea de cultivar a capacidade de sustentar a atenção crítica frente ao bombardeio de estímulos efêmeros. A relevância da Filosofia não reside em fornecer respostas prontas ou habilidades mercadológicas imediatas, mas em equipar os estudantes com as ferramentas conceituais e analíticas para discernir, questionar e resistir às forças homogeneizadoras e alienantes da hipermodernidade (Lipovetsky, 2007). Ela capacita a ir além da superfície dos fenômenos, a analisar as premissas ocultas na "cultura do excesso" e a forjar um pensamento autônomo que não se curve à tirania do imediato ou à validação externa superficial. Ensinar Filosofia hoje é, portanto, um ato de resistência que busca preservar e fortalecer o "direito de pensar", essencial para navegar, criticar e, se necessário, subverter as lógicas que marginalizam a reflexão profunda em favor da superficialidade. Deste modo:

“Frente ao problema filosófico, o essencial é buscar possíveis soluções ou ao menos suas diferentes abordagens. Como nos encontramos com um grupo de estudantes, trata-se de discutir as possíveis “soluções” ou enfoques que surjam e mostrar suas possibilidades e limitações” (Obiols, 2002, p. 122)

Não é à toa que professores/as se perguntam: ainda faz sentido ensinar Filosofia em um mundo hipermoderno? A resposta, embora não seja simples, pode ser encontrada na própria natureza da Filosofia. Como dizia Sócrates, "uma vida não examinada não vale a pena ser vivida". Em outras palavras, a Filosofia nos convida a questionar, a refletir, a buscar sentido. E, em uma era em que o superficial parece reinar, talvez seja justamente isso que mais precisamos.

“Isso quer dizer que não há processo de ensino, não há processo de aprendizagem, se não houver processo de produção, de construção de conhecimento. Então aí é que entra a importância da abordagem filosófica, da postura filosófica que interessa não a uma determinada função particular, mas interessa a todas as pessoas que estão passando por um processo de inserção no mundo da cultura contemporânea”. (Severino, 2008, p.166).

O ensino de Filosofia não pode se dar de forma alheia às transformações trazidas pela hipermodernidade. É preciso repensar métodos, abordagens e até mesmo os objetivos dessa disciplina. Dessa forma:

“Pensar a situação do professor frente às mudanças significativas na Modernidade tardia ou pós-modernidade, tem propiciado [...] pensar a realidade dos alunos para os quais trabalham, a juventude de hoje habita as escolas públicas e privadas brasileiras se faz protagonista das alterações que vivemos, já que nela se pode perceber diversos aspectos incorporados ao contexto social mais amplo” (Jacinsky, 2004, p.101).

Uma possível saída pode estar na integração entre o tradicional e o novo, entre o clássico e o contemporâneo. Como sugere Morin (2000), "a educação do futuro deve ser capaz de unir o antigo e o moderno, o local e o global, o individual e o coletivo". Nesse sentido, a Filosofia pode ser vista como uma ponte entre o passado e o presente, entre o pensamento crítico e as demandas do mundo atual. Mas, para que isso aconteça, é necessário que professores/as estejam dispostos/as a repensar suas práticas e a se adaptar às novas realidades. Afinal, não é razoável pensar o ensino sem que haja aprendizagem, e sem que haja diálogo. E, em um mundo hipermoderno, o diálogo precisa ser reinventado.

A hipermodernidade carrega consigo as certezas do passado e as incertezas do futuro. Nesse contexto, a educação se vê diante de um dilema: como preparar pessoas para um mundo

em constante transformação, sem perder de vista os valores e saberes que foram construídos ao longo dos séculos? A resposta, talvez, esteja na capacidade de adaptação e na busca por um equilíbrio entre o tradicional e o inovador.

A hipermodernidade não é apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época. E, nesse novo cenário, a educação precisa se reinventar, sem perder sua essência. A Filosofia, como disciplina que questiona e reflete, tem um papel fundamental nesse processo, mas só poderá cumpri-lo se estiver disposta a dialogar com as novas realidades e a se adaptar aos novos tempos.

A Filosofia, em sua essência, é uma disciplina que nos convida a olhar para além do óbvio, a questionar o que parece dado e a buscar respostas para as grandes questões da existência. No entanto, em um mundo hipermoderno, em que a velocidade e a superficialidade parecem ser a norma, esse convite muitas vezes é ignorado. Como ensinar estudantes a refletir, a pensar criticamente, em um contexto no qual o tempo é escasso e a atenção é disputada por inúmeros estímulos externos e fugazes?

Uma possível resposta pode estar na própria Filosofia. Em um mundo cheio de problemas, talvez seja justamente isso que mais precisamos: formular novas questões. Mas, para que a Filosofia cumpra esse papel, é necessário que ela seja ensinada de forma a dialogar com as realidades desses/as estudantes, sem perder de vista sua profundidade e complexidade.

Nesse sentido, o ensino de Filosofia na hipermodernidade pode ser repensado. Não se trata de abandonar os clássicos, mas de encontrar formas de torná-los relevantes para os/as jovens de hoje. Como sugere Chauí (2000), "a Filosofia não é um conjunto de respostas prontas, mas um convite à reflexão e ao diálogo". E, para que esse convite seja aceito, é preciso que seja feito de forma a ressoar com as experiências e preocupações dos/as estudantes.

Além de suas análises sociais, Lipovetsky também reflete sobre a educação. Ele considera a escola essencial em uma sociedade democrática e humanista, não como um bem de consumo, mas como uma exigência para todos (Lipovetsky, 2024). O autor, ao abordar a educação, não se limita a uma análise técnica ou funcionalista do sistema escolar; ele a situa dentro de um horizonte filosófico e ético mais amplo, que se alinha com os ideais de uma sociedade democrática e humanista. Em contraste com as tendências da hipermodernidade, que reduzem muitas esferas da vida ao consumo e à lógica mercantil, a educação não deve ser vista como um bem de consumo, a escola não é uma mercadoria a ser adquirida, mas uma exigência

fundamental para a construção de pessoas livres, autônomas e conscientes de suas responsabilidades sociais.

Assim sendo, é preciso ter uma visão otimista da educação para que possa se enraizar nos valores do humanismo, pois mesmo quando não totalmente respeitados na prática, ainda fornecem um ideal ao qual a educação pode aspirar. O humanismo, com seu foco na dignidade humana, na liberdade individual e na promoção de um desenvolvimento integral do ser humano, oferece uma bússola ética que orienta a educação para além de objetivos utilitaristas ou tecnocráticos. Nesse sentido, a escola poderá promover não apenas o conhecimento técnico ou as habilidades profissionais, mas também a formação ética e moral, preparando os indivíduos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com sensibilidade, empatia e responsabilidade.

Nesse contexto, a educação se vê diante de desafios que vão desde a dispersão da atenção de estudantes até a necessidade de repensar os currículos e as metodologias de ensino. Como bem coloca Bauman (2007), "a modernidade líquida dissolve os laços sociais e transforma tudo em mercadoria, inclusive o conhecimento". E, nesse cenário, a Filosofia, que tradicionalmente se ocupa de questões atemporais e universais, corre o risco de ser vista como algo obsoleto ou desnecessário.

No entanto, é justamente nesse contexto de incertezas e transformações que a Filosofia pode encontrar seu lugar. Afinal, como dizia Hannah Arendt (1958), "[...] a crise na educação é uma crise da própria sociedade". E, se a sociedade está em crise, talvez seja a Filosofia a disciplina capaz de nos ajudar a entender e a enfrentar os desafios que se apresentam.

A educação, em um mundo hipermoderno, não pode se limitar à transmissão de conhecimentos técnicos ou à preparação para o mercado de trabalho. Ela precisa ir além, buscando formar pessoas capazes de pensar criticamente, de refletir sobre suas ações e de buscar sentido para suas vidas. Como bem coloca Morin: "a educação do futuro deve ser capaz de unir o antigo e o moderno, o local e o global, o individual e o coletivo. Ela precisa formar cidadãos que sejam ao mesmo tempo críticos e solidários, capazes de enfrentar os desafios de um mundo em constante transformação" (Morin, 2000, p. 67). A perspectiva de Morin reflete a complexidade do mundo contemporâneo, marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais, que exigem uma formação educacional mais holística e adaptável.

A ideia de unir "o antigo e o moderno" sugere que a educação não deve abandonar os valores e conhecimentos tradicionais, mas combiná-los com as inovações e demandas do

presente. Isso evita uma ruptura radical com o passado, ao mesmo tempo em que prepara os indivíduos para lidar com as novas realidades. A menção ao "local e o global" reforça a importância de uma educação que valorize as raízes culturais e o contexto específico de cada indivíduo, sem perder de vista a interdependência global.

Em um mundo cada vez mais conectado, é essencial que as pessoas compreendam tanto suas responsabilidades locais quanto seu papel no cenário mundial. É relevante equilibrar o desenvolvimento pessoal com o compromisso social. A formação de pessoas críticas e solidárias é fundamental para enfrentar desafios como desigualdades, crises ambientais e polarizações políticas, que exigem tanto pensamento autônomo quanto ação colaborativa.

Outrossim, as ruas do mundo hipermoderno vibram com uma pressa que não cessa. Gilles Lipovetsky, descreve esse cenário: “Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso, o que importa agora é a autossuperação, a vida em fluxos nervosos, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas” (Lipovetsky, 2004, p. 80). Esse quadro é ao mesmo tempo fascinante e aterrador. Há algo de sublime na capacidade humana de se reinventar diante de desafios crescentes, mas também algo trágico na desconexão que emerge dessa pressa.

Isso nos leva a uma reflexão perturbadora: será que a educação, incluindo o ensino de Filosofia, tornou-se apenas mais uma engrenagem na máquina produtiva? O filósofo Lipovetsky nos dá pistas: a hipermodernidade é o palco de uma nova condição humana, marcada por contradições profundas. É o momento em que o consumo se torna identidade, a velocidade substitui o conteúdo e a superficialidade mascara a complexidade.

Se o exercício do filosofar, o trato do conceito é um empreendimento de paciência, ele está fora do nosso tempo. Mas o exercício do filosofar consiste também em insistir no extemporâneo, em trazer para o tempo presente as inquietações que não são deste tempo. Exercitar o filosofar em nossos dias apresenta-se como uma forma de resistir a essa aceleração, a essa fluidez, a essa falta de tempo para o conceito, que é própria da Filosofia. E ensinar o exercício da Filosofia como reflexão é uma forma de insistir nessa resistência, ampliando-a para mais pessoas (Gallo, 2012).

A filosofia, como sugere Lipovetsky, pode ser um agente formador de cidadania, especialmente quando conectada às vivências dos/as estudantes. Nesse sentido, o ensino de filosofia no Ensino Médio não deve se limitar a transmitir conhecimentos clássicos. É necessário ir além, criando espaços de diálogo e construção coletiva. Trata-se de “uma educação

que ultrapasse os muros da escola, fundamentando, assim, a importância da reflexão filosófica do aluno”, como destacam Aranha e Martins (1996, p. 23).

Isso quer dizer que não há processo de ensino, não há processo de aprendizagem, se não houver processo de produção, de construção de conhecimento. Então aí é que entra a importância da abordagem filosófica, da postura filosófica que interessa não a uma determinada função particular, mas interessa a todas as pessoas que estão passando por um processo de inserção no mundo da cultura contemporânea (Severino, 2008, p. 166).

Essa formação crítica inclui o desenvolvimento de uma linguagem crítica e reflexiva, permitindo que os/as estudantes reconheçam o real dentro do cotidiano acelerado e fragmentado. Afinal, a Filosofia não é apenas sobre o que foi pensado, mas sobre o que pode ser pensado. É um convite à imaginação, à dúvida e à possibilidade. E, nesse mundo hipermoderno, em que tudo parece tão certo e ao mesmo tempo tão incerto, a Filosofia pode ser a bússola que nos ajuda a encontrar o caminho.

Num mundo onde tudo acontece na velocidade de um clique e as informações se acumulam como folhas ao vento, a Filosofia surge como um refúgio, um porto seguro para quem busca entender o que está por trás desse turbilhão. A hipermodernidade, com sua avalanche de tecnologias, consumismo desenfreado e relações líquidas, nos desafia a encontrar sentido em meio ao caos. E é aí que a Filosofia entra em cena, não como uma disciplina distante e teórica, mas como um recurso vivo e potente que nos ajuda a navegar pelas complexidades do nosso tempo.

A Filosofia também nos ajuda a entender as implicações da globalização, da tecnologia, do individualismo e do consumismo, temas que definem a hipermodernidade. Ela nos convida a questionar o que está por trás do consumo desenfreado, por exemplo. Por que compramos tanto? O que estamos tentando preencher com tantas coisas? Lipovetsky nos lembra que, na sociedade hipermoderna, o consumo se tornou uma forma de vida, uma maneira de expressar quem somos ou quem queremos ser. A filosofia nos ajuda a refletir, a questionar o que realmente importa, a buscar um sentido mais profundo para a nossa existência.

Mas a Filosofia não se limita a questionar o consumo. Ela também nos ajuda a entender as implicações da tecnologia, que avança a passos largos, transformando a forma como nos relacionamos, aprendemos e pensamos. Ela também permite entender as complexidades da identidade na hipermodernidade. Num mundo em que as identidades são fluidas, mutáveis, a

Filosofia nos convida a refletir sobre quem somos, o que queremos e como nos relacionamos com os outros.

A Filosofia nos ajuda a construir uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva, a entender as implicações da sustentabilidade, um tema crucial na hipermodernidade. Num mundo em que os recursos naturais são finitos e o consumo é desenfreado, podemos refletir sobre o impacto das nossas ações no meio ambiente, a buscar um equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação. De fato, a filosofia nos ajuda a pensar em novas formas de viver, de consumir, de nos relacionar com o planeta. Ela não se limita a questionar o mundo ao nosso redor. Ela também nos convida a olhar para dentro, a refletir sobre quem somos, o que queremos e como podemos nos tornar pessoas melhores.

A filosofia também nos ajuda a entender as complexidades da ética e da moralidade na hipermodernidade. Como diz Gallo, “a filosofia nos convida a questionar as estruturas sociais, a buscar respostas melhores para os problemas complexos” (Gallo, 2010, p. 45). E, de fato, num mundo onde as desigualdades sociais são cada vez mais evidentes, a filosofia nos ajuda a pensar em novas formas de organização, de distribuição de recursos, de construção de um futuro mais promissor. Como diz Moraes, “a filosofia nos leva a questionar, refletir e reinterpretar nossas experiências, permitindo uma conexão mais profunda com o mundo e conosco mesmos” (Moraes, 2010, p. 28). E, de fato, num mundo no qual as relações muitas vezes parecem superficiais, a filosofia nos ajuda a construir conexões mais profundas, mais significativas.

A filosofia também nos ajuda a entender as complexidades da cultura na hipermodernidade. Num mundo em que as culturas se misturam, se influenciam, se transformam, a filosofia nos convida a refletir sobre o que é realmente importante, o que realmente importa. A filosofia nos ajuda a pensar em novas formas de preservar a diversidade, de celebrar as diferenças, de construir um mundo mais inclusivo. Como diz Lippens, “a filosofia nos permite ver além das aparências, questionar o *status quo* e buscar novas formas de pensar e agir” (Lippens, 1998, p. 112). E, de fato, num mundo onde as aparências muitas vezes enganam, a filosofia nos ajuda a enxergar o que está por trás, a buscar a verdade, a justiça, o bem-estar de todos.

Nessa sociedade líquida, como diria Bauman (1999), a Filosofia luta para encontrar seu espaço entre memes, notícias fugazes e o frenesi das redes sociais. Como então ensinar a arte da dúvida e da crítica num tempo que parece alérgico à complexidade? É de fundamental importância trazer uma reflexão pertinente sobre os desafios da Filosofia na

contemporaneidade, utilizando a metáfora da "modernidade líquida" de Zygmunt Bauman para ilustrar a fluidez e a efemeridade que caracterizam nossa era. Na sociedade atual, marcada pela velocidade das informações, pela superficialidade dos conteúdos e pela cultura do imediatismo, a Filosofia enfrenta o dilema de como manter sua relevância e seu papel como promotora do pensamento crítico e da reflexão profunda.

A questão central levantada como ensinar a arte da dúvida e da crítica num tempo que parece alérgico à complexidade? é crucial. Vivemos em um contexto em que as redes sociais e os algoritmos tendem a reforçar certezas, polarizações e simplificações, em vez de estimular a dúvida e a abertura ao diálogo. A Filosofia, por sua natureza, questiona, problematiza e busca compreender as nuances e contradições da existência, o que pode parecer antagônico a uma cultura que valoriza respostas rápidas e soluções imediatas.

No entanto, é justamente nesse cenário que a Filosofia se torna ainda mais necessária. Ela pode servir como um antídoto contra a alienação e a superficialidade, oferecendo ferramentas para que as pessoas possam pensar de forma autônoma, questionar pressupostos e enfrentar a complexidade do mundo sem medo. O desafio, portanto, não é apenas ensinar Filosofia, mas fazê-la dialogar com as novas linguagens e formas de comunicação, como os memes e as redes sociais, sem perder sua essência crítica e transformadora.

Neste interim, a ironia é palpável: nunca se falou tanto em pensamento crítico, mas nunca foi tão difícil cultivá-lo. De fato, o ensino de Filosofia se depara com uma geração que tem o mundo ao alcance de um clique, mas que, paradoxalmente, sofre de uma superficialidade intelectual crônica. Como afirma Morin (2011): "A educação deve ensinar a condição humana e estimular a compreensão, a capacidade de refletir sobre si e sobre o outro. Somente assim será possível resistir à barbárie da simplificação" (Morin, 2011, p. 45). O desafio, portanto, não é apenas transmitir conteúdos filosóficos, mas inculcar o hábito da reflexão num cenário que favorece a impaciência e a dispersão.

No tumultuado cenário hipermoderno em que nos encontramos, os/as professores/as de Filosofia se veem diante de uma série de desafios devido às rápidas mudanças que permeiam nossa sociedade. Um desses desafios surge da necessidade urgente de manter os jovens envolvidos em um mundo saturado de estímulos e dados digitais. Diariamente, eles são submetidos a uma enxurrada de informações e distrações, elementos que podem minar sua concentração e interesse pelo estudo. Portanto, cabe aos/às professoras a tarefa essencial de

descobrir estratégias inovadoras para capturar a atenção dos alunos, despertar seu interesse pela Filosofia e vinculá-los aos conteúdos apresentados.

Assim sendo, provavelmente se Sócrates voltasse hoje, não andaria mais pelas praças de Atenas, mas navegaria pelos fóruns virtuais, desafiando certezas e provocando debates. Porém, encontraria um adversário de peso: o algoritmo. Este, diferentemente do mestre grego, não pergunta, não questiona. Apenas reforça o que já pensamos, alimentando bolhas ideológicas e iludindo-nos com a sensação de que sempre temos razão.

Nesse contexto, ensinar Filosofia se assemelha a uma tarefa sisífica: por mais que se tente instigar a reflexão, os/as estudantes são constantemente atraídos/as pelo canto de sereia da informação pré-moldada. Destaca-se que “a Filosofia não ensina o que pensar, mas como pensar”, nos lembra Chauí (2014, p. 112). Nesse contexto, o papel da tecnologia na facilitação do discurso filosófico se torna cada vez mais pertinente. À medida que os/as professores/as buscam envolver os/as estudantes em meio a estímulos digitais avassaladores, a integração de plataformas *online* e ferramentas interativas pode aprimorar a experiência de aprendizado ao promover discussões colaborativas e habilidades de pensamento crítico. Por exemplo, utilizar fóruns virtuais ou mídias sociais como extensões da sala de aula permite que os alunos explorem conceitos filosóficos em tempo real, abordando sua relevância para questões contemporâneas, como identidade e ética em um mundo hiperconectado.

Ainda assim, há esperança. A Filosofia pode se reinventar, dialogando com as novas tecnologias sem perder sua essência. O uso de *podcasts*, jogos filosóficos e debates *online* são caminhos possíveis para trazer os clássicos para o mundo digital sem que se perca a profundidade das reflexões. Como sugere Gallo (2008) “O ensino de Filosofia não pode ser reduzido a um aprendizado mecânico de teorias e conceitos. Deve ser, antes de tudo, um exercício de problematização da própria existência”. (Gallo, 2008, p. 56)

Além disso, os/as professores/as confrontam a pressão externa das entidades educacionais para harmonizar o ensino da Filosofia com as habilidades requeridas no século XXI. Isso demanda o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, argumentação e solução de problemas complexos. Tais aptidões são fundamentais para preparar para os desafios da vida e instigá-los a se tornarem cidadãos comprometidos e conscientes na sociedade dinâmica em que vivemos.

4.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENSINO DE FILOSOFIA

O advento das tecnologias digitais provocou um impacto forte no ensino de Filosofia. O problema não está na tecnologia em si, mas na maneira como a utilizamos para pensar, questionar e interpretar o mundo. Vivemos um paradoxo. Nunca tivemos tanto acesso à informação e, paradoxalmente, nunca fomos tão reféns da superficialidade. O imediatismo, característico da era digital, nos empurra para respostas rápidas, mas a Filosofia ensina que pensar exige tempo. Como apontou Morin (2011), “A educação deve ensinar a condição humana e estimular a compreensão, a capacidade de refletir sobre si e sobre o outro. Somente assim será possível resistir à barbárie da simplificação”. (Morin, 2011, p. 45)

A simplificação excessiva, que transforma questões complexas em frases de efeito e memes virais, é um desafio para o ensino da Filosofia. Como ensinar o pensamento crítico num mundo onde os algoritmos reforçam nossas crenças preexistentes, fechando-nos em câmaras de eco ideológicas? Como preparar os/as estudantes para questionar se tudo o que consomem lhes parece evidente e irrefutável?

Dessa forma, a Filosofia, como disciplina que valoriza a dúvida, a análise profunda e a abertura ao diálogo, enfrenta um desafio significativo em um mundo em que os algoritmos das redes sociais e plataformas digitais priorizam o engajamento rápido, muitas vezes por meio de frases de efeito, memes e conteúdos que confirmam vieses cognitivos.

A menção às "câmaras de eco ideológicas" é particularmente relevante. Esses espaços digitais, nos quais as pessoas são constantemente expostas a ideias que reforçam suas próprias visões de mundo, criam uma ilusão de consenso e evidência, tornando difícil o exercício da dúvida e da crítica. Nesse contexto, o ensino da Filosofia não pode se limitar à transmissão de conteúdos históricos ou teóricos; ele precisa, sobretudo, equipar os/as estudantes com ferramentas para reconhecer e questionar os mecanismos que moldam seu pensamento e suas percepções da realidade.

A pergunta *Como preparar os/as estudantes para questionar se tudo o que consomem lhes parece evidente e irrefutável?* aponta para a necessidade de uma abordagem pedagógica que vá além da mera exposição de ideias. É preciso ensinar os estudantes a desconfiar do que parece óbvio, a identificar vieses, a reconhecer a complexidade dos problemas e a resistir à sedução das respostas fáceis. Isso envolve não apenas o estudo de filósofos clássicos, mas

também a aplicação prática do pensamento crítico em situações cotidianas, como a análise de notícias, discursos políticos e até mesmo o conteúdo que circula nas redes sociais.

Assim sendo, os tempos hipermodernos nos convidam a refletir sobre o papel da Filosofia como uma disciplina que pode ajudar a combater a alienação e o dogmatismo em um mundo cada vez mais polarizado e acelerado. Para isso, ela precisa se reinventar, encontrando formas de dialogar com as novas mídias e linguagens, sem perder de vista sua missão fundamental: despertar a consciência crítica e a capacidade de pensar de modo autônomo e reflexivo.

No entanto, a resposta não está em recusar a tecnologia, mas em utilizá-la como aliada. Se a Filosofia surgiu na ágora, entre debates acalorados e dialética afiada, hoje ela pode encontrar espaço nos fóruns digitais e nas redes sociais. Imagine Platão conduzindo um debate no X, antigo *Twitter*, ou Aristóteles organizando um seminário interativo via *podcast*. Recursos como jogos filosóficos, ambientes de realidade virtual e plataformas colaborativas podem ampliar a experiência de estudantes, tornando a Filosofia mais dinâmica e próxima de seu cotidiano. Ao invés de vermos a tecnologia como um obstáculo ao pensamento profundo, podemos utilizá-la para estimular questões filosóficas ainda mais pertinentes:

Por outro lado, não podemos ignorar o desafio da distração. A Filosofia exige profundidade, mas a era digital incentiva a dispersão. A cada notificação, somos puxados para longe do texto e levados ao vício do *scroll* infinito. Como sustentar um pensamento complexo em meio a interrupções constantes? A solução passa por um ensino que equilibre tecnologia e contemplação. Um ambiente de aprendizado que não apenas utilize as ferramentas digitais, mas também ensine os alunos a desconectar-se quando necessário. Afinal, o silêncio e a pausa são também condições essenciais para o pensamento filosófico.

Se considerarmos que a tarefa do pensamento não é somente conhecer, mas "problematizar", mais do que transmitir informações, cabe à Filosofia ensinar os/as estudantes a lidar criticamente com o excesso delas. A escola, enquanto instituição formadora de pessoas e cidadãos, sempre foi um espelho das transformações sociais, culturais e tecnológicas de sua época. No entanto, na hipermodernidade, a educação enfrenta desafios sem precedentes. A escola, outrora um farol de sabedoria e reflexão, parece lutar para não ser arrastada de suas tarefas mais importantes.

Em outras palavras, a escola não pode se limitar a ser um depósito de informações, mas deve se tornar um espaço de diálogo, questionamento e construção coletiva. Isso exige, é claro,

uma mudança de paradigma: em vez de tentar competir com as tecnologias, a escola pode aprender a usá-las como aliadas, sem perder de vista sua essência crítica e reflexiva.

No entanto, essa não é uma tarefa fácil. A hipermodernidade trouxe consigo uma série de desafios que vão além da questão da atenção. Um deles é a chamada "cultura do desempenho", na qual o valor de um indivíduo é medido por sua produtividade e eficiência. Nas palavras de Byung-Chul Han (2015), vivemos em uma sociedade do cansaço, na qual "o sujeito de desempenho é mais rápido e produtivo que o sujeito disciplinar, mas também mais infeliz e doente". (Han, 2015, p. 25). Na escola, isso se reflete na pressão por resultados imediatos, seja nas notas, seja nas avaliações padronizadas. Estudantes são incentivados/as a "performar", a atingir metas, mas muitas vezes sem compreender o sentido profundo do que estão aprendendo.

Essa cultura do desempenho tem consequências profundas para a educação. Em primeiro lugar, ela tende a reduzir o processo de aprendizagem a uma mera transação, na qual o conhecimento é visto como uma mercadoria a ser adquirida e exibida. Como nos alerta Zygmunt Bauman (2007), "na sociedade líquido-moderna, a educação é tratada como um produto de consumo, e os alunos, como consumidores". Isso não apenas empobrece a experiência educacional, mas também desumaniza o processo de ensino-aprendizagem, transformando professores/as em fornecedores/as e estudantes em clientes.

Outro desafio da escola na hipermodernidade é a questão da diversidade. Vivemos em um mundo cada vez mais plural, em que diferentes culturas, valores e visões de mundo coexistem e muitas vezes entram em conflito. Na escola, isso se traduz na necessidade de criar um ambiente inclusivo, no qual todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. No entanto, isso exige dos/as professores/as uma sensibilidade e uma capacidade de mediação nem sempre fáceis de alcançar.

Além disso, a hipermodernidade trouxe consigo uma crise de sentido. Em um mundo no qual tudo é descartável e efêmero, muitos/as jovens se sentem perdidos/as, sem saber qual é o propósito de suas vidas ou de sua educação. Na escola, isso se reflete na necessidade de ajudar estudantes a encontrar um sentido para o que estão aprendendo, conectando o conhecimento às suas vidas e aos seus sonhos.

Diante de tantos desafios, é natural que muitos educadores se sintam desanimados ou até mesmo impotentes. No entanto, é importante lembrar que a escola ainda é um espaço de esperança e transformação. Como nos ensina Freire (1996), "a educação não muda o mundo, a

educação muda as pessoas, e as pessoas mudam o mundo". Em outras palavras, a escola tem o poder de formar pessoas críticas, conscientes e engajadas, capazes de enfrentar os desafios da hipermodernidade com criatividade e resiliência.

Para isso, no entanto, é preciso repensar a forma como a educação é concebida e praticada. Em vez de se limitar a transmitir conteúdos, a escola deve se tornar um espaço de diálogo, questionamento e construção coletiva. Isso exige, é claro, uma mudança de mentalidade por parte de todos os envolvidos, professores/as, estudantes, famílias e gestores/as. Como nos lembra Edgar Morin (2000), "a educação do futuro deve ser uma educação para a complexidade, capaz de integrar diferentes saberes e perspectivas". (Morin, 2000, p. 13)

Além disso, é preciso reconhecer que a escola não pode e não deve enfrentar esses desafios sozinha. A educação é uma responsabilidade de toda a sociedade, e só será possível superar os desafios da hipermodernidade se houver um esforço coletivo. Como nos alerta Bauman (2007), "na sociedade líquido-moderna, a solidariedade é mais necessária do que nunca, mas também mais difícil de alcançar". (Bauman, 2007, p. 65).

A hipermodernidade, como bem definiu Lipovetsky (2004), é marcada por uma "cultura do excesso", em que tudo é amplificado, acelerado e, ao mesmo tempo, descartável. Nesse contexto, a filosofia, que tradicionalmente se caracteriza por uma reflexão lenta e profunda, parece estar em descompasso com o ritmo frenético do mundo contemporâneo. Essa descrição nos ajuda a entender por que o currículo de Filosofia, muitas vezes centrado em autores clássicos e em questões que parecem distantes da realidade dos/as estudantes, corre o risco de se tornar obsoleto. Ensinar Platão ou Kant a uma geração que vive em um mundo de conexões instantâneas, no qual o tempo parece ter sido comprimido até o limite do suportável pode parecer uma tarefa impossível.

É como se a Filosofia estivesse presa em uma redoma, alheia às transformações que sacodem o mundo lá fora. Enquanto isso, estudantes cada vez mais imersos em uma cultura do excesso, têm dificuldade de enxergar a relevância de uma disciplina que parece falar de um mundo que já não existe mais. Na era da informação, em que o conhecimento está ao alcance de um clique, a Filosofia enfrenta um desafio adicional: como competir com a avalanche de informações que inundam o cotidiano? Se a Filosofia, desde os gregos, é uma prática de questionamento, em um mundo no qual as respostas parecem estar sempre à mão, a prática do questionamento parece estar em risco.

Nesse sentido, o currículo de Filosofia precisa ser repensado, de modo a permitir que os/as estudantes não apenas aprendam sobre os grandes filósofos, mas também desenvolvam a capacidade de refletir criticamente sobre o mundo que os cerca. Afinal, como nos lembra Bauman (2001), "a modernidade líquida é caracterizada pela fluidez, pela incerteza e pela volatilidade". E é justamente nesse contexto que a Filosofia poderia (e deveria) desempenhar um papel fundamental. Essa metáfora da liquidez nos ajuda a entender por que o currículo de Filosofia, muitas vezes rígido e centrado em conteúdos fixos, parece não dialogar com a realidade dos/as estudantes.

O celular, esse pequeno objeto que parece ter vida própria vibrando, tilintando, piscando, tornou-se um símbolo da hipermodernidade. Ele é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de conexão e um instrumento de distração. Nas salas de aula, sua presença é quase inevitável, gerando debates acalorados entre educadores. Para alguns, ele é um vilão, um "ladrão de atenção" que desvia o foco dos/as estudantes. Para outros, é um aliado, uma janela para o mundo que pode enriquecer o processo de aprendizagem. Mas, como bem lembra Lipovetsky (2004), "a hipermodernidade não é apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época". E, nesse novo cenário, a educação precisa se reinventar, sem perder sua essência.

Uma possível resposta está na ideia de que o celular pode ser mais do que um simples aparelho; ele pode ser uma extensão da mente humana, uma ferramenta que amplia nossas capacidades cognitivas. No entanto, isso só será possível se soubermos usá-lo de maneira reflexiva e intencional. Como bem observa Santaella (2010)

O celular não é apenas um meio de comunicação; é um dispositivo que redefine nossa relação com o tempo, o espaço e o conhecimento. Ele nos permite acessar informações em tempo real, mas também nos expõe a um fluxo contínuo de estímulos que podem fragmentar nossa atenção e nossa capacidade de reflexão (Santaella, 2010, p. 78)

Essa dualidade entre potencial e risco é um dos grandes desafios do uso do celular em sala de aula. Por um lado, ele pode ser usado para pesquisas rápidas, debates online, acesso a textos filosóficos e até mesmo para a criação de conteúdos colaborativos. Por outro, ele pode se tornar uma fonte de distração que engole a atenção dos estudantes e os afasta do diálogo filosófico. Nesse sentido, o ensino de Filosofia tem um papel crucial: ele pode ajudar os estudantes a desenvolver uma relação mais crítica e consciente com as tecnologias digitais.

Para que isso aconteça, é preciso repensar as práticas pedagógicas. Professores/as de Filosofia não podem se limitar a transmitir conteúdos; podem ser alguém que ajuda os/as

estudantes a navegar no oceano de informações em que estamos imersos. Isso exige, por um lado, uma atualização constante em relação às novas tecnologias e, por outro, uma reflexão profunda sobre os objetivos da educação filosófica.

No entanto, a fragmentação do conhecimento não precisa ser vista apenas como um problema; ela também pode ser uma oportunidade. Afinal, a Filosofia sempre se alimentou do diálogo entre diferentes perspectivas e saberes. Como afirma Morin (2000), "o pensamento complexo não é aquele que evita a contradição, mas aquele que a enfrenta e a integra" (Morin, 2000, p. 42). Nesse sentido, o celular pode ser usado como uma ferramenta para promover o diálogo entre diferentes fontes de conhecimento, desde os clássicos da Filosofia até as discussões contemporâneas nas redes sociais.

Apesar das possibilidades, o uso do celular em sala de aula também apresenta desafios significativos. Um dos principais é o risco de distração, como já destacado. Outro desafio é a desigualdade no acesso às tecnologias. Embora a maioria dos/as estudantes tenha celulares, nem todos têm acesso a dispositivos de alta qualidade ou a conexões de internet estáveis. Isso pode criar uma divisão entre aqueles que conseguem aproveitar plenamente as possibilidades do celular e aqueles que ficam em desvantagem. Como afirma Santos (2007), "a globalização pode conectar, mas também excluir, dependendo de quem tem acesso aos meios de conexão" (Santos, 2007, p. 87).

O desafio de integrar o celular ao currículo de Filosofia de maneira que ele contribua para a formação crítica dos estudantes, sem perder de vista os objetivos da disciplina. Afinal, a Filosofia não se resume a um conjunto de informações; ela é, acima de tudo, uma prática de pensamento que exige tempo, reflexão e diálogo. Como diz Chauí (2003), "filosofar é desnaturalizar o que é dado como natural, é questionar o que parece óbvio" (Chauí, 2003, p. 23). E, em um mundo onde o uso do celular parece tão natural quanto respirar, essa atitude questionadora é mais necessária do que nunca. Ampliar a discussão sobre a integração do celular na sala de aula de Filosofia exige ir além da dicotomia ferramenta/distração e mergulhar nas potencialidades pedagógicas e nos desafios éticos e epistemológicos que essa presença impõe. A reflexão de Postman (1993) sobre a forma como a tecnologia molda a cultura é pertinente: ele argumenta que cada meio de comunicação tem um viés intrínseco, influenciando a maneira como pensamos e nos relacionamos com o conhecimento.

O celular, com sua instantaneidade e fluxo constante de informações, tende a favorecer a superficialidade em detrimento da profundidade, o rápido consumo em vez da lenta digestão

filosófica. Portanto, a tarefa do professor de Filosofia não é apenas incorporar a ferramenta, mas educar para resistir a esse viés superficializante, promovendo o uso do celular como um ponto de partida para a investigação profunda, e não como um fim em si mesmo. Adotar o celular criticamente implica desenvolver o que Freire chamou de "consciência crítica" (Freire, 1987), aplicada ao universo digital. Isso significa capacitar os estudantes a questionar a origem das informações, a identificar *fake news*, a analisar os algoritmos que moldam suas experiências online e a compreender as implicações éticas de suas interações nas redes sociais.

A Filosofia, com sua tradição de questionamento radical e de análise conceitual, oferece as ferramentas ideais para essa "alfabetização digital crítica". Conforme Lévy (1999) postula, frente à ideia de "inteligência coletiva" possibilitada pelas redes digitais, o celular pode se tornar um laboratório para a Filosofia. Permitirá a construção colaborativa de argumentos, a realização de experimentos de pensamento compartilhados e o acesso a uma diversidade de perspectivas que enriquecem o debate em sala. No entanto, os desafios de infraestrutura e acesso desigual (Santos, 2007) não podem ser negligenciados.

A exclusão digital agrava as desigualdades educacionais existentes. Além disso, a formação continuada dos professores é crucial. Muitos sentem-se despreparados para lidar com as tecnologias em sala, necessitando não apenas de treinamento técnico, mas de apoio pedagógico para integrar as ferramentas digitais de forma significativa ao currículo filosófico. A simples transposição de práticas analógicas para o digital é insuficiente; é preciso reinventar a didática da Filosofia na era digital. Explorar as possibilidades que o celular oferece para a criação, a interação e a reflexão crítica, sem perder de vista o rigor e a profundidade que caracterizam a disciplina. A presença ubíqua do celular na sala de aula de Filosofia na hipermodernidade, como discutido, representa um paradoxo complexo de possibilidades e riscos. Longe de ser um mero apêndice tecnológico, o celular é um artefato cultural que reflete e intensifica as características da nossa época. Sua integração efetiva no ensino de Filosofia não passa pela sua proibição sumária ou por sua adoção acrítica, mas por um uso intencional e pedagogicamente orientado.

O grande potencial reside na capacidade do celular em ser uma ferramenta para a ampliação das capacidades cognitivas, o acesso instantâneo a informações e a promoção do diálogo e da colaboração. Contudo, os desafios da distração constante, da desigualdade de acesso e da necessidade de desenvolver uma literacia digital crítica são significativos e exigem atenção. Nesse contexto, o papel da Filosofia é fundamental. Ela oferece os instrumentos

conceituais e a atitude questionadora necessários para que estudantes e professores possam navegar no ambiente digital com discernimento.

O ensino de Filosofia deve, portanto, incorporar a reflexão sobre as tecnologias digitais em seu próprio cerne, utilizando o celular não apenas como um recurso didático, mas como objeto de investigação filosófica. Reinventar as práticas pedagógicas, investir na formação docente e lutar pela universalização do acesso digital são passos essenciais para transformar o celular de potencial "ladrão de atenção" em um aliado poderoso na construção de um pensamento crítico e autônomo na era digital. O desafio é grande, mas a oportunidade de formar cidadãos capazes de pensar criticamente sobre o mundo que habitam, incluindo seu componente digital, é ainda maior.

4.3 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA COLONIZAÇÃO E A REDUÇÃO COMO HERANÇA DESSE MOMENTO

Desde o momento em que os primeiros colonizadores pisaram nas terras que viriam a ser chamadas de Brasil, a Filosofia foi moldada por interesses exógenos, estranhos à sua essência como busca autônoma pelo conhecimento. O ensino filosófico, longe de emergir como prática genuína de pensamento crítico e reflexão autônoma, foi encaixotado, talhado e, por fim, reduzido a um apêndice das estruturas de poder que aqui se instalaram.

Na aurora da colonização, o pensamento filosófico europeu desembarcou como uma nau imponente, mas não para dialogar com os modos de vida e cosmovisões aqui presentes. Ao contrário, seu propósito era outro: tornar-se ferramenta de doutrinação, instrumento de um projeto que se estendia para além do econômico e político, alcançando as camadas mais íntimas do ser colonizado.

Destaca-se que “o ensino de filosofia, nos primórdios da colonização, não era voltado para o questionamento, mas para a legitimação de um discurso que servia a um projeto maior de dominação” (Chauí, 2000, p. 54). As primeiras instituições de ensino formal no Brasil colonial foram erigidas sob a tutela dos jesuítas, cuja missão, para além da conversão religiosa, passava pela erradicação de saberes indígenas e africanos que pudessem rivalizar com o pensamento hegemônico europeu.

“O ensino filosófico, nesse contexto, não se preocupava com a formação do pensamento autônomo, mas com a reprodução de uma tradição que via na razão um instrumento para justificar a fé e, por conseguinte, a ordem social que sustentava a colonização” (Silva, 2015, p. 112).

Ora, como poderia florescer um pensamento filosófico livre quando o próprio ambiente intelectual era condicionado por estruturas que reduziam o saber ao mero dogma?

“A filosofia era assim considerada uma disciplina livresca. Da Europa ela nos vinha já feita. Era sinal de grande cultura o simples fato de saber reproduzir as ideias mais recentemente chegadas. A novidade supria o espírito de análise, a curiosidade supria a crítica” (Costa., 1967, p. 8).

O pensamento crítico, esse espírito inquieto que faz da filosofia um exercício constante de desconstrução e reconstrução, era desencorajado, substituído por um ensino que privilegiava a memorização e a aceitação acrítica dos textos clássicos.

Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, havia uma promessa, tímida, porém existente de que a Filosofia poderia encontrar novos rumos. No entanto, a estrutura colonial permanecia intacta, e o ensino filosófico seguiu, agora sob outras roupagens, cumprindo um papel de subordinação ao projeto de Estado. Segundo Ribeiro (2010),

“mesmo quando a filosofia passa a fazer parte das reformas pombalinas, ela não rompe radicalmente com seu caráter instrumental. O ensino filosófico, longe de ser incentivado como prática reflexiva, torna-se uma disciplina que serve mais à manutenção do status quo do que ao fomento de uma real autonomia intelectual” (Ribeiro, 2010, p. 78).

Essa redução da Filosofia a uma função acessória e subordinada ecoa até os dias atuais. O ensino de filosofia, muitas vezes tratado como um apêndice dispensável na grade curricular, carrega o peso de uma história que, desde a colonização, a reduziu a um campo menor, um luxo acadêmico a ser cortado em tempos de crise.

Nas reformas educacionais do século XX, a filosofia foi várias vezes suprimida e reinserida, ora como peça decorativa, ora como um obstáculo a ser eliminado. A Ditadura Militar (1964-1985), por exemplo, com sua ânsia por controle ideológico, tratou de retirar a filosofia do currículo, substituindo-a por disciplinas que visavam formar cidadãos funcionais, não pensadores. Essa supressão não foi um acaso ou um erro administrativo, mas uma decisão política consciente, ecoando os tempos coloniais nos quais pensar demais era perigoso. Como nos lembra Paulo Freire:

“a educação bancária, na qual o aluno é tratado como um mero receptáculo de conhecimento, é um reflexo da estrutura social que deseja a manutenção da ordem. Ensinar a pensar, a questionar, a filosofar, é uma ameaça para qualquer regime que se sustente na obediência e na passividade” (Freire, 1987, p. 95).

A ironia histórica é evidente: a Filosofia, que nasce da pergunta e da dúvida, foi por muito tempo ensinada como um catecismo, um conjunto de respostas prontas que deveriam ser absorvidas sem questionamento. No entanto, o pensamento filosófico resiste. Como uma chama que se recusa a apagar, ele encontra brechas, infiltra-se nas fissuras do sistema educacional e persiste, muitas vezes, apesar das tentativas sistemáticas de sua aniquilação.

Atualmente, embora o ensino de Filosofia tenha sido reintegrado ao currículo escolar, ainda se vê uma herança daquela redução colonial, mantida em uma posição marginal dentro do sistema educacional. Faltam recursos, faltam professores/as, falta tempo. O discurso que prioriza disciplinas voltadas ao mercado de trabalho imediato, continua a tratar a Filosofia como um adorno dispensável. Cabe destacar que “a luta pelo ensino de Filosofia é, em última instância, uma luta pelo direito de pensar. E esse direito, historicamente, sempre foi um privilégio de poucos” (Santos, 2019, p. 134). Assim, ao olhar para trás, percebe-se que a redução do ensino de Filosofia não é um mero acidente histórico, mas uma peça de um grande quebra-cabeça colonial, no qual o pensamento crítico sempre foi visto como um problema a ser controlado. Resta, portanto, a tarefa de reverter esse processo, resgatar a Filosofia de sua condição de apêndice e devolvê-la ao seu devido lugar: como um campo essencial à formação de pessoas autônomas e à construção de um mundo que se quer mais justo, mais livre e, sobretudo, mais humano.

A premissa de que a marginalização do ensino de Filosofia na estrutura educacional contemporânea é uma herança direta da redução colonial imposta ao pensamento crítico. Isso exige uma análise mais aprofundada sobre as dinâmicas que permitiram a persistência de tais estruturas para além do período colonial formal. Compreender este "quebra-cabeça colonial" e os desafios atuais para a revalorização do pensamento filosófico demanda a articulação com campos teóricos que desvelam as permanências do poder colonial e com análises da condição social e cultural no contexto da modernidade tardia. É neste ponto que a decolonialidade oferece o arcabouço para entender a raiz histórica da supressão do pensar, e a análise da hipermodernidade, por autores como Gilles Lipovetsky, ilumina os desafios contemporâneos que se somam a essa herança, ambos impactando a luta pelo "direito de pensar" na atualidade.

A crítica à matriz colonial de poder com as características da sociedade hipermoderna, e a reflexão sobre suas implicações para a resistência do pensamento crítico, conforme a demanda colocada pela herança colonial no ensino de Filosofia, é uma potente possibilidade.

A contemporaneidade configura-se sob a influência de forças históricas e sociais complexas, analisadas por lentes teóricas que, embora distintas em suas origens e focos, oferecem diagnósticos essenciais sobre a condição humana atual. De um lado, a decolonialidade emerge como um projeto crítico gestado a partir das vivências e saberes do Sul Global, voltado a desvelar e confrontar as permanências estruturais do colonialismo. De outro, Gilles Lipovetsky, em sua análise da hipermodernidade, foca na intensificação dos traços da modernidade nas sociedades ocidentais tardo-capitalistas. Estabelecer um diálogo entre estas perspectivas não é trivial. Demanda a identificação de pontos de contato, tensões fundamentais e, por vezes, ressonâncias inesperadas sobre os desafios do presente. Analisar como a hipermodernidade, enquanto estágio avançado da modernidade eurocêntrica, interage com a matriz colonial de poder global é um exercício crucial para compreender as dinâmicas contemporâneas.

A decolonialidade postula que, apesar do fim do colonialismo político formal, subsistem estruturas de poder, saber e ser forjadas durante o período colonial que continuam a reger as relações globais. Aníbal Quijano (2003, p. 94) cunhou o conceito de "colonialidade do poder" para descrever este fenômeno, argumentando que a classificação social baseada na ideia de raça, estabelecida nos primórdios da colonização, tornou-se o fundamento das novas identidades sociais da modernidade e persistiu para além do colonialismo. Esta matriz colonial do poder estrutura a economia global, a autoridade política e, crucialmente, o conhecimento. A decolonialidade denuncia o epistemicídio, a aniquilação sistemática de epistemes não-ocidentais, e a subalternização de saberes e sujeitos. Walter D. Mignolo (2003, p. 18) propõe a "desobediência epistêmica" como um caminho para a desvinculação desta matriz, recuperando e valorizando epistemologias, ontologias e cosmologias marginalizadas pelo cânone eurocêntrico. O projeto decolonial é, assim, uma busca por re-existência e a construção de mundos pluriversais, questionando a pretensão de universalidade da modernidade ocidental, vista como inerentemente ligada ao processo colonial (Lander, 2000, p. 22).

Em contraste, Lipovetsky (2004, p. 23) descreve a hipermodernidade como a fase de superlatividade da modernidade, marcada pela intensificação da lógica individualista, do consumo, da aceleração e da busca pela novidade. É a era do "tudo mais", do excesso,

impulsionada por uma "hiper-realidade" que exacerba a velocidade e a mutabilidade. O indivíduo na hipermodernidade é impelido a buscar performance e bem-estar constantes, pautado por um "ethos terapêutico" (Lipovetsky, 2007, p. 11). A hipermodernidade se caracteriza pela fragmentação das grandes narrativas que outrora davam sentido à vida coletiva, pela fluidez das identidades e pela centralidade do efêmero. Os valores tradicionais perdem força, substituídos por valores "leves", adaptáveis, focados na satisfação imediata e na experiência pessoal (Lipovetsky, 2004, p. 65). O autor analisa as ansiedades e o sentimento de "vazio" gerados por esta dinâmica de saturação e busca incessante, que esgota o projeto moderno em seus próprios excessos.

O diálogo entre a decolonialidade e a hipermodernidade revela tensões significativas. O hiper individualismo, traço distintivo da análise de Lipovetsky, pode ser interpretado, sob a ótica decolonial, como a exacerbação da concepção de indivíduo forjada na modernidade ocidental e imposta globalmente. Enquanto a decolonialidade frequentemente ressalta a importância das formas comunitárias e coletivas de organização social e de produção de conhecimento, historicamente oprimidas pelo projeto colonial, a hipermodernidade eleva a primazia do "eu" individual a um patamar extremo, muitas vezes fragilizando os laços sociais e comunitários essenciais para a resistência decolonial (Mignolo, 2003). Esta dinâmica hiperindividualista pode, paradoxalmente, dificultar a articulação de projetos decoloniais que demandam solidariedade e identidades coletivas resilientes.

Ademais, a centralidade do hiperconsumo e da aceleração na análise de Lipovetsky dialoga de forma conflituosa com a crítica decolonial ao modelo de desenvolvimento ocidental. O consumo incessante alimenta uma economia global que frequentemente perpetua desigualdades estruturais herdadas do colonialismo, mantendo regiões do Sul Global na condição de fornecedoras de recursos e mão de obra para o centro hipermoderno. Quijano (2003, p. 105) já apontava como a colonialidade do poder articulou uma nova estrutura de controle do trabalho no capitalismo. A aceleração temporal hipermoderna, que comprime espaços e ritmos, choca-se com as temporalidades outras, cíclicas ou plurais, que muitas cosmologias não-ocidentais preservam e que a decolonialidade busca revalorizar em oposição à linearidade progressista moderna. O imperativo da novidade e da obsolescência constante, característico do hiperconsumo (Lipovetsky, 2007), pode também operar um novo tipo de epistemicídio cultural, apagando memórias, histórias e tradições através da saturação e do esquecimento rápido imposto pela cultura do descartável.

A sociedade hipermoderna, ao mesmo tempo que exalta a autonomia individual e a escolha, submete os indivíduos a imperativos contraditórios: consumir cada vez mais em um planeta com recursos finitos, ser autêntico em um mundo de simulação, buscar segurança em um universo de risco generalizado. Estes paradoxos geram ansiedade e um sentimento de desorientação que Lipovetsky descreve como o "vazio" ou a "infelicidade paradoxal" (Lipovetsky, 2007, p. [p.]

Neste ponto, a crítica decolonial poderia argumentar que esta "infelicidade paradoxal" é, em parte, uma consequência da própria lógica destrutiva inerente à modernidade colonial, e que o foco no "vazio" individual desvia a atenção das violências estruturais que continuam a operar em escala global. Contudo, é possível vislumbrar ressonâncias paradoxais entre as duas perspectivas. A crítica de Lipovetsky à fragmentação das grandes narrativas e à crise dos universais na hipermodernidade pode, em certa medida, dialogar com a crítica decolonial à pretensão de universalidade da modernidade eurocêntrica.

Se a modernidade está a implodir em seus próprios excessos, como sugere Lipovetsky, esta implosão poderia, teoricamente, criar fissuras no edifício da hegemonia eurocêntrica, potencialmente abrindo espaço para a emergência de outras vozes e epistemes subalternizadas (Mignolo, 2003). A relativização dos valores e a busca individual por sentido fora dos quadros institucionais rígidos da modernidade tradicional, características hipermodernas, poderiam, em contextos específicos, levar a uma maior abertura para a diversidade cultural e epistêmica que a decolonialidade defende.

No entanto, o risco inerente a esta fragmentação hipermoderna é que ela não culmine na valorização do pluriverso decolonial, mas sim em um relativismo niilista ou em um mosaico caótico de micronarrativas desconectadas. Tal cenário tornaria a articulação de uma crítica estrutural coerente à matriz colonial do poder mais desafiadora. O *ethos* terapêutico hipermoderno, focado no bem-estar psicológico individual e na gestão das emoções, pode desviar a atenção das injustiças sociais e históricas profundas que a decolonialidade busca confrontar. Ao promover uma introspecção focada no "eu" individual, pode-se subtrair energia e engajamento da ação coletiva necessária para a luta por justiça epistêmica e social (Quijano, 2003).

Enquanto Lipovetsky oferece um diagnóstico aguçado das tensões internas e dos excessos da modernidade ocidental em sua fase hiperlativa, a decolonialidade apresenta a genealogia externa e global desta mesma modernidade, expondo sua conexão indissociável com o projeto colonial e a persistência de suas estruturas de poder. A hipermodernidade descreve o

estado atual do centro hegemônico e suas dinâmicas socioculturais. A decolonialidade, por sua vez, analisa as bases históricas e as permanências deste centro na periferia global, propondo caminhos para a emancipação e a construção de alternativas fora do logocentrismo ocidental. O diálogo entre essas perspectivas revela que a hipermodernidade, longe de superar a matriz colonial, frequentemente a intensifica e a mascara sob as roupagens do hiper-individualismo, do consumo acelerado e de novas formas de fragmentação. Embora as contradições internas da hipermodernidade possam, paradoxalmente, criar espaços para a emergência de narrativas decoloniais, suas forças motrizes (consumo, individualismo, aceleração) representam, simultaneamente, novos e significativos obstáculos à concretização plena dos projetos de reexistência e desvinculação da matriz colonial de poder.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: EBOOK "O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE: UMA LEITURA A PARTIR DE GILLES LIPOVETSKY"

A hipermodernidade, como um fenômeno que redefine as estruturas sociais, culturais e educacionais, impõe desafios inéditos ao ensino da filosofia, especialmente quando se considera o legado histórico da colonização e a forma como essa herança moldou a prática filosófica no Brasil. Vivemos em uma era de transformações vertiginosas, onde a velocidade das inovações tecnológicas e a hiperconectividade criam um cenário de efemeridade nas relações interpessoais e no próprio conhecimento. Nesse contexto, o ensino da filosofia, tradicionalmente ancorado em uma abordagem linear e cronológica, encontra-se em um impasse: como dialogar com uma geração imersa na cultura digital, marcada por estímulos constantes e uma relação distinta com o saber? É nesse cenário que se insere o *ebook* intitulado *O Ensino de Filosofia no Contexto da Hipermodernidade: uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky*

O *ebook* surge, assim, como um recurso para aqueles/as que desejam repensar o ensino da Filosofia na contemporaneidade. Seu objetivo é oferecer um panorama teórico sobre a hipermodernidade, propondo análises para os desafios educacionais do século XXI. A partir da análise, em especial das ideias de Gilles Lipovetsky, pensamos que a própria pesquisa realizada sobre a leitura do contemporâneo como hipermodernidade pode ser um recurso potente para o trabalho dos professores e professoras de Filosofia nas escolas de Educação Básica.

A herança colonial ainda pesa sobre o ensino da Filosofia, criando barreiras que precisam ser superadas. Como afirma Quijano (2005, p. 117), "a colonialidade do poder é uma estrutura que continua a operar, mesmo após o fim formal do colonialismo." Isso significa que, para reinventar o ensino da Filosofia, é necessário enfrentar não apenas os desafios da hipermodernidade, mas também as estruturas de poder que perpetuam a exclusão e a desigualdade.

Dessa forma, o ensino da Filosofia no contexto da hipermodernidade exige uma revisão crítica de suas bases históricas e epistemológicas. Vivemos em uma era marcada pela aceleração do tempo, pela fragmentação do conhecimento e pela hiperconectividade, fenômenos que desafiam as estruturas tradicionais de ensino e aprendizagem. Nesse cenário, a Filosofia, muitas vezes vista como uma disciplina distante e abstrata, precisa se reinventar para dialogar com as demandas do presente.

Ao mesmo tempo, é necessário dialogar com as demandas do tempo presente, criando espaços de reflexão que sejam dinâmicos, interativos e significativos. A geração hipermoderna, imersa na cultura digital e acostumada à instantaneidade da informação, exige uma abordagem pedagógica que vá além da mera transmissão de conteúdos. Lipovetsky (2004) destaca que "a hipermodernidade é marcada por um paradoxo: enquanto há uma busca crescente por autonomia e autenticidade, os indivíduos estão cada vez mais conectados e influenciados por redes globais" (Lipovetsky, 2004, p. 78).

O ensino da Filosofia na hipermodernidade não é apenas um desafio pedagógico, mas também um ato político. Trata-se de resistir à lógica do consumo imediato e da superficialidade, propondo um espaço de reflexão profunda e crítica. A Filosofia, quando bem ensinada, pode ser uma ferramenta poderosa para a emancipação intelectual e social, ajudando os indivíduos a navegar em um mundo cada vez mais complexo e fragmentado.

Ao propor uma abordagem que integra as reflexões de Lipovetsky sobre a hipermodernidade, espera-se que o e-book ofereça recursos de reflexão para os/as professores/as de Filosofia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta jornada investigativa, deparei-me com um cenário no qual o ensino de Filosofia no contexto hipermoderno se assemelha a uma vela acesa ao vento: tremulante, desafiada a se manter acesa em meio às intempéries de um tempo acelerado, pragmático e muitas vezes indiferente à reflexão. Como nos alerta Lipovetsky, vivemos na era da hipermodernidade. O efêmero e o consumo se sobrepõem à contemplação e à construção do pensamento crítico. Diante desse cenário, a sala de aula se torna um campo de batalha simbólico, no qual o/a professor/a de Filosofia precisa lutar contra a maré de distrações, desinteresses e a visão utilitarista do conhecimento.

Pude constatar por meio da pesquisa, que o desinteresse dos/as estudantes pelas aulas de Filosofia não surge no vácuo, mas é fruto de um ambiente educacional que muitas vezes relega essa disciplina ao papel de figurante. É irônico perceber que, enquanto os/as adolescentes vivem intensamente os dilemas existenciais, as redes sociais fervilham de debates morais e a sociedade enfrenta desafios éticos monumentais, a Filosofia ainda seja vista como um adereço dispensável no currículo. A contradição grita aos olhos: há uma fome latente por sentido, mas a Filosofia permanece, para muitos, como um banquete ao qual não se sentem convidados.

O desalento dos/as professores/as, capturado muitas vezes por manifestações, greves que muitas vezes geram debates acalorados na *internet* e aplicativos de mensagens, evidencia um problema que não pode ser ignorado. Se a prática docente se resume a improvisações forçadas, não estaríamos, ironicamente, corroborando a ideia de que a Filosofia é um exercício aleatório, sem estrutura, sem urgência? O desafio, então, é reposicionar a Filosofia na escola não como um luxo intelectual, mas como um alicerce da formação humana.

O ensino filosófico, para além das páginas dos manuais, precisa respirar o ar das ruas, absorver os questionamentos pulsantes dos/as adolescentes e, assim, recuperar sua função essencial. Portanto, se há algo que este estudo nos ensina, é que a Filosofia não está condenada ao ostracismo educacional. Ao contrário, ela se torna ainda mais essencial. A Filosofia é uma necessidade urgente, em tempos de hipermodernidade. Como um sopro contra a rigidez do pensamento único, ela desafia, perturba e, sobretudo, desperta. Como nos lembra Lipovetsky, mesmo na sociedade do hiperconsumo e da velocidade, ainda há espaço para a pausa, para o questionamento e para a reflexão. Resta-nos, pois, não apenas defender o ensino da Filosofia,

mas reinventá-lo, para que, em vez de ser uma chama prestes a se apagar, ela possa incendiar mentes e corações com a centelha da crítica e da emancipação.

Ora, se a Filosofia tem por vocação instigar o pensamento reflexivo, sua presença nas salas de aula da Educação Básica deve ser defendida não como um ornamento curricular, mas como um pilar fundamental para a construção de uma sociedade menos superficial. Não se trata apenas de inserir textos clássicos no cotidiano escolar, mas de fomentar o diálogo entre os/as jovens e o mundo ao seu redor, desafiando-os a romper com a lógica do imediato e a vislumbrar outras possibilidades de existência. A escola, nesse sentido, não pode ser apenas uma instituição que replica conteúdos, mas precisa ser um espaço vivo, no qual a Filosofia se impõe como instrumento de transformação, de provocação, de enfrentamento da banalidade.

A hipermodernidade, por sua vez, não se caracteriza apenas pela velocidade e pela fragmentação, mas também pela multiplicidade de discursos e pela coexistência paradoxal de uma hiperinformação e de um déficit de sentido. Como lidar, então, com a educação filosófica em uma era que, ao mesmo tempo em que democratiza o acesso ao conhecimento, promove uma banalização da informação? Esse é um dos dilemas que o ensino de Filosofia enfrenta no contexto atual. Como pontua Lipovetsky a era hipermoderna não extingue os valores, mas os torna mais instáveis.

Assim, a Filosofia na escola deve assumir o papel de mediadora entre o excesso de estímulos e a construção de um pensamento que não seja refém da volatilidade. Para isso, é fundamental que os/as professores/as não apenas dominem o conteúdo filosófico, mas que também se tornem artífices de uma didática que dialogue com as especificidades da hipermodernidade. A tecnologia, por exemplo, não precisa ser vista como uma adversária, mas como uma ferramenta estratégica para estimular a reflexão e o questionamento. A abordagem filosófica, então, deve ser repensada para dialogar com esse novo cenário, explorando metodologias inovadoras que despertem o interesse dos/as estudantes, sem renunciar ao rigor conceitual.

Além disso, não podemos esquecer que a educação filosófica é também um ato político. Não no sentido panfletário do termo, mas enquanto exercício de cidadania e formação de pessoas críticas. A redemocratização do Brasil trouxe consigo a possibilidade de um ensino de Filosofia mais plural e interdisciplinar, mas ainda há desafios significativos a serem enfrentados.

Se a Filosofia na escola tem um papel, ele não é outro senão o de proporcionar ao conjunto de estudantes a experiência do espanto e a capacidade de perguntar, em uma época em que as respostas parecem prontas e servidas em bandejas de algoritmos personalizados. O caminho, como bem sabemos, não é simples nem linear, mas, como nos lembra a própria Filosofia, são os desafios que impulsionam a busca por novos horizontes.

Dessa forma, este estudo não pretende encerrar a discussão, mas, pelo contrário, lançar novas interrogações ao vento. O ensino de Filosofia, longe de ser um luxo ou uma disciplina ornamental, deve ser compreendido como uma necessidade imperativa diante dos desafios da hipermodernidade. Resta-nos, então, a tarefa de continuar questionando, refletindo e resistindo, pois, como bem disse Sócrates, uma vida sem exame não vale a pena ser vivida. E talvez, mais do que nunca, este seja o chamado da Filosofia em tempos de hipermodernidade: resgatar a beleza da interrogação, em meio ao caos da velocidade e da obsolescência programada.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1958.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Trabalho, consumismo e os novos pobres**. Buckingham: Open University Press, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- BRANDÃO, Lucas. **A hipermodernidade de Gilles Lipovetsky**. Comunidade Cultura e Arte, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/a-hipermodernidade-de-gilles-lipovetsky/>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- BRANDÃO, Rodrigo. **Gilles Lipovetsky e o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Perspectiva, 2020b.
- BRITO, Wallace. Costa. **Os Conceitos Pós-Modernidade e Hipermodernidade em Gilles Lipovetsky**. Perspectivas Em Psicologia, 19(2), P155-182. Jul./dez. 2015.
- CALINESCU, Matei. **As cinco faces da modernidade**: modernismo, vanguarda, decadência, kitsch, pós-modernismo. Tradução de Jorge Teles de Menezes. Lisboa: Veja, 1999.
- CANTUÁRIO, Victor André Pinheiro. **Hipermodernidade**: a era de Narciso e as faces do consumo. Macapá: UNIFAP, 2022.
- COSTA, João Cruz. **A filosofia no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CHARLES, Victor. **Narcisismo e Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARLES, Sébastien (Org.). **Comte-Sponville, Conche Ferry, Lipovetsky, Onfray, Rosset**: é possível viver o que eles pensam? Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle**. In: L'Autre Journal, n. 1, maio 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

- DERRIDA, Jacques. **O mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Paris: Éditions Galilée, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- EISNER, Elliot W. **The Arts and the Creation of Mind**. New Haven: Yale University Press, 2002.
- FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **Aceleração do tempo e mal-estar contemporâneo**. Cultura no Divã: relações contemporâneas entre psicanálise e cultura, 2018. Disponível em: <https://culturanodiva.com>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADAMER, Hans. **Verdade e Método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GALO, Sílvio. **Filosofia e ensino de filosofia: entre a resistência e o devir**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HAN Byung. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução de Luilz Sergio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- JACINSKY, Edson. **Os desafios educacionais da cultura audiovisual: considerações para o ensino de filosofia**. In.: Filosofia e ensino, um diálogo transdisciplinar. Ijuí, RS. Unijuí, 2004.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1991.
- JASPERS, Karl. **Introdução ao Pensamento Filosófico**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1959.
- KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento?** Trad. Raimundo Vier. In: KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 100-116.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2012.
- LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntrico. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 21-53.

- LESSING, Doris. **As Experiências Psíquicas**. Tradução de J. Teixeira de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIPPENS, Ronnie. **Filosofia e Ação**. Rio de Janeiro: Editora Cultural, 1998.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Therezinha Monteiro. Barcarolla, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do consumo**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Tradução de Fabiano Verardi Burlini. São Paulo: Manole, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Manole, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Prefácio e entrevista por Bertrand Richard. Paris: Éditions Textuel, 2021.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Educação não é algo passível de prazer ininterrupto**. Fronteiras, 2017. Disponível em: <https://fronteiras.com.br>. Acesso em: 3 maio 2023.
- LUCENA, Paulo Francisco da Costa. **Processo de personalização ambivalente: ensaio sobre o ser pós-moderno em Lipovetsky, mediante a ambivalência em Bauman**. Revista Saber Acadêmico, São Paulo, n. 24, p. 96, 2017.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna: um relato sobre o saber**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna: um relatório sobre o saber**. Tradução de Geoff Bennington e Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- LYOTARD, Jean-François. **A guerra dos argelinos: escritos 1956-1963**. Paris: Éditions Galilée, 1989.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MARTINS, Ana. **A educação nas histórias em quadrinhos: uma nova metodologia**. *Revista de Educação e Tecnologia*, Teresina, v. 12, n. 3, p. 45-58, 2019.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. (Edição original de 1867).
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

- MORAES, Carlos. **Filosofia e Reflexão**. São Paulo: Editora Filosófica, 2010.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.
- NUSSBAUM, Martha. **Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino de filosofia**. Ijuí. Unijuí, 2002. Coleção filosofia e ensino.
- OBIOLS, Guillermo. **Ensinar filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PONZIO, Carlos; MOREIRA, Geová. **Ensino de Filosofia e histórias em quadrinhos: novas metodologias de ensino para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 2013.
- POSTMAN, Neil. **Tecnopolia: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1993.
- PUCRS. Institucional. **Gilles Lipovetsky é Doutor Honoris Causa pela PUCRS**, 19 nov. 2015. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/noticias/institucional/gilles-lipovetsky-e-doutor-honoris-causa-pela-pucrs/> Acesso em: 10 jun 2024.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, poder, cultura e conhecimento na América Latina**. Novos Estudos CEBRAP, n. 66, p. 93-117, 2003.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ROSA, Hartmut. **Alienação e aceleração: para uma teoria crítica da temporalidade na modernidade tardia**. Tradução de Fábio Roberto. São Paulo: Boitempo, 2010.
- ROSA, Hartmut. **Social Acceleration: a New Theory of Modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Mobilidade: a Era da Convergência**. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2019.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **A filosofia na formação do adolescente no Ensino Médio**. In: SHIMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, Tania Maria F. Braga. HORN, Geraldo Balduino. **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí, RS: Unijuí, 2008. Vol.1

SILVA, Jurandir Machado. Vazio e comunicação na era "pós-tudo". *In*: LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Manole, 2005.

SILVA, Tomás de Aquino. **História e ensino da filosofia no Brasil**: entre a tradição e a modernidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

VOLLI, Ugo. **Fascínio**: fetichismo e outras idolatrias. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, 2006.

Jozimar Farias de Souza

O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE:

uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky



O ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO DA HIPERMODERNIDADE: uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky

"Em tempos de excesso e velocidade, ensinar filosofia é reacender o pensamento crítico um gesto de resistência e sentido no caos hipermoderno."

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S729e Souza, Jozimar Farias de, 1988 -
O ensino de filosofia no contexto da hipermodernidade: uma
leitura a partir de Gilles Lipovetsky / Jozimar Farias de Souza;
orientador: Prof. Dr. João Francisco Lopes de Lima. – 2025.
181 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre,
Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em
Filosofia. Rio Branco, 2025.

Inclui referências bibliográficas e anexo.

1. Ensino de filosofia. 2. Lipovetsky, Giles, 1944-. 3. Educação.
I. Lima, João Francisco Lopes de (orientador). II. Título.

CDD: 107

Bibliotecária: Alanna Santos Figueiredo – CRB 11º/1003.



O autor

Meu nome é Jozimar Farias de Souza, e minha trajetória acadêmica sempre esteve ligada à busca por compreender o papel da filosofia na educação. Sou licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Acre e, ao longo da minha jornada, investiguei como o ensino filosófico pode se adaptar às exigências do mundo contemporâneo.

Este eBook, "O ensino de filosofia no contexto da hipermodernidade: uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky", é fruto da minha dissertação de mestrado, agora adaptada para alcançar um público mais amplo. O objetivo principal desta obra é refletir sobre os desafios do ensino de filosofia na era hipermoderna, marcada pelo imediatismo, pelo consumismo desenfreado e pela fragmentação do conhecimento. Inspirado nas análises de Gilles Lipovetsky, exploro como a filosofia pode se manter relevante em um cenário onde a velocidade da informação muitas vezes substitui a profundidade do pensamento.

Mais do que um estudo teórico, este livro busca oferecer uma leitura acessível e instigante para professores, estudantes e todos aqueles que se interessam por filosofia e educação. Espero que esta obra contribua para a reflexão sobre o papel da filosofia no mundo atual e inspire novas formas de ensiná-la.

Seja bem-vindo a essa jornada!





sumário



05 INTRODUÇÃO

Modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. _____

12 _____ A modernidade em transformação.

Pós-modernidade: desconstrução de identidades. _____

A hipermodernidade como exacerbção da modernidade.

25 _____

GILLES LIPOVETSKY e sua leitura DA CONTEMPORANEIDADE _____

32 _____ A hipermodernidade em questão.

A hipermodernidade como era do vazio. _____

52 _____

Hipermodernidade, moda e consumismo: a ética indolor numa era de prazer sem culpa

A Hipermodernidade e o Ensino de Filosofia. _____

67 _____

Das relações entre hipermodernidade, educação e ensino de Filosofia.

O impacto das tecnologias digitais no ensino de

Filosofia _____

74 _____

O ensino de Filosofia a partir da colonização e a redução da mesma como herança do momento.

4 Referências _____

78 _____

Introdução

Vivendo na Era da Hipermodernidade: Um Desafio para o Ensino de Filosofia

Você já deve ter percebido que o mundo em que vivemos está em constante transformação. Nós, estudantes e educadores, estamos inseridos em uma realidade muito diferente daquela vivida por nossas gerações anteriores. Esse fenômeno é o que o filósofo francês Gilles Lipovetsky chamou de "hipermodernidade".

A hipermodernidade representa uma nova fase da modernidade, marcada por profundas mudanças culturais e sociais. Vivemos em uma época de individualismo exacerbado, de uma busca incessante por novidades e de um consumismo que invadiu todas as esferas de nossas vidas. Esse contexto cria desafios significativos para o ensino de disciplinas clássicas como a Filosofia.

Afinal, como ensinar Filosofia a estudantes que cresceram em um mundo saturado por informações e tecnologias digitais? Como despertar o interesse desses "nativos digitais" por questões filosóficas que, muitas vezes, parecem distantes de suas experiências cotidianas?

Essa é a grande questão que me motivou a desenvolver este livro. Inicialmente, meu objetivo era simplesmente investigar o uso de tecnologias em sala de aula para apoiar o ensino de Filosofia. No entanto, ao me aprofundar nas discussões sobre a hipermodernidade, percebi que o problema era mais profundo.



“

A falta de conexão entre o conteúdo abordado e a realidade de estudantes é um desafio que deve ser enfrentado para revitalizar o ensino filosófico. A ausência de uma abordagem mais prática e interativa na Filosofia pode contribuir para a percepção de que essa área do conhecimento é irrelevante ou distante das experiências de vida de jovens.

”

Fonte: Canva

O ensino de Filosofia precisa ser repensado para se adequar às demandas e características dessa nova realidade. Não basta apenas incorporar ferramentas digitais - é necessário reinterpretar e adaptar os conteúdos e as metodologias, de modo a dialogar de forma efetiva com os interesses e as expectativas dos estudantes nativos digitais.

Foi a partir dessa constatação que decidi explorar a hipermodernidade como um prisma para analisar o ensino de Filosofia. Meu objetivo é criar um recurso pedagógico inovador, capaz de tornar os temas filosóficos mais acessíveis e relevantes para os estudantes da atualidade.

Neste ebook, você irá mergulhar em uma jornada de reflexão sobre como a Filosofia pode se reinventar para se conectar com a realidade da hipermodernidade. Vamos juntos romper com as metodologias tradicionais e descobrir formas criativas e engajadoras de abordar questões filosóficas fundamentais.

Afinal, a Filosofia é uma disciplina essencial para a formação de cidadãos críticos e éticos. Adaptá-la aos desafios da hipermodernidade é um passo crucial para garantir que ela continue a desempenhar esse papel tão importante na educação de nossos jovens.

Então, prepare-se para embarcar nessa aventura filosófica, onde o passado se encontra com o presente em uma nova e empolgante perspectiva!





Modernidade, pós-modernidade e hipermmodernidade.

Capítulo 1

Modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade.

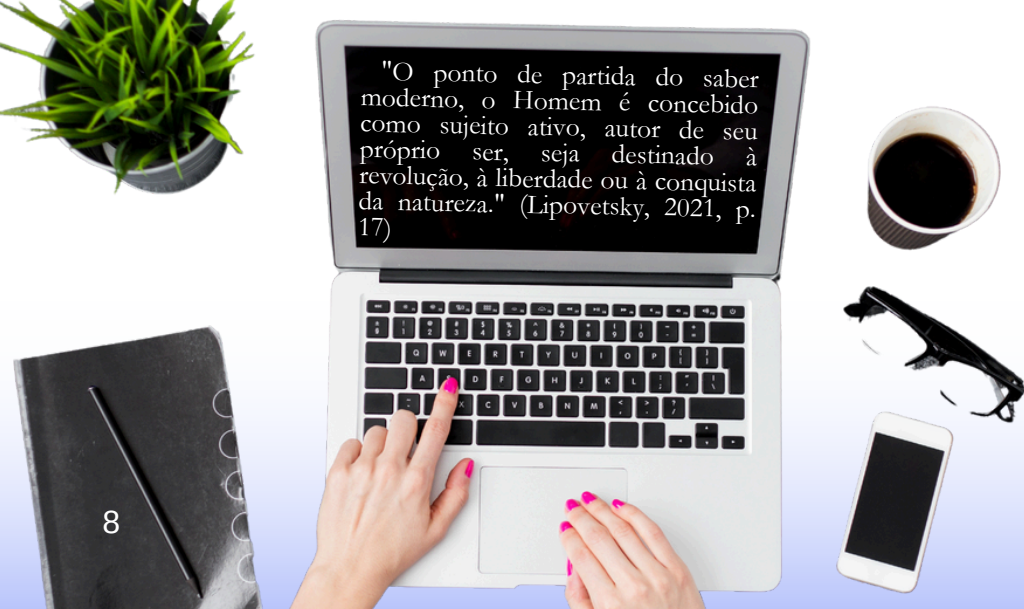
A modernidade, a pós-modernidade e a hipermodernidade são conceitos que ajudam a entender como nossa sociedade se transformou ao longo do tempo. Esses termos representam diferentes momentos históricos e mudanças culturais que influenciaram a forma como vivemos hoje. Aqui, vamos explorar o significado de cada um deles e como se conectam.



Fonte: Canva, Mudança Cultural

O filósofo francês Gilles Lipovetsky é um dos principais pensadores sobre a sociedade moderna e suas transformações. Ele criou o termo "hipermodernidade" para descrever o mundo atual, no qual os valores da modernidade foram levados ao extremo. A partir da perspectiva de Lipovetsky, vamos entender melhor esses conceitos.

A modernidade foi marcada por um avanço rápido da ciência e da tecnologia, pelo destaque da racionalidade humana e pela valorização do indivíduo. Essa nova forma de enxergar o mundo rompeu com tradições e crenças religiosas. Lipovetsky (2021) destaca:



"O ponto de partida do saber moderno, o Homem é concebido como sujeito ativo, autor de seu próprio ser, seja destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza." (Lipovetsky, 2021, p. 17)

Isso significa que, na modernidade, o ser humano passou a ser visto como protagonista de sua própria história, capaz de tomar decisões e transformar sua vida. Esse pensamento também dialoga com o conceito de "sujeito moderno" de Kant, que defendia a autonomia do indivíduo baseado na razão.

Já a pós-modernidade trouxe uma valorização ainda maior da individualidade, colocando a realização pessoal como prioridade. Lucena (2017) afirma que, nesse período, a personalização se torna um valor fundamental. No entanto, esse foco na individualidade também gera questionamentos: até que ponto essa busca por identidade é autêntica ou apenas uma forma de consumo incentivada pelo mercado?



Fonte: individualidade e autenticidade.



Fonte: individualidade e autenticidade.

Outro ponto importante é que a modernidade representou uma transição para um mundo mais racional e menos influenciado pela religião. Lessing (2010) destaca que, com o avanço da modernidade, o ser humano passou a se ver como totalmente responsável por sua existência, sem depender de dogmas religiosos.



Fonte: Meta AI

Lipovetsky observa que a modernidade é um processo contínuo de individualização. Ele afirma que a sociedade moderna é obcecada pela revolução e pelo progresso. Ao longo do século XX, esse individualismo foi se aprofundando com o crescimento do capitalismo e da sociedade de consumo. Algumas promessas da modernidade, como um futuro melhor através do progresso técnico, nem sempre se concretizaram.

O avanço tecnológico trouxe muitas inovações, mas também gerou desigualdades e desafios ambientais.

Bauman (2001) argumenta que não vivemos um "pós"-moderno, mas sim uma modernidade que se transformou. Para ele, a sociedade atual continua moderna, mas de uma maneira diferente. Um dos principais aspectos dessa modernidade é o consumismo, que se intensificou após a Segunda Guerra Mundial e moldou as relações sociais.

Lipovetsky (2005) destaca que, na hipermodernidade, não buscamos mais ilusões sobre o futuro nem somos presos ao passado. O foco está no presente, no imediatismo e na satisfação instantânea. O indivíduo hipermoderno é altamente individualista e, muitas vezes, centrado em desejos próprios, sem se preocupar com o coletivo.

A sociedade atual também se distanciou dos antigos modelos de religião como forma de consolo para as dificuldades da vida. Em vez disso, o consumo e o prazer imediato se tornaram alternativas para lidar com desafios e angústias. Lipovetsky (2007) observa que, nas sociedades tradicionais, a religião oferecia conforto e um senso de comunidade. Na hipermodernidade, essa busca por significado se tornou individual e muitas vezes superficial, refletindo um mundo centrado no consumo.



Fonte: Meta AI

A falta de diretrizes claras e a fragmentação das experiências humanas podem levar ao isolamento. O indivíduo moderno se torna refém de sua própria subjetividade, buscando satisfação em objetos de consumo e prazeres imediatos. Essa realidade levanta uma questão importante: como podemos encontrar um equilíbrio entre a autonomia individual e a necessidade de conexão com o coletivo?

A Filosofia pode ser uma ferramenta essencial para refletirmos sobre essas questões. Ela nos ajuda a pensar criticamente sobre o papel do consumo e a buscar alternativas que integrem o individual e o coletivo. Dessa forma, conseguimos compreender melhor os desafios do nosso tempo e encontrar caminhos para um futuro mais equilibrado.

“O ponto de partida do saber moderno, o Homem é concebido como sujeito ativo, autor de seu próprio ser, seja destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza. É no interior de um projeto em que seu ser deve se realizar que o Homem se revela como sujeito, construindo-se a si próprio” (Lipovetsky, 2021, p. 17 - grifo meu). ”

A modernidade em transformação



A modernidade em transformação

A modernidade tem sido um tema central nas reflexões filosóficas e sociológicas ao longo da história. Desde os ideais iluministas do século XVIII até as transformações sociais do século XX, ela moldou profundamente o mundo ocidental e influenciou nossa compreensão da sociedade. O projeto moderno, iniciado pelos pensadores do Iluminismo, como Immanuel Kant, baseava-se na ideia de que a razão humana seria a ferramenta principal para o progresso e a emancipação.

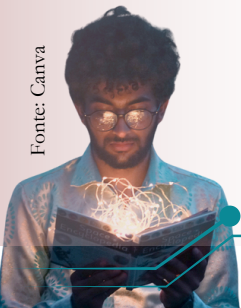
Para Kant, o Esclarecimento significava a conquista da autonomia racional, obtida pela educação e pelo desenvolvimento da disciplina, permitindo que o indivíduo se libertasse da tutela de terceiros. Ele define o Esclarecimento como a saída da "minoridade", ou seja, da incapacidade de pensar por conta própria, incentivando o uso independente do entendimento humano.

No século XVIII, prevalecia um otimismo intelectual baseado na ciência, na racionalidade e no humanismo. A modernidade trouxe valores como a liberdade, a autonomia e os direitos fundamentais, diferenciando-se das eras anteriores, dominadas pela religião e pela tradição. No entanto, com o passar do tempo, a modernidade foi sendo questionada. O que antes era visto como um caminho seguro para o progresso começou a ser contestado em sua eficácia e essência.



Fonte: Canva

Fonte: Canva

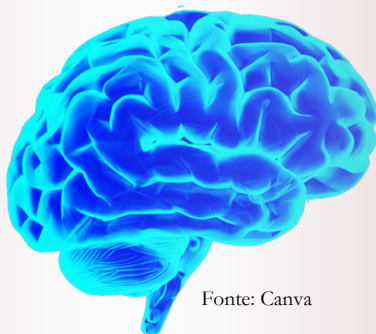




Fonte: Canva

A "primeira modernidade" apostava na ciência, no progresso e na autonomia do indivíduo. Jürgen Habermas descreve a modernidade como um "projeto inacabado", pois as promessas iluministas de emancipação e racionalidade ainda não se concretizaram plenamente.

“A modernidade, com suas promessas de progresso, racionalidade e emancipação, definiu o cenário intelectual e cultural por séculos. Ela trouxe consigo a crença no poder da razão, na ciência e na capacidade humana de transformar o mundo. A busca pela autonomia individual e a valorização da liberdade marcaram essa era.”



Fonte: Canva

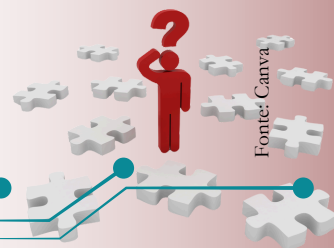




Filósofos como Theodor Adorno e Max Horkheimer alertaram para os perigos da modernidade, apontando que a racionalidade instrumental poderia ser usada para a opressão e o controle social. Essa perspectiva levou ao reconhecimento de uma "segunda modernidade", que introduziu uma nova fase no individualismo. Segundo Gilles Lipovetsky, essa fase é marcada pelo hiperindividualismo, em que o indivíduo busca não apenas autonomia, mas também a satisfação imediata de seus desejos pessoais.

Essa nova configuração do indivíduo está fortemente ligada ao consumo e à autoexpressão, em contraste com as sociedades industriais, nas quais a identidade era definida pelo trabalho e pela produção. Lipovetsky testemunhou as manifestações estudantis de 1968, que questionaram o capitalismo, a burocracia estatal e os valores tradicionais. Esse período é considerado um marco da transição entre a modernidade e a pós-modernidade, pois trouxe uma fragmentação das identidades e uma crescente complexidade social.

Fonte: Canva



Fonte: Canva

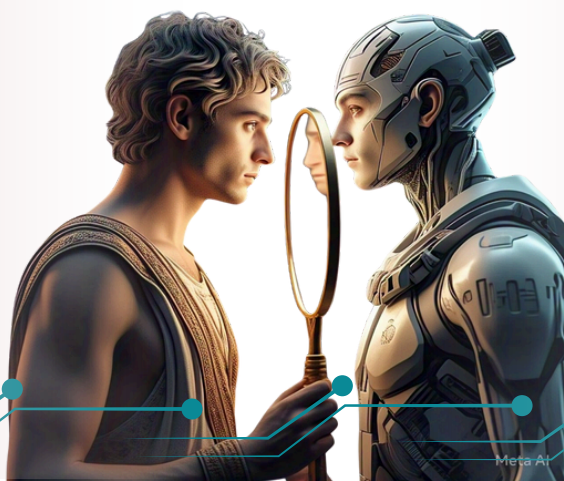


Fonte: Meta AI

Para Lipovetsky, a sociedade atual não é apenas pós-moderna, mas hipermoderna. A hipermodernidade não rompe com a modernidade, mas intensifica suas principais características. Se a modernidade acreditava no progresso e na razão, a hipermodernidade é marcada pela

proliferação tecnológica e pelo consumismo exacerbado. Nesse contexto, o indivíduo hipermoderno vive sob a "tirania do presente", pressionado pelo imediatismo e pelas exigências de um mundo globalizado e tecnologicamente avançado.

O hiperindivíduo contemporâneo, assim como Narciso da mitologia grega, está imerso em sua própria imagem e necessidades, priorizando sua realização pessoal em detrimento dos laços sociais. Dessa forma, a modernidade, que começou como um projeto de emancipação racional, passou por diversas transformações até chegar à hipermodernidade, uma era de paradoxos entre liberdade e alienação, autonomia e consumo.



Fonte: Meta AI



Pós- modernidade: desconstrução de identidades

Pós-modernidade: desconstrução de identidades

A pós-modernidade é um conceito amplo e multifacetado que surge como uma resposta crítica à modernidade. Os pensadores contemporâneos refletem sobre a sociedade a partir de diferentes pontos de vista, como o antropológico, o científico, o sociológico e o filosófico. A ideia principal é compreender o presente e suas complexidades.



Fonte: Meta AI

Neste contexto, discutiremos a desconstrução das identidades e a diversidade, abordando as reflexões de Lipovetsky.

A modernidade foi marcada por valores como a racionalidade, o progresso e a crença em verdades universais. No entanto, a pós-modernidade questiona essas ideias e propõe que as identidades não são naturais, mas sim construções sociais e históricas. Jean-François Lyotard, em sua obra "A Condição Pós-Moderna", afirma que "o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-moderna" (Lyotard, 1984, p. 3). Isso significa que o conhecimento deixa de ser visto como algo fixo e universal e passa a ser mais fragmentado e subjetivo.

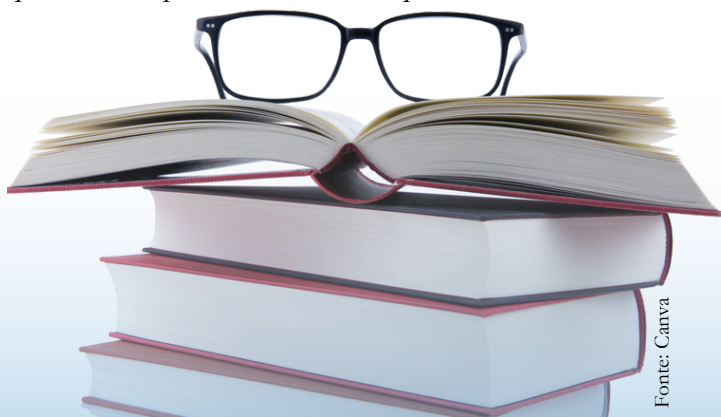
A pós-modernidade é um conceito amplo e multifacetado que surge como uma resposta crítica à modernidade. Os pensadores contemporâneos refletem sobre a sociedade a partir de diferentes pontos de vista, como o antropológico, o científico, o sociológico e o filosófico. A ideia principal é compreender o presente e suas complexidades. Neste contexto, discutiremos a desconstrução das identidades e a diversidade, abordando as reflexões de Lipovetsky.

A modernidade foi marcada por valores como a racionalidade, o progresso e a crença em verdades universais. No entanto, a pós-modernidade questiona essas ideias e propõe que as identidades não são naturais, mas sim construções sociais e históricas. Jean-François Lyotard, em sua obra:

“ **"A Condição Pós-Moderna", afirma que**
"o saber muda de estatuto ao mesmo
tempo em que as sociedades entram na
idade dita pós-moderna" (Lyotard, 1984,
p. 3). **”**

Isso significa que o conhecimento deixa de ser visto como algo fixo e universal e passa a ser mais fragmentado e subjetivo.

Essa mudança reflete o impacto das transformações sociais, culturais e tecnológicas sobre a forma como entendemos o mundo. A era pós-moderna valoriza múltiplas perspectivas, saberes locais e experiências individuais. Dessa forma, os modelos tradicionais de conhecimento são desafiados, incentivando o diálogo entre diferentes áreas do saber. Isso nos leva a refletir não apenas sobre o que sabemos, mas também sobre quem tem o poder de definir o que é válido ou não.



Essa transição também impacta a forma como as pessoas lidam com a identidade. Em um mundo onde as referências tradicionais se tornam menos estáveis, há uma busca por significado e segurança. O sociólogo Zygmunt Bauman usa o termo "modernidade líquida" para descrever essa realidade, onde as conexões entre indivíduos e culturas se tornam mais flexíveis e dinâmicas. Isso traz desafios, mas também abre espaço para inovação e criatividade.

A modernidade foi muitas vezes definida como uma ruptura com a tradição, priorizando o progresso científico, técnico e industrial, além da valorização da razão e do indivíduo. Já a pós-modernidade não representa um rompimento total com a modernidade, mas uma intensificação de algumas de suas características, como o avanço tecnológico e o individualismo. No entanto, ela também abre espaço para uma reflexão mais profunda sobre a desconstrução das normas e a diversidade cultural.

A arte é um exemplo claro dessa transição. O modernismo, surgido no início do século XX, rejeitava tradições e buscava inovação. Artistas modernistas promoviam a quebra com o passado e a experimentação de novas formas e estilos.



Entretanto, esse desejo de renovação contínua também levava à constante autocrítica, criando um paradoxo: ao negar tudo, inclusive a si mesmo, o modernismo se tornava instável e fragmentado.

A pós-modernidade, por sua vez, se caracteriza por um olhar crítico sobre essas promessas de progresso e inovação. Após a Segunda Guerra Mundial, surgiu um ceticismo em relação às grandes narrativas que sustentavam a modernidade. Eagleton (1996) descreve essa mudança ao afirmar que a pós-modernidade questiona conceitos como verdade, razão, identidade e objetividade. Para ele, esse período vê o mundo como algo instável, imprevisível e fragmentado, onde não há mais certezas absolutas.



Fonte: Um perfil da burguesia brasileira

Dentro desse cenário, Lipovetsky destaca a essência revolucionária do modernismo, especialmente sua crítica às normas burguesas e sociais. Para ele, os modernistas buscavam romper com convenções estabelecidas e viver com o máximo de intensidade, valorizando a liberdade individual. Esse pensamento influenciou diretamente a pós-modernidade, onde a ideia de identidade fixa se dissolveu e deu lugar a múltiplas possibilidades de expressão e pertencimento.



Fonte: Meta Ai

O conceito de "desconstrução" proposto por Jacques Derrida reforça essa ideia. Ele argumenta que nenhum significado é definitivo e que a interpretação da realidade é sempre múltipla e fluida. Esse pensamento se conecta com as ideias de Fredric Jameson, que descreve a fragmentação cultural como uma característica central do pós-modernismo. Para ele, a diversidade de vozes e perspectivas substitui uma única visão de mundo dominante.

Outro conceito importante é o "rizoma", apresentado por Deleuze e Guattari. Diferente da estrutura hierárquica e linear da modernidade, o rizoma simboliza uma rede interconectada, onde ideias e identidades se espalham sem um centro fixo. Esse pensamento dialoga com a visão de Bauman sobre a liquidez das relações sociais e identitárias na contemporaneidade.

Além disso, Meyrowitz (1999) aponta que, com a globalização e o avanço das tecnologias, as barreiras sociais, políticas e culturais se tornam cada vez mais permeáveis. Isso permite uma maior circulação de ideias e culturas, mas também gera desafios, como o enfraquecimento das identidades tradicionais.

Se a pós-modernidade já marcou uma ruptura com as certezas do passado, a hipermodernidade leva esse processo a um novo nível. Na sociedade hipermoderna, tudo é acelerado: o consumo, as relações sociais e até a forma como as pessoas constroem suas identidades. A busca por autenticidade e prazer se torna um dos pilares da existência, enquanto as emoções ganham um papel fundamental na definição do sujeito hipermoderno.

Assim, a pós-modernidade não significa simplesmente um rompimento com a modernidade, mas uma transformação profunda na forma como enxergamos o mundo. A desconstrução das identidades e a valorização da diversidade são alguns dos aspectos centrais dessa mudança, preparando o caminho para os desafios e oportunidades da hipermodernidade.

Neste ponto, exploraremos a visão de Gilles Lipovetsky sobre a hipermodernidade, que ele apresenta não como uma simples transição da modernidade para a pós-modernidade, mas como um aprofundamento e intensificação das características modernas. Seu pensamento nos ajuda a entender como essa nova configuração cultural impacta nossa forma de viver, pensar e nos relacionar, especialmente diante do consumo, da efemeridade e das novas relações sociais.



A modernidade, conforme destacam Marcondes (2004) e Touraine (1994), foi marcada pelo rompimento com a tradição e pela valorização da razão, do progresso e da autonomia do indivíduo. Essa ruptura levou a um mundo onde o ser humano se tornou protagonista da construção de seu próprio destino, guiado pelo conhecimento científico e pela racionalidade. Entretanto, como já discutido, a pós-modernidade trouxe questionamentos a essas certezas, colocando em xeque as narrativas totalizantes e promovendo a fragmentação dos valores.

Lipovetsky contribui para essa discussão ao apontar que a modernidade libertou o indivíduo das amarras da tradição e das autoridades externas, mas ao mesmo tempo gerou uma nova forma de alienação. Em um mundo cada vez mais marcado pelo consumo e pela busca por autenticidade, o sujeito moderno se vê constantemente influenciado por identidades pré-fabricadas e pela efemeridade das escolhas (Lipovetsky, 2005). Assim, enquanto a modernidade enaltece a razão e a autonomia, a hipermodernidade amplia essas tendências ao extremo, criando uma sociedade onde tudo se acelera e se intensifica.



Fonte: Canva, Por que as pessoas não têm tempo?

Um dos grandes desafios dessa nova era é a relação do indivíduo com o tempo. Lipovetsky descreve a hipermodernidade como uma sociedade dominada pela "tirania do presente", na qual a aceleração do consumo, da informação e das interações

sociais gera um sentimento de urgência constante (Lipovetsky, 2005). Esse fenômeno é estudado também por Hartmut Rosa (2013), que destaca como a velocidade cada vez maior afeta nossa percepção do mundo e de nossas próprias vidas.

Outro aspecto essencial da hipermodernidade é a insegurança e a sensação de vulnerabilidade. Se a pós-modernidade questionou as estruturas tradicionais, a hipermodernidade leva essa incerteza ao extremo. O hiperindivíduo vive em um estado de tensão, buscando segurança enquanto reconhece a instabilidade do mundo ao seu redor. Questões como a crise climática, a instabilidade econômica e os avanços das biotecnologias contribuem para esse sentimento de fragilidade (Lipovetsky, 2005).

Lipovetsky evita o termo "pós-modernidade" porque acredita que ele sugere uma ruptura com a modernidade, enquanto a hipermodernidade representa a exacerbação de seus valores. A cultura hipermoderna é caracterizada pelo excesso: excesso de consumo, de informação, de estímulos e de expectativas. A busca pela satisfação plena e imediata torna-se uma obsessão, impulsionada pela efemeridade e pela diversidade de opções disponíveis.



Fonte: Canva

Nesse sentido, a hipermodernidade é um reflexo da modernidade levada ao extremo, sem uma ruptura completa com seu passado, mas com uma aceleração de suas tendências. Enquanto a modernidade promovia a razão e a autonomia do sujeito, a hipermodernidade nos desafia a refletir sobre os impactos desse modelo em um mundo onde a velocidade, o consumo e a fragmentação das experiências se tornam predominantes.



**A
hipermodernidade
como
exacerbação da
modernidade**

A Hipermodernidade como Exacerbação da Modernidade

Vamos mergulhar em uma análise fascinante sobre como o pensador Gilles Lipovetsky interpreta a relação entre modernidade e pós-modernidade. Ele não vê essa transição como uma simples mudança de época, mas como uma nova configuração cultural que levanta questões importantes sobre ética, estética e política. Ao explorar suas obras, o objetivo é entender como Lipovetsky critica o hedonismo atual e propõe a construção de uma sociedade mais reflexiva e engajada. Além disso, vamos investigar como suas ideias ajudam a compreender a cultura do efêmero e as relações sociais no século XXI.

Marcondes (2004) e Touraine (1994) mostram que a modernidade é cheia de tensões. De um lado, há a valorização do indivíduo e da subjetividade; de outro, a busca por um conhecimento científico livre de tradições religiosas. Marcondes enfatiza o progresso como uma característica marcante, onde o novo é sempre celebrado, enquanto Touraine ressalta a complexidade de definir a modernidade, destacando sua libertação da teologia e a exploração da razão científica. Juntas, essas reflexões pintam um quadro da modernidade como uma era centrada no indivíduo e na razão, mas também cheia de incertezas e em busca de novos fundamentos éticos e epistemológicos.



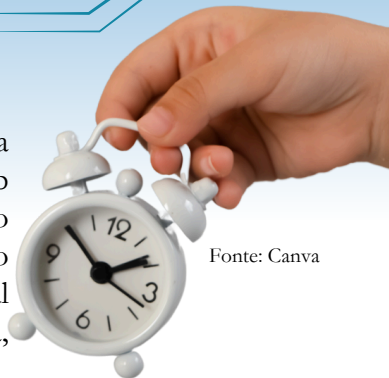
“ Lipovetsky também alerta para o paradoxo da liberdade moderna: em um mundo que exalta o individualismo, a identidade das pessoas fica vulnerável às influências do mercado e à efemeridade das escolhas. Ele nos convida a refletir sobre como a busca por autonomia em um contexto consumista pode obscurecer o sentido mais profundo da vida.”

Além disso, Lipovetsky explora o hiperindividualismo contemporâneo, que tem raízes na modernidade, mas atinge seu ápice na hipermodernidade. Ele critica a ideia de que a razão, tão celebrada no Iluminismo, é suficiente para garantir uma sociedade ética e justa. As tragédias do século XX, como as guerras mundiais e os regimes totalitários, mostram as limitações da razão e levaram a uma valorização das emoções. Nussbaum (2001) argumenta que as emoções são essenciais para a cognição moral e para a formação de um ser humano completo.

Lipovetsky prefere o termo "hipermodernidade" ao invés de "pós-modernidade", pois acredita que não houve uma superação da modernidade, mas sim uma exacerbação de suas tendências. A hipermodernidade é marcada pela aceleração do tempo, pelo excesso de individualismo e pelo domínio do consumismo e da tecnologia. Nessa era, o indivíduo vive em um ritmo frenético, buscando gratificação e reconhecimento constantes.

A tecnologia desempenha um papel central na hipermodernidade, criando uma sociedade onde as conexões humanas são cada vez mais frágeis e mediadas por dispositivos digitais. Bauman (2001) fala de uma "modernidade líquida", onde as relações são fluidas e efêmeras, o que ressoa com a visão de Lipovetsky sobre a hipermodernidade.

Outra característica da hipermodernidade é a relação com o tempo e o espaço. Vivemos sob a pressão de um presente absoluto, onde o futuro é incerto e o passado parece não oferecer respostas. Essa aceleração temporal afeta profundamente nossa percepção de vida, trabalho e lazer.



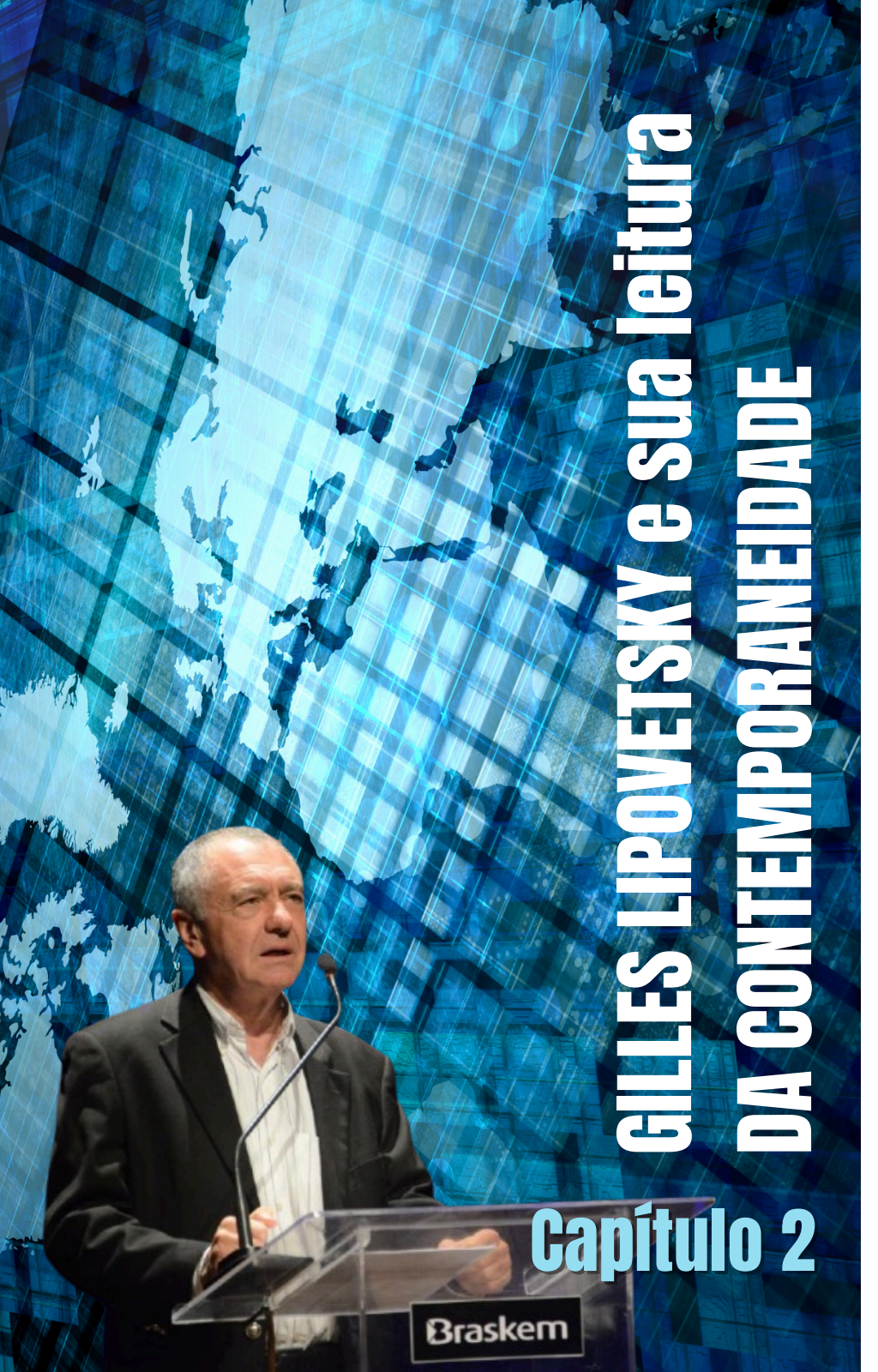
Fonte: Canva

A hipermodernidade traz consigo uma sensação de vulnerabilidade crescente. O "hiperindivíduo" vive em uma tensão constante entre a busca por segurança e o reconhecimento de que a estrutura social é volátil e incerta. Isso é amplificado por questões como a crise climática, a instabilidade econômica e o avanço das biotecnologias.

“
A hipermodernidade transforma o tempo e o espaço em realidades líquidas, onde o imediato e o efêmero se sobrepõem ao duradouro e ao estável”
(Bauman, 2000, p. 35).
”



Fonte: Canva



GILLES LIPOVETSKY e sua leitura DA CONTEMPORANEIDADE

Capítulo 2

Braskem

Gilles Lipovetsky é um pensador francês que dedica sua obra a analisar as transformações sociais, culturais e econômicas da contemporaneidade. Ele é conhecido por explorar temas como individualismo, consumismo, hedonismo e a aceleração da vida cotidiana, oferecendo uma visão crítica das contradições e paradoxos da sociedade atual, especialmente no contexto do capitalismo globalizado.



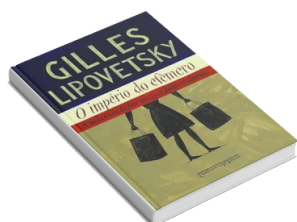
Fonte: Canva

Além de crítico da modernidade, Lipovetsky é um intérprete atento das nuances da vida contemporânea. Ele questiona a superficialidade das relações e o impacto do hiperconsumo na subjetividade, sugerindo que, apesar das crises e contradições, há espaço para resistência e reconstrução ética. Ele destaca a importância dos direitos humanos e da integridade intelectual como valores que podem desafiar a lógica dominante do mercado e do espetáculo.



Fonte: Canva

Lipovetsky nasceu em 1944, na França, e se formou em Filosofia pela Universidade de Grenoble, onde também lecionou. Ele recebeu o título de Doutor Honoris Causa de diversas universidades ao redor do mundo, incluindo Canadá, Bulgária, Portugal, México, Colômbia e Brasil. Como teórico da hipermodernidade e pós-modernidade, é referência nos estudos sobre moda e consumo, com uma vasta publicação que inclui obras como A Era do Vazio, O Império do Efêmero, O Crepúsculo do Dever, entre outras.



Império do Efêmero



A Era do Vazio



O Crepúsculo do Dever

Grande parte de sua obra está disponível em português, e suas ideias têm alcançado leitores em todo o mundo. Gilles Lipovetsky nos convida a refletir sobre as complexidades da vida contemporânea e seus desafios, inspirando estudiosos e leitores a compreenderem melhor o mundo em que vivemos. Inicialmente influenciado pelo pensamento marxista, Lipovetsky evoluiu para uma análise mais crítica do capitalismo, reconhecendo suas nuances, erros e acertos.

O autor já esteve várias vezes no Brasil e, em 2015, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Durante o 13º Seminário Internacional de Comunicação da PUCRS, ele se descreveu como um “aglutinador de pensamentos modernos”, alguém que aprende diariamente com especialistas.



Foto: Bruno Todeschini -
Ascom/PUCRS

© 2024 META PLATFORMS, INC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.



A
HIPERMODE
RNIDADE EM
QUESTÃO

Meta AI

Não por acaso, a hipermodernidade encontra na figura de Narciso seu arquétipo simbólico. Narciso, na mitologia grega, é o jovem que se encanta por sua própria imagem refletida na água, incapaz de desviar o olhar de si mesmo. Essa imagem ressoa profundamente com os valores centrais da era hipermoderna: o culto ao “eu”, a necessidade da pessoa “ser vista” e o investimento na aparência, que atingem novos níveis de intensidade. O “sujeito hipermoderno” faz com que cada pessoa, assim como Narciso, seja absorvida pela busca incessante por autoafirmação – dada pela visibilidade que é tomada como reconhecimento – fortemente mediada pelas tecnologias de imagem, redes sociais e pela lógica do consumo. Segundo Charles (2004), a pessoa na era hipermoderna exibe uma dualidade: ela busca procedimentos de rejuvenescimento e valoriza a estética, mas também demonstra responsabilidade e, por vezes, atitudes inconsequentes. Esse paradoxo caracteriza a individualidade como uma forma de exaltação e, ao mesmo tempo, um fardo.

O narcisismo contemporâneo se manifesta através da valorização extrema da individualidade, da autossatisfação e da projeção de uma identidade cuidadosamente pensada para ser apreciada pelo olhar dos outros. O eu hipermoderno é construído, promovido e exibido como um produto a ser consumido –

exatamente como as mercadorias que compõem a lógica do consumo desenfreado. No contexto hipermoderno, o objeto é valorizado mais pelos seus atributos do que pela sua função. A proliferação das redes sociais exemplifica isso claramente: a pessoa se torna simultaneamente criadora e consumidora de sua própria imagem, alimentando uma cultura de likes, seguidores e validação externa que espelha a obsessão de Narciso com seu reflexo (Lipovetsky, 2004).



Fonte: Meta AI

No entanto, essa busca por autoafirmação e visibilidade é acompanhada de uma fragilidade existencial. Assim como Narciso se perde, encantado com a sua imagem, a pessoa hipermoderna corre o risco de se perder em uma superficialidade narcísica, em que a profundidade das relações humanas e o sentido de comunidade são sacrificados em favor de um individualismo exacerbado e da necessidade de aprovação externa constante. Conforme Lipovetsky (2005), na hipermodernidade, o desejo de autenticidade transforma-se em uma constante atuação para satisfazer um público invisível, que dita a relevância da pessoa.

“Dessa forma, a autenticidade passa a ser guiada por expectativas externas, e a pessoa acaba presa a uma lógica que ela mesma contribuiu para estabelecer.”

O conceito de "individualismo paradoxal" se refere a uma dinâmica em que, ao mesmo tempo em que a pessoa é exaltada como um agente livre e autônomo, encontra-se mais fragmentada e vulnerável do que nunca em sua integridade existencial. Na modernidade, a ênfase na autonomia era parte de um projeto coletivo que buscava libertar o sujeito das amarras de dogmas religiosos, do controle social rígido e das tradições impositivas. A promessa de uma sociedade baseada na razão e nos direitos individuais fornecia uma base para o progresso social e para a realização pessoal.

Ao longo do século XX, porém, esse projeto se complica. A pessoa, em vez de se afirmar em uma comunidade baseada em valores compartilhados, encontra-se cada vez mais isolada e pressionada a gerir sozinha sua identidade e suas escolhas em um mundo fragmentado. A promessa de liberdade se transforma em uma exigência de autossuficiência, enquanto a igualdade se esvai diante de uma crescente competitividade e desigualdade, exacerbadas pela lógica do mercado globalizado e pelo consumismo.

Esse individualismo pós-moderno é paradoxal porque, ao mesmo tempo que exalta a liberdade, submete a pessoa a novas formas de dependência – como a necessidade constante de validação externa, o consumo desenfreado como forma de autoexpressão e a incapacidade de criar vínculos duradouros em um contexto no qual tudo é efêmero.

A busca pela autenticidade e pela realização pessoal, características centrais da modernidade, se convertem, na pós-modernidade, em uma performance incessante na qual o sujeito se vê aprisionado em uma necessidade de se reinventar e se adaptar às demandas do mercado e da imagem.



Fonte: Meta AI



Fonte: Canva

O “individualismo” aparece como um dos pilares centrais de suas análises. Lipovetsky (2007) examina como a autonomia e a liberdade pessoal – valores exaltados na modernidade – se intensificam na contemporaneidade a ponto de se tornarem paradoxais. O autor argumenta que, no contexto hipermoderno, ao mesmo tempo em que a pessoa conquista uma liberdade ampliada, ela se torna também mais vulnerável, imersa em um mundo em que as estruturas coletivas tradicionais – como a família, a comunidade e as instituições – perdem seu poder. Essa liberdade, embora desejada, gera um sentimento de insegurança, já que a pessoa hipermoderna precisa construir sua identidade em um contexto marcado pela fluidez e pela incerteza.

A individualização extrema é uma marca da hipermodernidade. O “sujeito” contemporâneo é, em muitos sentidos, mais livre do que nunca, mas essa liberdade é acompanhada por uma responsabilidade esmagadora, que encontra pessoas cada vez mais desprovidas de recursos para enfrentá-la. Na ausência de estruturas coletivas e normas fixas que orientem suas escolhas, a pessoa se encontra sozinha na tarefa de construir sua identidade, gerir suas emoções e definir seu próprio sentido de vida. A autonomia, que na modernidade foi vista como uma conquista, se torna, na hipermodernidade, uma fonte de angústia, uma vez que a pessoa é constantemente pressionada a se adaptar, a inovar e a performar em um cenário de constante mudança.

O “consumo” é outro tema importante em sua obra. Lipovetsky reflete sobre o papel central que o consumo assume na definição da identidade e das relações sociais. Na sociedade pós-industrial, o consumo deixa de ser um simples meio de suprir necessidades materiais e passa a ser um vetor de realização pessoal e de expressão de identidade. A busca por status, prazer e satisfação instantânea transforma o ato de consumir em uma prática cultural e existencial, o que reforça a superficialidade das relações e a efemeridade dos valores (Lipovetsky, 2009).



Fonte: Canva



A “globalização” também é uma questão relevante no pensamento de Lipovetsky. Ele examina como o processo de globalização afeta as culturas locais e a identidade individual. A globalização cria um paradoxo: ela promove a conectividade global e a homogeneização de práticas culturais, ao mesmo tempo em que exacerba as desigualdades e a fragmentação social. Traz consigo a promessa de progresso e inovação, mas também gera alienação, ao desarraigar o indivíduo de contextos sociais e culturais que antes conferiam sentido e coesão (Lipovetsky, 2010).

Na “sociedade pós-industrial”, Lipovetsky examina a transição de uma economia centrada na produção industrial para uma economia baseada em serviços, tecnologia e consumo. Nesse novo cenário, o trabalho, o lazer e o consumo tornam-se elementos centrais na vida do indivíduo, redefinindo suas prioridades e seus objetivos de vida. A identidade passa a ser construída não mais em torno do trabalho produtivo ou da classe social, mas em torno das escolhas de consumo, da performance individual e do estilo de vida (Lipovetsky, 2004).

“

Lipovetsky explora como essas grandes transformações, o individualismo exacerbado, consumismo desenfreado, globalização, fluidez das instituições e a transição para uma sociedade pós-industrial afetam profundamente a forma como a pessoa constrói sua identidade, interage com o mundo e encontra (ou perde) sentido em sua existência. Seu trabalho nos convida a uma reflexão crítica sobre as condições que definem a vida contemporânea, apontando para os desafios éticos e existenciais que emergem nesse contexto.

”

Além de Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman e Jean Baudrillard também se destacam na exploração das dinâmicas da hipermodernidade. Esses três pensadores, embora com abordagens distintas, convergem na análise das complexidades e paradoxos que definem a contemporaneidade. Suas reflexões conjuntas oferecem um panorama rico e multifacetado das transformações sociais, culturais e econômicas que moldam a vida no presente.

Zygmunt Bauman e a “Modernidade Líquida”

Zygmunt Bauman, com seu conceito de “modernidade líquida”, complementa a visão de Lipovetsky ao enfatizar a fluidez das relações sociais, políticas e econômicas na era hipermoderna. Para Bauman (2001), a liquidez contemporânea reflete a transitoriedade e a fragilidade das instituições e identidades, em contraste com a solidez que caracterizou a modernidade. A pessoa, diante dessa liquidez, vive em um estado de constante adaptação, o que gera insegurança e precariedade. Sua análise foca na dissolução de estruturas tradicionais, como família, comunidade e trabalho, revelando como a pessoa é forçada a navegar em um mundo no qual as certezas são efêmeras e as responsabilidades pessoais crescentes.

Jean Baudrillard e a Crítica à “Hiper-realidade”

Jean Baudrillard, por sua vez, contribui com uma crítica à sociedade do espetáculo e à “hiper-realidade”, conceitos que exploram a simulação e a superficialidade que dominam a cultura contemporânea. Para Baudrillard (1981), vivemos a substituição da realidade pelas simulações. Neste caso, os signos e as imagens têm mais poder do que a própria realidade. Em uma era de consumo massivo de imagens e símbolos, os indivíduos se encontram em um mundo de aparências, no qual a distinção entre o real e o imaginário se torna cada vez mais tênue. Sua análise do consumo e da cultura midiática está em sintonia com a crítica de Lipovetsky ao consumismo, ao mesmo tempo em que aprofunda a compreensão das consequências psicológicas e sociais de viver em uma era saturada por simulações.

Juntos, Lipovetsky, Bauman e Baudrillard formam um trio de pensadores que nos ajudam a decifrar os paradoxos e desafios da hipermodernidade. Eles revelam que, embora vivamos em uma era de liberdade individual sem precedentes, essa liberdade é acompanhada por uma fragilidade existencial e por um vazio de sentido. O sujeito hipermoderno, ao buscar sua identidade através do consumo e da imagem, é ao mesmo tempo livre e prisioneiro de uma sociedade que oferece infinitas escolhas, mas poucas direções. Ao explorar o impacto da cultura do consumo e do espetáculo (Lipovetsky), a fluidez das relações (Bauman) e a prevalência da simulação sobre a realidade (Baudrillard), esses pensadores nos convidam a refletir criticamente sobre as implicações éticas, sociais e políticas da vida contemporânea. A contribuição deles não é apenas diagnóstica; eles também nos incitam a questionar as normas e valores que orientam nossa existência na hipermodernidade, desafiando-nos a encontrar novas formas de resistência e de significado em um mundo dominado pelo efêmero e pelo superficial.

Os Estágios do Capitalismo de Consumo

Para Lipovetsky (2004; 2007), a passagem da modernidade para a pós-modernidade se dá a partir da segunda metade do século XX. Para ilustrar como esse processo se desenrolou, o filósofo francês divide o capitalismo de consumo em três fases distintas. Cada uma dessas fases representa um momento específico na história do capitalismo, marcando mudanças profundas na relação entre produção, consumo e cultura. A primeira fase é o capitalismo “industrial” clássico, que emergiu no século XIX e se consolidou no início do século XX. Essa fase é caracterizada pela produção em massa e pela ênfase no trabalho como base da identidade social e da prosperidade econômica. O consumo, nesse período, era basicamente uma consequência da produção e limitado por padrões de renda relativamente estáveis.

Fonte: Canva



Fonte: Carva

Ao se referir às grandes lojas de departamento (magazines) como o Printemps e Le Bon Marché, na França, e Macy's e Bloomingdale's nos Estados Unidos, destaca a importância dessas instituições na consolidação da cultura de consumo desde o final do século XIX.

Cantuário (2022) destaca que essa fase representa uma modificação significativa na maneira de consumir porque é quando as “marcas” passam a estampar os produtos, carregando a ideia de qualidade e cobrando fidelidade. Inserem-se também nessa fase os grandes Magazines, que para Baudrillard se corporificam não no shopping center, mas na drugstore; o shopping é mais um lugar de apreciação que de consumo.

Os grandes magazines são marcos históricos na transformação da economia e da cultura, pois introduzem o consumo em massa em um ambiente projetado para despertar o desejo e o fascínio. Eles são mais do que meros pontos de venda: são lugares nos quais o consumidor é seduzido pela abundância de produtos e pela experiência de comprar, sendo pioneiros naquilo que mais tarde se tornaria o ambiente hipermoderno do shopping center, que enfatiza o consumo como lazer e também espetáculo, um lugar não só de consumo mas de apreciação da cultura do consumo.

A Evolução do Consumo e o Surgimento da Hipermodernidade

A segunda fase teria início na década de 1950, estendendo-se por aproximadamente três décadas, marcada pela produção e pelo consumo em massa. Portanto, em larga escala, deixando o consumo de ser um privilégio restrito a uma única classe social. Nela, diz Lipovetsky (2007), o foco muda para o consumidor. A partir da metade do século XX, especialmente no período após Segunda Guerra Mundial, o consumo se torna o motor da economia. Produtos são fabricados não apenas para atender às necessidades básicas, mas para satisfazer desejos, promover estilos de vida e criar identidades. As empresas começam a se concentrar mais no marketing e na criação de demandas, estimulando o desejo de novidade e a gratificação imediata.

O filósofo usa a expressão “sociedade da abundância” (Lipovetsky, 2007, p. 32) para caracterizar essa fase, entendendo-a como a expressão própria da sociedade do consumo de massa. Lipovetsky (2004) afirma que a emergência da sociedade de massa deriva da ampliação da produtividade da indústria, graças aos modelos racionais

de produção em série, como o taylorismo e o fordismo para ampliar as condições de oferta de mercadorias e atender as “necessidades” de consumo.



Dessa maneira, observa-se a importância do modelo taylorista-fordista na formação da sociedade de consumo de massa durante a segunda fase do capitalismo. Esse modelo, caracterizado pela especialização do trabalho, padronização dos produtos e automatização dos processos produtivos, permitiu um aumento expressivo na produtividade e nos salários, especialmente no período de 1950 a

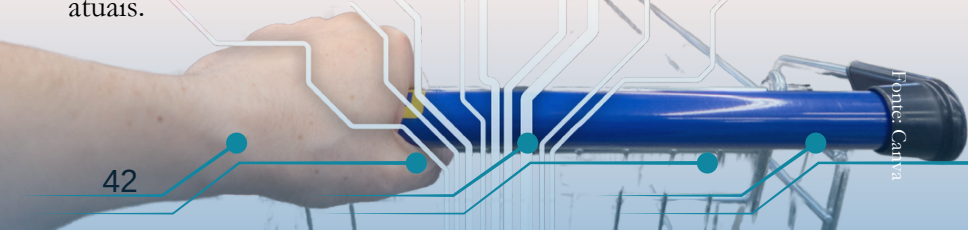


Fonte: Canva

1973. A "lógica da quantidade" tornou-se o princípio dominante nas indústrias. A produção em larga escala de bens padronizados atendia à crescente demanda de consumo de uma sociedade em transformação. Esse processo possibilitou o acesso ao consumo para grandes parcelas da população como motor do crescimento econômico.

A Terceira Fase: A Hipermodernidade e o Hiperconsumo

Por fim, é chegada a terceira fase, que corresponde à "hipermodernidade", que se expressa na intensificação dessas dinâmicas. O consumo deixa de ser apenas uma prática econômica ou social, configura-se como uma ideologia cultural dominante. O capitalismo hipermoderno é caracterizado pela saturação do mercado com uma quantidade infinita de bens e serviços, pela busca incessante por inovação e pela mercantilização de todas as esferas da vida, desde a saúde até as relações pessoais. Nesse contexto, o consumo não é mais apenas uma questão de status ou de identidade, mas uma exigência existencial. O "sujeito hipermoderno" é, em grande medida, moldado pelo desejo de consumir, em que a satisfação pessoal é mediada pelo acesso a bens e experiências. A terceira fase do consumismo tem início na década de 1980 e se estende até os dias atuais.



Fonte: Canva

Nessa fase, conhecida como a era do "hiper", todas as dinâmicas sociais e culturais são intensificadas a níveis extremos. O "narcisismo" transforma-se em hipernarcisismo, situação em que o foco no eu e na autoimagem se torna obsessivo, amplificado pelas mídias sociais e pela cultura da performance.

O "consumo" deixa de ser apenas um ato econômico para se tornar hiperconsumo, uma prática incessante e desmedida, que atravessa todas as esferas da vida e promove a mercantilização até de experiências e emoções. Diluem-se as fronteiras entre a esfera pública e a esfera privada com a crescente espetacularização da intimidade como uma nova forma de reconhecimento externo da subjetividade.



Fonte: Canva



Fonte: Canva

O tempo, na hipermodernidade, é acelerado; o imediatismo e a busca por gratificação instantânea dominam o comportamento individual e coletivo. O hiperindividualismo e a hiperconectividade coexistem com uma sensação de incerteza e ansiedade, resultando em uma sociedade em que os limites tradicionais entre o público e o privado, o real e o virtual, são constantemente desafiados e redefinidos.

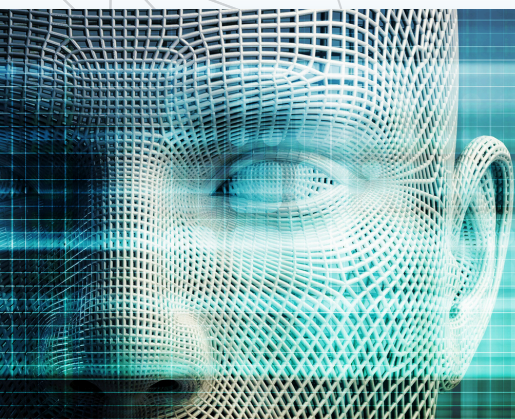
Essa divisão proposta pelo filósofo francês nos permite entender como o capitalismo evoluiu de uma economia focada na produção para uma cultura centrada no consumo. Ela revela como o consumismo não apenas transforma a economia, mas também molda profundamente a subjetividade e as relações sociais, criando formas de alienação e satisfação na busca do prazer imediato. Além disso,

Lipovetsky observa que a hipermodernidade não é apenas uma fase cultural, mas também uma condição existencial que impacta profundamente a subjetividade contemporânea. Essa hipermodernidade é

“uma sociedade liberal caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, desvinculada como nunca dos grandes princípios estruturantes da modernidade” (Charles, 2004, p. 26).

Lipovetsky vê que, “apesar de a pós-modernidade anunciar a ideia do depois de, esse pós- ainda olha para trás, para aquilo que já está ultrapassado, morto desde as origens. Para o autor:

“[...] o rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia” (Lipovetsky; Charles, 2004, p. 52). Por sua vez, o hiper aponta para a frente, uma modernidade elevada ao superlativo, sinalizada pelo excesso (Lipovetsky, 2004, p. 51).



Na era do hiperconsumo, a mercadoria perde sua função simbólica tradicional, como uma ferramenta de distinção social, e passa a servir principalmente à satisfação de desejos individuais e efêmeros. O foco se desloca para o prazer pessoal e a gratificação imediata, criando uma "civilização do hiperconsumo" na qual o individualismo extremo reina soberano e o ciclo de consumo nunca cessa, refletindo um modo de vida centrado no excesso e na acumulação.

“ O filósofo conclui dizendo: “não há mais escolha, nenhuma outra alternativa senão evoluir, acelerar a mobilidade para não ser ultrapassado pela ‘evolução’” (Lipovetsky, 2004, p. 55).

Em síntese, a hipermodernidade, conforme delineada por Lipovetsky, é um conceito que sintetiza a complexidade do mundo contemporâneo, refletindo uma continuidade e uma ruptura em relação à modernidade e à pós-modernidade.

Ao abordar as dinâmicas da sociedade de consumo, a efemeridade das relações e a precariedade das identidades, Lipovetsky convida à reflexão sobre as implicações éticas e existenciais dessa nova era. O desafio consiste em entender como, em meio a essa aceleração e fragmentação, é possível buscar sentido, construção de comunidades e formas de vida que resgatem a profundidade da experiência humana. Assim, a hipermodernidade se apresenta não apenas como um diagnóstico, mas como um convite a uma nova maneira de pensar e viver, na qual a reflexão crítica se torna essencial para navegar nas complexidades do presente.

A afirmação de que o rótulo pós-moderno "ganhou rugas" sugere que ele se tornou obsoleto diante da necessidade de um novo paradigma, que Lipovetsky chama de hipermodernidade. Essa nova fase busca captar as complexidades da era contemporânea, na qual a tecnologia, a globalização e a ética se entrelaçam de maneiras que desafiam a compreensão tradicional da sociedade.

Em última instância, o hiperconsumo reflete uma tentativa de substituir o que foi proporcionado por narrativas estruturantes da modernidade. No entanto, à medida que a promessa de plenitude existencial através do consumo se revela ilusória, o “sujeito hipermoderno” se vê diante de um abismo: sem os grandes ideais do passado, a vida se organiza em torno de satisfações fugazes que, paradoxalmente, reforçam o sentimento de vazio. Essa parece ser a grande questão do presente, ou seja, a complexidade e a abundância coexistem com a perda de um sentido profundo. O consumo se tornou uma prática cultural que ultrapassa o mero ato de compra: é uma maneira de viver e se relacionar com o mundo.

Um dos grandes paradoxos da hipermodernidade reside na coexistência, aparentemente contraditória, entre o hedonismo e a responsabilidade individual. Por um lado, o modo de viver típico da hipermodernidade promove a busca incessante pelo prazer e pela satisfação pessoal, com um foco exacerbado no consumo, nas experiências sensoriais e na realização imediata dos desejos. Por outro lado, essa mesma sociedade exige uma crescente responsabilidade individual. No contexto hipermoderno, a pessoa é chamada não apenas a desfrutar de suas escolhas, mas também a responder por elas.



Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem de uma pessoa dividida ao meio, onde de um lado ela estará feliz com várias compras e no outro lado a mesma pessoa refletindo.

A hipermodernidade como era do vazio



Meta AI 00101010

**"A hipermodernidade, com sua incessante busca por inovação e consumo desenfreado, nos mergulha em uma era do vazio, onde a superficialidade das conexões e a efemeridade das experiências substituem a profundidade e o sentido."
(SOUZA, 2025)**

A Hipermodernidade como Era do Vazio

A hipermodernidade, como já discutimos, surge no final do século XX e se consolida no início do XXI como uma aceleração extrema dos processos da modernidade. Ou seja, não apenas dá continuidade a essas transformações, mas as intensifica de maneira radical. Dentro desse cenário, o filósofo Gilles Lipovetsky cunhou o termo "era do vazio" para descrever uma sociedade marcada pela superficialidade, pela dissolução dos valores coletivos e pelo esvaziamento das experiências humanas. O indivíduo, nesse contexto, se vê obrigado a buscar um sentido para sua existência em um mundo que, na maior parte das vezes, oferece apenas ilusões de felicidade.

Esse vazio existencial é um dos efeitos diretos da hipermodernidade. As promessas de liberdade e realização pessoal, que pareciam ser grandes conquistas da modernidade, agora se traduzem em sentimentos de alienação, ansiedade e desorientação. Vivemos em uma sociedade fragmentada, onde a avalanche de informações e o consumo desenfreado criam a sensação de que sempre falta algo. A chamada "era do vazio" não significa que vivemos sem ação ou movimento, mas sim que somos soterrados por um excesso: de opções, de estímulos, de cobranças. O paradoxo é que, quanto mais temos, mais sentimos que algo essencial nos escapa.

“

"[...] estamos menos carregados e mais livres, mais lúcidos e menos dependentes, mais exigentes e menos submissos, mais flexíveis e menos engessados por engrenagens de poder em nome de verdades que se apresentavam como transcendentais ou universais, embora não passassem de formas locais de controle" (Silva, 2005, p. X).

”

Pensar a hipermodernidade como uma "era do vazio" nos leva a refletir sobre as contradições da vida contemporânea. Nunca tivemos tanto acesso à informação, ao consumo e às possibilidades tecnológicas. No entanto, essa abundância não se reflete em mais felicidade ou em uma vida com mais propósito. Pelo contrário, parece que, quanto mais opções temos, maior se torna nossa sensação de insatisfação. Essa é uma das grandes ironias da hipermodernidade: ao invés de nos levar à felicidade, a busca incessante por satisfação parece criar um ciclo infinito de frustração.

Fonte: Cànva



O "sujeito hipermoderno", ao se afastar das estruturas tradicionais de significado, como religião, comunidade e valores herdados, se vê constantemente tentando se reinventar. A liberdade de se tornar quem quiser pode parecer atraente, mas também carrega uma pressão esmagadora: a necessidade de corresponder a padrões que estão sempre mudando. Assim, vivemos uma inquietação constante. O vazio não surge pela falta de experiências, mas pela superficialidade e pela efemeridade delas.

Por outro lado, essa mesma era do vazio pode abrir espaço para novas formas de sentido e resistência. Ainda que a busca por autenticidade seja fragmentada e fluida, há sinais de que as pessoas estão tentando resgatar alguma profundidade em suas relações e experiências. Algumas fazem isso por meio de práticas espirituais alternativas, outras ao retomarem valores comunitários ou adotarem um estilo de vida mais desacelerado e consciente. Mesmo dentro de um cenário de consumo e superficialidade, a necessidade humana por significado ainda se manifesta.



Fonte: Cànva



Fonte: Canva

Lipovetsky (2005) apresenta dois conceitos fundamentais para entender essa nova realidade: o processo de personalização e o narcisismo. O primeiro refere-se à valorização extrema do indivíduo e à construção da identidade pessoal como elemento central da vida social. Diferente do passado, onde os papéis sociais eram mais rígidos, hoje cada pessoa é incentivada a construir e reconstruir sua identidade de acordo com suas próprias escolhas e desejos. O

segundo conceito, o narcisismo, reflete essa nova lógica: o indivíduo se volta para si mesmo, priorizando sua realização pessoal e seu bem-estar acima de compromissos coletivos.

Na sociedade atual, essa ênfase no "eu" pode ser vista de maneira ambígua. Por um lado, há maior liberdade para a expressão individual, menos repressão e mais flexibilidade. Por outro, essa busca incessante por personalização pode levar ao isolamento e a uma cultura de comparação constante, onde cada um se vê como um projeto inacabado, tentando atender a padrões inatingíveis de sucesso e felicidade. O ideal de transformar o mundo cede lugar ao ideal de transformar a própria vida, moldando-a de acordo com desejos individuais e projeções de status social.



Fonte: Canva

Lipovetsky nos alerta que esse narcisismo contemporâneo não é apenas uma questão de vaidade, mas uma mudança profunda na forma como nos relacionamos com o mundo. As grandes narrativas coletivas do passado, como religiões, ideologias políticas e movimentos sociais, perdem força diante da busca individual por realização.



Fonte: Canva

No entanto, essa autonomia extrema pode nos desconectar de um sentido maior e coletivo. A "era do vazio", portanto, não é marcada pela falta de bens ou conforto, mas pela ausência de propósito e conexão genuína.



Fonte: Canva

Diante desse cenário, o grande desafio da hipermodernidade é encontrar um equilíbrio entre a liberdade individual e a necessidade de pertencimento. Como podemos construir vidas com significado em meio a tanta fragmentação? Como evitar que o excesso de opções nos paralise ou nos faça sentir constantemente insuficientes? São essas as questões centrais que a "era do vazio" nos obriga a enfrentar. Lipovetsky sugere que, apesar de tudo, ainda há espaço para reinventarmos formas de viver que sejam mais autênticas e conectadas, resgatando um sentido mais profundo em meio ao caos da hipermodernidade.



Fonte: Canva

Hipermodernidade, Moda e Consumismo: A Ética Indolor numa Era de Prazer sem Culpa

The image features a central glowing blue circuit board graphic. The word "Ethics" is written in a white, serif font inside a rounded rectangular box that is part of the circuit. The circuit lines radiate outwards from this central box, creating a sense of connectivity and digital flow. The background is dark, making the glowing blue lines stand out prominently.

Ethics

Hipermodernidade, Moda e Consumismo: A Ética Indolor numa Era de Prazer sem Culpa

Na sociedade contemporânea, moda, consumismo e hedonismo são elementos centrais que vão muito além das escolhas diárias: eles moldam subjetividades e valores éticos. O mundo atual está fortemente voltado para a satisfação imediata e o prazer individual, promovendo uma “ética indolor”. Mas o que isso significa? Não se trata de eliminar o sofrimento físico, mas sim de evitar qualquer tipo de renúncia ou desconforto, seja ele moral, social ou existencial. Vivemos uma cultura onde o prazer efêmera e o consumo constante tomam o lugar de reflexões mais profundas sobre responsabilidade e sacrifício.



Fonte: Canva

Em contraste com essa visão, Immanuel Kant argumentava que a verdadeira liberdade não está em simplesmente seguir os impulsos e desejos, mas em desenvolver o autodomínio. Para Kant, ser livre não significa fazer tudo o que se quer, mas sim ter controle sobre a própria

vontade e assumir responsabilidade pelas escolhas. Esse ideal, no entanto, parece perder espaço em uma sociedade onde a satisfação rápida se tornou uma prioridade.

A moda tem um papel crucial nesse cenário. Mais do que uma questão estética, ela é um meio de expressão de identidade e um reflexo das tendências hedonistas da sociedade de consumo. Hoje, vestir-se não é apenas cobrir o corpo, mas sim comunicar status, emoções e pertencer a determinados grupos sociais. O efêmero é valorizado, e a constante busca por novidades faz com que o transitório se torne permanente.



Fonte: Canva

Entretanto, essa exaltação do prazer através do consumo traz implicações éticas importantes. A “ética indolor”, conceito desenvolvido por Lipovetsky (2007), evita questionamentos mais profundos sobre a existência, a responsabilidade e o impacto das ações individuais no coletivo. Assim, moda, consumismo e hedonismo não são apenas fenômenos isolados, mas fazem parte de um modelo de vida onde a experiência individual é altamente valorizada, enquanto dilemas éticos mais complexos são minimizados.

Lipovetsky ressalta que o capitalismo de consumo não é apenas um sistema econômico, mas uma construção social e cultural. Segundo ele:

“O capitalismo de consumo não poderia existir sem uma estrutura social que promova o desejo de consumir como um caminho de realização pessoal. A publicidade, os meios de comunicação e o sistema educacional desempenham papéis fundamentais nesse processo, educando o consumidor para acreditar que a felicidade e o sucesso estão diretamente ligados à aquisição de bens materiais”
(Lipovetsky, 2007, p. 134).



Fonte: Canva

A cultura do consumo vai além da simples venda de produtos: ela cria desejos, novas formas de consumo e diferentes relações com os bens materiais. A ideia de “empreendedorismo” e “inovação”, por exemplo, se insere nessa lógica, onde o mercado não apenas atende necessidades, mas as antecipa e molda, muitas vezes antes mesmo de o público perceber que deseja algo (Lipovetsky, 2005).

cultura do consumo



A cultura do consumo vai além da simples venda de produtos: ela cria desejos, novas formas de consumo e diferentes relações com os bens materiais.

A ideia de “empreendedorismo” e “inovação”, por exemplo, se insere nessa lógica, onde o mercado não apenas atende necessidades, mas as antecipa e

molda, muitas vezes antes mesmo de o público perceber que deseja algo (Lipovetsky, 2005).

Esse processo está intimamente ligado à criação de marcas e estilos de vida. Os produtos deixam de ser consumidos apenas por sua utilidade e passam a ter um valor simbólico. Jean Baudrillard expressa essa ideia ao afirmar:

Fonte: Canva

“

"O consumo deixou de ser simplesmente um meio de atender a necessidades básicas. Ele se transformou em uma prática cultural e simbólica, onde os objetos são consumidos não por sua utilidade, mas por sua capacidade de representar status, identidade e pertencimento a um grupo social" (Baudrillard, 1981, p. 45).

”

Fonte: Canva



Objeto de necessidade,

Dessa forma, o capitalismo de consumo transcende a economia e se torna um modelo cultural, onde valores e significados são definidos pelo ato de consumir.

Fonte: Canva



Objeto de status?



Fonte: Canva

A publicidade e as estratégias de marketing desempenham um papel essencial nesse ciclo, analisando comportamentos e criando condições para estimular o desejo de consumir constantemente. Lipovetsky destaca que esse sistema não é algo natural ou inevitável, mas sim um resultado da construção social e cultural que transforma indivíduos em consumidores.



Fonte: Canva

A “ética indolor” surge desse contexto, baseada na busca incessante pelo prazer imediato e na redução do desconforto moral. Ao transformar o hedonismo em um valor central, o capitalismo de consumo torna a satisfação pessoal uma espécie de imperativo ético, onde qualquer sofrimento ou sacrifício deve ser evitado (Lipovetsky, 2007). Esse modelo reflete e reforça uma sociedade guiada pela lógica do consumo e da gratificação instantânea.

Dentro dessa dinâmica, a moda exemplifica de maneira clara a relação entre consumismo e hedonismo. Por meio dela, as pessoas expressam quem são (ou quem gostariam de ser), sempre buscando novidades e prazeres estéticos. Lipovetsky resume esse fenômeno ao afirmar:

“A moda, ao promover a constante busca pela novidade, reflete o ritmo acelerado do capitalismo de consumo, onde o prazer e a satisfação são continuamente prometidos, mas raramente realizados de forma duradoura. A cada estação, novos desejos são criados, novos produtos são oferecidos, e o ciclo de consumo se reinicia, perpetuando a lógica do prazer efêmero” (Lipovetsky, 1987, p. 78).”

Essa hipermodernidade redefine as prioridades da sociedade. O desejo de transformação social é substituído pela gratificação imediata, a individualização e o entretenimento. As grandes lutas coletivas perdem espaço para uma cultura focada no bem-estar pessoal, onde o consumo e o lazer se tornam mais atrativos do que mudanças estruturais.

Até mesmo a política passa por essa transformação. As ideologias que antes inspiravam ação revolucionária dão lugar a uma certa apatia, pois o conforto pessoal — muitas vezes viabilizado pelo crédito e pelo consumo — anula a necessidade de questionar o sistema. Como Lipovetsky (2005) observa, o desejo de revolução foi substituído pela promessa de participação no mercado de consumo.



Fonte: Canva

Vivemos, assim, em uma sociedade que busca o prazer acima de tudo, mas às vezes evita reflexões mais profundas sobre suas próprias dinâmicas. A moda, o consumo e o hedonismo são apenas expressões desse fenômeno mais amplo, no qual o efêmero reina soberano e o imediatismo se torna um valor absoluto.



Fonte: Canva

Esse novo cenário levanta questões éticas e existenciais: será que essa busca incessante pelo conforto e lazer, deixando de lado valores coletivos e transformadores, pode tornar a sociedade ainda mais individualista e alienada? O lazer, por si só, não é um problema, mas quando o engajamento social é trocado exclusivamente pelo prazer pessoal, surge o risco de uma sociedade fragmentada, menos preocupada com justiça social, igualdade e solidariedade. A vida social passa a girar,



Fonte: Canva

“

"[...] em torno do projeto de criar um cotidiano confortável e fácil, sinônimo de felicidade [...] há também todo um ambiente de estimulação dos desejos, a euforia publicitária, a imagem luxuriante de férias, a sexualização dos símbolos e dos corpos" (Lipovetsky, 2005; p. 30-31).

”

No fim, o que triunfa é a valorização dos prazeres momentâneos.



Fonte: Canva

Lipovetsky faz uma crítica ao que poderíamos chamar de "alienação contemporânea". A promessa de um "melhor-viver" pode ser uma armadilha que perpetua a insatisfação: o prazer no consumo é fugaz, sendo rapidamente substituído pela necessidade de adquirir algo novo. O ciclo de desejar, consumir e desejar de novo é infinito e, muitas vezes, sem um propósito maior.



Fonte: Canva

A "sociedade de hiperconsumo" nos faz questionar o que realmente significa liberdade e realização. O capitalismo moderno vende a ideia de que consumir é o caminho para a felicidade, tornando os indivíduos dependentes de um mercado que constantemente cria e manipula desejos. Nesse sentido, o conceito de "fetichismo da mercadoria", de Karl Marx (2013), se aplica perfeitamente. Os produtos não são valorizados apenas por

sua utilidade, mas pelo simbolismo que carregam. O que consumimos não é apenas um objeto, mas uma imagem, uma promessa de status, identidade e pertencimento.

Esse "fetiche" dos objetos se manifesta na forma como marcas e produtos são transformados em ícones. Um exemplo clássico são os itens de luxo: seu valor real não está apenas na qualidade, mas no que representam – sucesso, exclusividade e poder. A publicidade e o branding são fundamentais para criar essa aura de desejo ao redor dos produtos, fazendo com que as pessoas busquem não só o item em si, mas o significado que ele carrega. Como Volli destaca:



Fonte: Canva



Fonte: Canva

“ [...] os fetiches são o modo como uma sociedade (ou um indivíduo) investe de valor uma coisa, atribuindo-lhe uma síntese de princípios heterogêneos, por exemplo, princípios morais, espirituais, eróticos" (2006, p. 178-179).

”

Lipovetsky pontua essa contradição no consumo contemporâneo:

“

[...] por um lado, o hiperconsumidor deseja cada vez mais espetáculos desmesurados, mais artefatos inauditos, mais estimulações hiper-reais; por outro lado, anseia por um mundo íntimo ou ‘verdadeiro’ que se identifique com ele” (Lipovetsky, 2007; p. 57).

”

Esse paradoxo reflete a dualidade do hiperconsumo: enquanto buscamos experiências grandiosas e estimulantes, também ansiamos por algo mais autêntico e significativo.

A "civilização do bem-estar consumista" redefiniu a moralidade, substituindo antigas obrigações e sacrifícios pela busca incessante do prazer. A publicidade desempenha um papel essencial nesse processo, erotizando produtos, criando atmosferas de sonho e estimulando constantemente novos desejos. As lojas deixam de ser meros pontos de venda e se tornam experiências sensoriais, transformando o ato de comprar em algo prazeroso e envolvente.



Nesse cenário, Lipovetsky introduz o conceito de "consumo emocional", que não se limita a produtos e ambientes sensoriais. Ele reflete a mudança no comportamento dos consumidores, que agora não buscam apenas a conformidade social, mas sensações e bem-estar subjetivo. O consumo se tornou uma forma de expressão pessoal e um caminho para o prazer individual.

Nesse cenário, Lipovetsky introduz o conceito de "consumo emocional", que não se limita a produtos e ambientes sensoriais. Ele reflete a mudança no comportamento dos consumidores, que agora não buscam apenas a conformidade social, mas sensações e bem-estar subjetivo. O consumo se tornou uma forma de expressão pessoal e um caminho para o prazer individual.



Fonte: Canva

A "ética indolor", que caracteriza essa era de prazer sem culpa, marca o afastamento de valores tradicionais e a adoção de uma moralidade focada no bem-estar individual e na negação do desconforto. O capitalismo de consumo, ao prometer liberdade e satisfação, nos aprisiona em um ciclo de desejos incessantes. Assim, somos levados a refletir criticamente sobre os impactos desse sistema e a buscar alternativas para equilibrar prazer e responsabilidade social.

A Hipermodernidade e o Ensino de Filosofia

Capítulo 3





A Hipermodernidade e o Ensino de Filosofia

Vivemos em uma era de paradoxos. A hipermodernidade, essa força invisível e avassaladora, nos impulsiona a uma velocidade vertiginosa, ao mesmo tempo em que nos arrasta para uma superficialidade inquietante. O ensino de Filosofia, que exige pausa, reflexão e um olhar crítico sobre o mundo, encontra-se em choque com essa sociedade do imediato. Como, então, garantir que a Filosofia permaneça relevante, instigante e essencial para um público acostumado à fluidez e à efemeridade das redes sociais?

Se antes o conhecimento filosófico era transmitido como um legado sólido, hoje ele precisa disputar espaço em meio a um fluxo constante de informações dispersas. O professor ou professora de Filosofia se encontra, muitas vezes, na posição de um viajante solitário, enfrentando o turbilhão de notificações, manchetes e conteúdos passageiros. Lipovetsky (2004) descreve esse tempo como uma era de excessos, em que tudo se acumula, mas pouco se aprofunda. A escola, que deveria ser um espaço de reflexão, se vê pressionada a atender demandas de um mercado que valoriza a rapidez e a eficiência, em detrimento da profundidade e da dúvida.



Ainda assim, a Filosofia resiste. Como uma árvore com raízes fincadas no solo e galhos que se estendem ao vento, ela desafia os tempos acelerados. Marilena Chauí (2000) nos lembra que a Filosofia não é um saber utilitário, mas um exercício de liberdade. Sua importância não está no imediatismo dos resultados, mas na capacidade de formar sujeitos críticos. Adorno (1995) reforça essa ideia ao afirmar que a verdadeira educação não consiste apenas na transmissão de conhecimentos, mas na libertação dos indivíduos do conformismo.



Fonte: Canva

Fonte: Canva



O ensino de Filosofia na hipermodernidade exige criatividade e adaptação. Como capturar a atenção de estudantes imersos na lógica da rapidez? Como fazer com que enxerguem a Filosofia não como um fardo curricular, mas como um convite

ao pensamento? Byung-Chul Han (2015) nos provoca ao afirmar que vivemos na era da hiperatenção, onde tudo brilha por um instante e logo se apaga. O desafio do ensino de Filosofia é encontrar maneiras de iluminar o pensamento de forma duradoura.

Nesse contexto, repensar as metodologias de ensino torna-se essencial. O professor ou professora de Filosofia deve ser mais do que um expositor de conceitos; deve ser um instigador do pensamento crítico. Jaspers (1959) enfatiza essa visão ao afirmar que a Filosofia não é um conjunto de respostas, mas um conjunto de perguntas. Ela nos convida a questionar o mundo, a nós mesmos e as relações que estabelecemos com os outros.



Fonte: Canva

Além disso, a Filosofia tem um papel fundamental na formação da subjetividade. Kant (1784) destaca que a educação deve formar indivíduos autônomos, capazes de pensar por si mesmos. Em uma sociedade onde a massificação frequentemente sufoca a individualidade, a Filosofia resgata o direito ao pensamento próprio, enfatizando que a educação não é apenas a transmissão de conhecimentos, mas a formação de seres humanos capazes de usar sua razão de forma crítica e autônoma.

Outro aspecto essencial do ensino de Filosofia é o diálogo. Gadamer (1960) ressalta que o diálogo é um encontro de horizontes, uma troca na qual diferentes visões de mundo se confrontam e se enriquecem mutuamente. Em tempos de polarização acentuada, ensinar Filosofia significa ensinar a arte da escuta, da argumentação fundamentada e da construção de pontes entre diferentes perspectivas.



Fonte: Meta AI

Desde os tempos de Sócrates, que caminhava por Atenas questionando certezas, até os dias atuais, a Filosofia tem sido uma força que inquieta e provoca. Em uma sociedade onde o pensamento crítico é muitas vezes desestimulado, ensinar Filosofia torna-se um ato de resistência. Lipovetsky (2004) destaca esse paradoxo contemporâneo: justamente quando a Filosofia se faz mais necessária, ela se vê ameaçada pelo imediatismo e pela superficialidade. Ainda assim, ela resiste.

PHILOSOPHY

Fonte: Canva



O ensino de Filosofia, portanto, deve ser pensado não apenas como um componente curricular, mas como uma prática emancipatória. Ele precisa ir além da sala de aula e se transformar em um modo de olhar para o mundo.

O desafio dos professores e professoras é grande, mas a necessidade de formar pensadores críticos nunca foi tão urgente. Como dizia Sócrates, "uma vida não examinada não vale a pena ser vivida". E, diante da turbulência da hipermodernidade, a Filosofia segue nos lembrando da importância desse exame.

A resistência filosófica à era da hipermodernidade não acontece apenas no campo teórico, mas também na prática pedagógica. A escola pode ser mais do que um espaço de transmissão de informações; pode se tornar um ambiente de reflexão e crítica. O papel do professor ou professora não é apenas o de transmissor de conhecimento, mas de provocador de questionamentos. Como argumenta Paulo Freire (1996),

“ ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Diante desse cenário, o ensino de Filosofia pode e deve se reinventar continuamente, buscando estratégias que promovam o engajamento dos estudantes sem perder a essência do pensamento reflexivo. Seja pelo diálogo, pela problematização ou pela conexão com a realidade contemporânea, a Filosofia pode ocupar seu espaço como um instrumento de libertação intelectual e resistência ao ritmo avassalador da hipermodernidade.

Das relações entre hipermodernidade, educação e ensino de Filosofia

A escola de hoje enfrenta alunos dispersos entre telas e redes sociais, enquanto a sociedade incentiva o consumo rápido de conteúdo. Bauman (2007) descreve esse fenômeno como parte da "modernidade líquida", onde tudo é fugaz e descartável, inclusive o conhecimento. Diante disso, a Filosofia tenta resistir, como um farol em meio à neblina do imediatismo.

A escola de hoje enfrenta alunos dispersos entre telas e redes sociais, enquanto a sociedade incentiva o consumo rápido de conteúdo. Bauman (2007) descreve esse fenômeno como parte da "modernidade líquida", onde tudo é fugaz e descartável, inclusive o conhecimento. Diante disso, a Filosofia tenta resistir, como um farol em meio à neblina do imediatismo.



Fonte: Canva

A Filosofia sempre foi um convite ao questionamento. Como dizia Sócrates, "uma vida não examinada não vale a pena ser vivida". Se a hipermodernidade incentiva respostas rápidas e prontas, a Filosofia propõe a arte da dúvida e da reflexão. No entanto, para continuar relevante, precisa encontrar formas de se conectar com a realidade dos estudantes de hoje. Como destaca Chauí (2000):

“ a Filosofia "não é um conjunto de respostas prontas, mas um convite à reflexão e ao diálogo". ”



Dessa forma, a educação não pode ser reduzida a um bem de consumo. Ela é essencial para formar cidadãos livres, autônomos e críticos. Em uma sociedade que transforma tudo em mercadoria, a Filosofia pode ser uma ferramenta poderosa para ajudar os estudantes a pensar de maneira independente e a resistir à lógica do consumo desenfreado.



Fonte: Canva

A hipermodernidade também nos desafia a encontrar equilíbrio entre o passado e o presente. Como sugere Morin (2000), "a educação do futuro deve ser capaz de unir o antigo e o moderno, o local e o global, o individual e o coletivo". Isso significa que não se trata de abandonar os clássicos da Filosofia, mas de torná-los relevantes para os jovens de hoje, conectando suas ideias com os desafios contemporâneos.

Diante desse cenário, ensinar Filosofia não é apenas transmitir conceitos, mas criar espaços de diálogo e reflexão. Como afirmam Aranha e Martins (1996)

“uma educação que ultrapasse os muros da escola fortalece a importância da reflexão filosófica”



Fonte: Canva

Gallo (2012) sugere que a Filosofia, por sua própria natureza, resiste à pressa e à superficialidade. O filosofar é um ato de paciência, mas também de insistência: uma forma de trazer para o presente inquietações que transcendem o tempo. E, ao ensinar Filosofia, insistimos nessa resistência, ampliando-a para mais pessoas.



Fonte: Canva

No fim das contas, a Filosofia nos ajuda a encontrar sentido no meio do caos. Em um mundo que nos empurra para a velocidade e o consumo, ela nos convida a pausar, refletir e questionar. Como podemos viver melhor? O que realmente importa? Que tipo de sociedade queremos construir? São perguntas essenciais, e é justamente por isso que a Filosofia segue sendo tão necessária.

O impacto das tecnologias digitais no ensino de Filosofia

Fonte: Canva



O avanço das tecnologias digitais mudou radicalmente a forma como aprendemos e ensinamos Filosofia. O desafio não está apenas na tecnologia, mas em como a usamos para refletir, questionar e interpretar o mundo. Vivemos um

paradoxo: nunca tivemos tanto acesso à informação e, ao mesmo tempo, nunca fomos tão reféns da superficialidade. A era digital nos acostumou a respostas rápidas e prontas, mas a Filosofia nos ensina que pensar exige tempo. Como bem destaca Morin (2011),

“a educação deve ensinar a condição humana e estimular a compreensão, a capacidade de refletir sobre si e sobre o outro. Somente assim será possível resistir à barbárie da simplificação”.

”



Fonte: Canva

O perigo da superficialidade



Fonte: Carva

A simplificação excessiva, que transforma questões complexas em frases de efeito e memes virais, é um grande desafio para o ensino de Filosofia. Como ensinar pensamento crítico em um mundo onde algoritmos reforçam nossas crenças e nos fecham em bolhas ideológicas? Como preparar os estudantes para questionar se tudo o que consomem parece óbvio e inquestionável?

A Filosofia valoriza a dúvida e a análise profunda, mas enfrenta dificuldades em um cenário onde redes sociais priorizam o engajamento rápido. As "câmaras de eco" criam uma ilusão de consenso, tornando difícil o exercício da crítica. Por isso, o ensino da Filosofia não pode se limitar à transmissão de conteúdos teóricos; ele precisa capacitar os estudantes a reconhecer e questionar os mecanismos que moldam seu pensamento.

Como ensinar Filosofia na era digital?

Ensinar Filosofia hoje exige mais do que apenas expor ideias. É preciso ensinar os estudantes a desconfiar do que parece óbvio, identificar vieses e resistir à sedução das respostas fáceis. Isso significa não só estudar filósofos clássicos, mas também aplicar o pensamento crítico no dia a dia: na análise de notícias, discursos políticos e conteúdos das redes sociais.

Se a Filosofia nasceu na ágora, entre debates e diálogos, hoje ela pode encontrar espaço nos fóruns digitais e redes sociais. Imagine Platão conduzindo uma discussão no Twitter ou Aristóteles organizando um seminário via podcast.

Fonte: Meta AI





Fonte: Meta AI

Ferramentas como jogos filosóficos, realidade virtual e plataformas colaborativas podem tornar o ensino mais dinâmico e próximo da realidade dos estudantes. Em vez de ver a tecnologia como um obstáculo ao pensamento profundo, podemos usá-la para suscitar questões filosóficas ainda mais pertinentes.

O desafio da distração

A Filosofia exige profundidade, enquanto a era digital incentiva a dispersão. A cada notificação, somos afastados do foco e arrastados pelo fluxo infinito de informações. Como sustentar um pensamento complexo diante de tantas interrupções? A solução passa por um ensino que equilibre tecnologia e contemplação, criando um ambiente que não apenas utilize ferramentas digitais, mas também ensine os estudantes a se desconectar quando necessário. O silêncio e a pausa são essenciais para o pensamento filosófico.

Filosofia e educação na hipermodernidade

A escola deve ser um espaço de formação de cidadãos críticos e engajados. Como alerta Bauman (2007), "na sociedade líquido-moderna, a educação é tratada como um produto de consumo, e os alunos, como consumidores". Esse modelo empobrece a experiência educacional e desumaniza o ensino, reduzindo-o a uma mera transação. Para que a Filosofia mantenha sua relevância, é essencial que o ensino supere a lógica da performance e do rendimento imediato, priorizando a reflexão e a compreensão.

Fonte: Canva



Outro desafio é a diversidade. A escola deve ser um ambiente inclusivo, onde diferentes culturas, valores e visões de mundo coexistam e sejam respeitadas. Além disso, vivemos uma crise de sentido: em um mundo acelerado e descartável, muitos jovens se sentem perdidos.

O ensino da Filosofia pode ajudar a resgatar esse sentido, conectando o conhecimento com a vida e os sonhos dos estudantes.

O papel do educador

Diante desse cenário, muitos educadores se sentem desmotivados. No entanto, como destaca Freire (1996),

“a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas mudam o mundo”.

Para isso, é necessário repensar o ensino de Filosofia. Em vez de se limitar à transmissão de conteúdos, a escola deve se tornar um espaço de diálogo e construção coletiva. Como argumenta Morin (2000), "a educação do futuro deve ser uma educação para a complexidade, capaz de integrar diferentes saberes e perspectivas".

O celular: vilão ou aliado?

Na era da informação, a Filosofia enfrenta um desafio crucial: como competir com o fluxo constante de conteúdos que inundam o cotidiano? Ensinar Platão ou Kant a uma geração hiperconectada exige novas abordagens. O celular, por exemplo, tornou-se um símbolo da hipermodernidade: ao mesmo tempo, uma ferramenta de conexão e um instrumento de distração. Para alguns educadores, ele é um vilão;

para outros, um aliado. Como lembra Lipovetsky (2004), "a hipermodernidade não é apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época". Nesse novo cenário, a educação precisa se reinventar. O celular pode ampliar nossas capacidades cognitivas, desde que seja utilizado de forma intencional e reflexiva.



Fonte: Meta AI

Ele permite acessar informações em tempo real, mas também pode fragmentar nossa atenção. Seu uso em sala de aula pode ser um recurso valioso para pesquisas, debates e acesso a textos filosóficos. No entanto, sem um direcionamento adequado, pode se tornar uma fonte de distração e desigualdade, pois nem todos os estudantes possuem dispositivos ou acesso à internet de qualidade.

Diante disso, cabe ao ensino da Filosofia orientar os estudantes na construção de uma relação crítica e consciente com a tecnologia. Como bem afirma Chauí (2003), "filosofar é desnaturalizar o que é dado como natural, é questionar o que parece óbvio". E, em um mundo onde o uso do celular parece tão natural quanto respirar, essa atitude questionadora se faz mais necessária do que nunca.

O ensino de filosofia a partir da colonização e a redução como herança desse momento.

Como lembra Lipovetsky (2004), "a hipermodernidade não é apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época". Nesse novo cenário, a educação precisa se reinventar. O celular pode ampliar nossas capacidades cognitivas, desde que seja utilizado de forma intencional e reflexiva. Ele permite acessar informações em tempo real, mas também pode fragmentar nossa atenção. Seu uso em sala de aula pode ser um recurso valioso para pesquisas, debates e acesso a textos filosóficos. No entanto, sem um direcionamento adequado, pode se tornar uma fonte de distração e desigualdade, pois nem todos os estudantes possuem dispositivos ou acesso à internet de qualidade.

Diante disso, cabe ao ensino da Filosofia orientar os estudantes na construção de uma relação crítica e consciente com a tecnologia. Como bem afirma Chauí (2003),

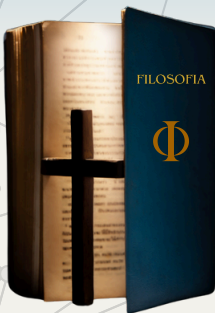
“filosofar é desnaturalizar o que é dado como natural, é questionar o que parece óbvio”.

E, em um mundo onde o uso do celular parece tão natural quanto respirar, essa atitude questionadora se faz mais necessária do que nunca.



Fonte: Copilot

Fonte: Canva



Desde a chegada dos colonizadores ao Brasil, a Filosofia foi moldada por interesses externos, distantes de sua essência como busca autônoma pelo conhecimento. Em vez de surgir como um espaço de pensamento crítico e reflexão livre, o ensino filosófico foi enquadrado dentro das estruturas de poder que aqui se instalaram.

No início da colonização, o pensamento filosófico europeu desembarcou não para dialogar com as culturas e cosmovisões já existentes, mas para servir a um propósito maior: tornar-se uma ferramenta de doutrinação. Mais do que uma imposição religiosa, esse movimento fazia parte de um projeto que abrangia o controle político, econômico e cultural da nova terra.



Fonte: Copilot



Fonte: Copilot

O ensino de Filosofia, nesse período, não tinha como objetivo estimular o questionamento, mas sim legitimar um discurso que sustentava a dominação colonial. As primeiras instituições de ensino foram estruturadas pelos jesuítas, cuja missão ia além da conversão religiosa. Eles trabalhavam para

erradicar os saberes indígenas e africanos, impedindo que qualquer outro conhecimento rivalizasse com o pensamento europeu hegemônico.

Mesmo com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, a estrutura colonial. Esse modelo de ensino filosófico não incentivava a autonomia intelectual. Pelo contrário, a Filosofia foi reduzida a um meio de justificar a fé e a ordem social vigente. O pensamento crítico, que é o cerne da Filosofia, foi substituído por um ensino baseado na memorização e na aceitação acrítica dos textos clássicos.

Essa redução da Filosofia a um papel acessório e submisso ecoa até os dias de hoje. Muitas vezes tratada como uma disciplina secundária no currículo escolar, a Filosofia ainda carrega o peso de sua história colonial. Durante o século XX, especialmente durante a Ditadura Militar (1964-1985), a disciplina foi suprimida do ensino formal, sendo substituída por matérias que tinham o objetivo de formar cidadãos obedientes e produtivos, e não indivíduos críticos e reflexivos.

Essa decisão não foi um acaso, mas uma estratégia política clara. Em regimes autoritários, o pensamento filosófico é visto como um risco, pois estimula a reflexão e o questionamento das estruturas de poder. Como Paulo Freire apontou, um modelo educacional que trata os alunos como meros receptáculos de conhecimento

reflete uma estrutura social que busca manter a ordem e evitar mudanças. Ensinar a pensar e a questionar é sempre uma ameaça para sistemas que se sustentam na passividade e na obediência.



Fonte: Copilot



Referências das imagens

BRASILEIRO, Partido Comunista. **Um perfil da burguesia brasileira.** Acessado: 02/03/2025, disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/29081>

COUTO, Pann. **Que futuro Deus dará?.** Sextante. Acessado: 02/03/2025, disponível em: <https://kulturiart.blogspot.com/2003/01/mudana-cultural.html>

CULTURAL, Arte. Revista United Phot Press. **Mudança Cultural.** Acessado: 02/03/2025, disponível em: <https://kulturiart.blogspot.com/2003/01/mudana-cultural.html>

FRONTEIRAS. **Gilles Lipovetsky:** “Vazio de projetos coletivos é preenchido com a exigência de moralidade e de honestidade”.

- <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/gilles-lipovetsky-lvazio-de-projetos-coletivos-e-preenchido-com-a-exigencia-de-moralidade-e-de-honestidader>


LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo** -

<https://www.fronteiras.com/leia/exibir/gilles-lipovetsky-lvazio-de-projetos-coletivos-e-preenchido-com-a-exigencia-de-moralidade-e-de-honestidader>

LIPOVETSKY,, Gilles. **O império do efêmero** - <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/gilles-lipovetsky-lvazio-de-projetos-coletivos-e-preenchido-com-a-exigencia-de-moralidade-e-de-honestidader>

LIPOVETSKY, Gilles. **Crepúsculo do Dever** - <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/gilles-lipovetsky-lvazio-de-projetos-coletivos-e-preenchido-com-a-exigencia-de-moralidade-e-de-honestidader>

LIPOVETSKY - **Título honoris causa** - <https://portal.pucrs.br/noticias/institucional/gilles-lipovetsky-e-doutor-honoris-causa-pela-pucrs/>



SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: Soldado proibindo um cartaz com elementos da filosofia. Copilot. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem dividida ao meio onde de um lado terá um jesuíta e no outro lado a coruja da filosofia. Copilot. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem dividida ao meio onde um lado represente uma caravela e do outro lado represente a filosofia. Copilot. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: um celular com um cérebro realista. Copilot. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: Dois celulares modernos, um como vilão e o outro como aliado. Copilot. . Rio Branco, 2025.


SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: Platão e Aristóteles discutindo em um forum na internet. Copilot. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: A contemporary philosophy teacher in modern clothing dialoguing with the Greek philosopher. Copilot . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: um professor de filosofia dando aula, dentro da sala coloque elementos no cenário que se alinhe com o conceito de hipermodernidade, divida a sala ao meio onde de um lado coloque elementos tradicionais da filosofia. Copilot. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: um homem de perfil, onde ele é dividido ao meio onde o lado esquerdo representa a hipermodernidade e o lado direito um vazio. Meta AI. Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem que represente de uma pessoa com elementos sobre liberdade desigualdade e consumo. Meta AI. . Rio Branco, 2025.



SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem do mito grego Narciso contemporâneo. Meta AI. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem de uma pessoa observando o avanço da hipermodernidade e questionando a mesma. Meta AI. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem que representa uma desconstrução de significados com tons leves, uma pessoa pensando em significados e na desconstrução dos mesmos. Meta AI. . Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem de um rosto de uma pessoa se desconstruindo, representando a mudança da sociedade. Meta AI. Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem que um perfil de uma pessoa, onde de um lado represente o Narciso da mitologia grega, e no outro lado represente um Narciso hipermoderno. Meta AI. Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem que retrate uma a passagem da modernidade para hipermodernidade Meta AI. Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem de uma mulher afrodescendente individualista. Meta AI. Rio Branco, 2025.

SOUZA, Jozimar. Imagem criada com auxílio de inteligência artificial: uma imagem de um afrodescendente em contato com a natureza e contemplando a mesma. Meta AI. Rio Branco, 2025.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulação. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANTUÁRIO, Victor André Pinheiro. Hipermmodernidade: a era de Narciso e as faces do consumo. Macapá: UNIFAP, 2022.

CHARLES, Victor. Narcisismo e Sociedade Contemporânea. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARLES, Sébastien (Org.). Comte-Sponville, Conche Ferry, Lipovetsky, Onfray, Rosset: é possível viver o que eles pensam?. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2000.

EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. Tradução de Elisabeth Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 1996.


FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, H.-G. Verdade e Método. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997

GALO, Sílvio. Filosofia e ensino de filosofia: entre a resistência e o devir. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAN, B.-C. Sociedade do Cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015

JASPERS, K. Introdução ao Pensamento Filosófico. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1959.



KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento? Trad. Raimundo Vier. In:

KANT, Immanuel. Textos Seletos. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 100-116.

KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro. Barcarolla, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do consumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROULT, Romain; PRONOVOST, Gilles; MARTINEAU, Frédéric. Usando os conceitos de Gilles Lipovetsky para enquadrar os estudos de lazer na era hipermoderna. *International Journal of the Sociology of Leisure*, v. 5, p. 167–184, 2021. DOI: 10.1007/s41978-021-00090-7.


LESSING, D. As Experiências Psíquicas. Tradução de J. Teixeira de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LUCENA, Paulo Francisco da Costa. Processo de personalização ambivalente: ensaio sobre o ser pós-moderno em Lipovetsky, mediante a ambivalência em Bauman. *Revista Saber Acadêmico*, São Paulo, n. 24, p. 96, 2017.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna: um relato sobre o saber. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política – Livro II: O processo de circulação do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.



MEYROWITZ, J. Global Permeabilities. In Larreta, E.R. (org.). Media and Social Perception. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM,1999, pp.423-441.

MORIN, E. A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

NUSSBAUM, Martha. Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

VOLLI, Ugo. Fascínio: fetichismo e outras idolatrias. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, 2006.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

Produto educacional
Ebook

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO
CONTEXTO DA
HIPERMODERNIDADE:**

uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky

Jozimar Farias de Souza